

NOTICIÁRIO

TORTUGA

EDIÇÃO 449 . ANO 52 . JAN/FEV 2007

ESPECIAL

MATO GROSSO DO SUL RESPIRA

PRODUÇÃO

Certificação EurepGap

**As grandes
exposições estão chegando**

Como manejar corretamente os ovinos



NUTRIÇÃO E SAÚDE ANIMAL

EDITORIAL

Tortuga e o Mato Grosso do Sul, uma história de afinidade.

Fidelidade talvez seja o termo que melhor define o compromisso da Tortuga com a pecuária brasileira, em particular a do Mato Grosso do Sul há quase quatro décadas. Afinal, a busca do desenvolvimento, com difusão de novos conhecimentos e tecnologia em nutrição e saúde animal, sempre norteou o investimento da empresa no Centro-Oeste. Sem contar o sonho de integração dos vários segmentos da cadeia de produção pecuária.

É com extremo orgulho que a Tortuga comemora a pujança do Mato Grosso do Sul no agronegócio nacional. Nossa felicidade é ainda maior porque acompanhamos de perto e colaboramos para que esse sucesso fosse alcançado.

O nosso presente ao estado é a moderna Unidade Administrativa de Vendas e Central de Distribuição, inaugurada em novembro de 2005, na capital Campo Grande, proporcionando ainda mais agilidade e precisão ao atendimento de nossos clientes, seja na assistência técnica direta ou na entrega dos pedidos.

Esse investimento coroa o trabalho competente de um time de profissionais e o apoio indispensável de empresas representantes espalhadas pelo estado. Sem contar o respaldo técnico proporcionado pelas fazendas Caçadinha e União, em Rio Brilhante, dois verdadeiros campos de prova para testar as tecnologias antes de colocá-las à disposição do campo.

Assim, é com grande satisfação que retratamos as potencialidades do Mato Grosso do Sul no Especial desta edição do Noticiário Tortuga. Esperamos que gostem, pois estão aí exemplos fiéis do compromisso de nossa equipe de fazer sempre mais por seus parceiros.

Boa leitura

MAX FABIANI
Presidente da Tortuga



CARTAS

Visita à fábrica

Tive a grata surpresa, começando pelo restaurante e finalizando na fábrica, do que representa a Tortuga em termos de suplemento mineral em nível de Brasil. Para nós, clientes da empresa, a impressão em termos de confiabilidade na marca é requisito fundamental, além de ver de perto a estrutura física de primeiro mundo, o controle de qualidade na produção e a capacitação técnica dos funcionários para garantir o padrão de qualidade do produto final. Agradeço pela receptividade e atualização técnica proporcionada.

VICTOR BATISTA NUNES JUNIOR
Diplomata Alimentos, Cascavel (PR)

"Falem mais de ovinos"

Sou cliente da Tortuga desde do final de 2004 e me sinto muito feliz por ter encontrado essa empresa, líder de vendas e desenvolvimento, e que não se preocupa só com as vendas mas sim com o cliente. Agradeço por duas matérias importantes para mim no Noticiário Tortuga 447: Água e saúde animal e benefícios do protéico. Tem uma frase muito falada na escola: "A genética dos animais está na boca". E disso a Tortuga entende muito bem; por isso, é líder.

ALAIR FIGUEIREDO SANTOS
Técnico em Zootecnia, Lagedo do Tabocal (BA)

Excelente material

Recebo o Noticiário Tortuga há algum tempo. Sempre gostei muito, leio tudo. Agora, o informativo virou uma bela revista, produzida com excelente material e com ótimos artigos. A Tortuga já presta um grande serviço à pecuária nacional com seus produtos. Agora, ela presta outro grande serviço para quem gosta de ler, aprender e atualizar-se. Na edição 447 gostei, especialmente, do editorial. O produtor rural tem sofrido muito e, quando alguém semeia a esperança, há sempre esperança de dias melhores. Parabéns.

RONALD GUIMARÃES
Presidente do Sindicato Rural de Iguatama (MG)

Apoio à divulgação

A Geraembryo e a Unopar agradecem a Tortuga pela participação ativa de seus técnicos na programação e na divulgação do curso via satélite de bovinocultura de corte, que será realizado durante 2007 para todo o Brasil.

RUBENS CÉSAR P. DA SILVA
Médico veterinário, Londrina (PR)
tel.: (43) 3523-3903 | www.geraembryo.com.br

MERCADO

	Fevereiro 2006	Fevereiro 2007
Boi Gordo (@)	R\$ 53,97	R\$ 56,35
Suíno (@)	R\$ 41,00	R\$ 35,00
Frango Vivo (kg)	R\$ 1,45	R\$ 1,75
Ovos Bco Ext. (30 dz)	R\$ 30,70	R\$ 42,70
Leite B (litro)	R\$ 0,47	R\$ 0,58
Leite C (litro)	R\$ 0,43	R\$ 0,48
Milho (saca)	R\$ 19,00	R\$ 17,50
Soja (saca)	R\$ 28,20	R\$ 30,50

fonte: Canal Tortuga

Preços ao produtor Base São Paulo

1US\$ = R\$ 2,12



PANTANAL

Boi Gordo (dólores por arroba)

	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
JAN	23,03	24,11	20,13	23,28	20,98	18,94	16,28	21,01	21,93	22,02	25,07
FEV	23,84	23,95	16,95	22,53	20,00	19,17	16,15	19,74	22,77	23,72	26,06
MAR	24,60	24,25	17,15	22,10	19,15	18,75	16,53	20,30	21,85	23,83	
ABR	24,52	24,10	18,59	21,62	19,40	18,53	18,11	20,65	22,09	23,94	
MAI	24,41	23,08	18,12	20,48	17,85	16,93	18,20	19,71	22,84	22,58	
JUN	24,20	23,38	17,28	21,56	17,47	15,84	18,72	19,81	22,82	21,33	
JUL	24,99	23,68	18,60	21,96	17,00	14,63	19,44	20,10	22,78	24,60	
AGO	24,37	23,90	17,53	23,21	17,43	16,07	19,65	21,17	22,45	26,92	
SET	24,23	25,40	18,70	21,20	16,09	15,26	20,52	20,76	22,72	28,55	
OUT	25,45	23,56	20,31	23,16	17,51	14,71	20,96	21,00	25,27	26,85	
NOV	24,38	24,30	21,76	21,56	18,08	16,49	20,94	22,66	25,79	24,83	
DEZ	25,13	23,64	22,59	20,88	19,04	16,25	22,05	22,05	22,80	24,66	

NESTA EDIÇÃO

- 09 A FEBRE DA CERTIFICAÇÃO EUREPGAP
- 11 COMO MANEJAR CORRETAMENTE OS OVINOS
- 15 OS DOIS LADOS DOS PROTÉICOS
- 19 AS GRANDES EXPOSIÇÕES ESTÃO CHEGANDO
- 22 ESPECIAL MATO GROSSO DO SUL

- 02 Editorial
- 02 Cartas
- 03 Mercado
- 04 Qualidade
- 08 Inovação
- 11 Tecnologia
- 16 Entrevista
- 18 Foco
- 19 Panorama



NUTRIÇÃO E SAÚDE ANIMAL

TORTUGA CIA. ZOOTÉCNICA AGRÁRIA
 AV. BRIG. FARIA LIMA, 2.066 - 13º ANDAR
 SÃO PAULO - SP CEP 01452-905
 TELEFONE: (11) 2117-7700 FAX: (11) 3816-6122
 E-MAIL: NOTICIARIO@TORTUGA.COM.BR
 SAC 0800 011 6262
www.noticiariotortuga.com.br

NOTICIÁRIO TORTUGA

Noticiário Tortuga é o veículo de comunicação oficial da Tortuga Cia. Zootécnica Agrária, publicado desde 1954.

COORDENAÇÃO TÉCNICA
 Paulo Cezar de Macedo Martins (CRMV-MG 1431)
 PRODUÇÃO EDITORIAL
 Texto Assessoria de Comunicações
 JORNALISTA RESPONSÁVEL
 Altair Albuquerque (MTb 17.291)
 EDITOR
 Marcio Mingardo
 REDAÇÃO
 Marcelo Oliveira, Marcos Besse
 FOTOS
 Texto Assessoria de Comunicações,
 Arquivo Tortuga
 PROJETO GRÁFICO
 IDE2 identidade . design . estratégia
 EDIÇÃO ON-LINE
 Paulo Henrique B. de Oliveira
 TIRAGEM: 100 MIL EXEMPLARES

Fale com a Redação:
 E-MAIL: IMPRENSA@TEXTOASSESSORIA.COM.BR
 TELEFONE: (11) 3037-7288

QUALIDADE

Fazenda Cabaçal colhe os FRUTOS DO TRABALHO SÉRIO

Propriedade de Benedito Augusto Muller parte para o quarto ano nas pistas de julgamentos da raça Nelore, mas os resultados já são consistentes.

Benedito Augusto Muller atua na agroindústria de cana há vários anos. Quinze anos atrás, resolveu investir em pecuária e adquiriu a primeira das propriedades que hoje formam a Fazenda Cabaçal, localizada em Veríssimo e Uberaba, em Minas Gerais. No início do projeto, Muller criava, recriava e engordava animais da raça Nelore, além de fazer cruzamentos industriais. Em 1994, iniciou seu plantel de Nelore PO, inseminando as fêmeas com touros consagrados naquela época. Na sequência, ele adquiriu seus primeiros embriões, matrizes e doadoras e, em 2004, participou de sua primeira exposição agropecuária, em Uberlândia, sendo premiado com o primeiro lugar em algumas categorias.

Os resultados o motivaram. Ele entrou em pista em algumas exposições de

2005 e ingressou no Ranking Nelore Nacional (05/06) da ACNB (Associação dos Criadores de Nelore do Brasil), e passou a participar mais ativamente. Na Expoinel 2006, em Uberaba, classificou-se como 5º Melhor Criador e fechou o ranking nacional como 2º Melhor Novo Criador e 6º Melhor Criador. Os destaques foram as progênes da matriz Fada da Caparaó com os reprodutores Enlevo da Morungaba e Bitele da SS. Aliás, Muller já adianta que levará para as exposições de 2007 “produção fantástica com Legat, Edhank, Nobre e Magnífico”.

Fada da Caparaó foi adquirida no Leilão Noite dos Campeões (Expozebu), em 2004, sendo uma das recordistas da noite. Os resultados de suas progênes comprovam que o investimento foi correto. “Além de excelente produtora de animais, Fada produz em média 10 prenhez por coleta e, devido ao seu pedigree aberto (Ganhoso em vaca Pradesh), acasala muito bem com vários reprodutores”, explica o criador.

A doadora da Fazenda Cabaçal tem apenas quatro anos e meio de idade, já se prova uma grande mãe e começa a se provar uma grande avó (matriarca): em outubro de 2006, nasceu sua primeira neta (acasalamento de Big Ben SN com Oluka da Cabaçal, filha de Fada com Enlevo), que já se destaca na fazenda.

A qualidade do plantel da Fazenda Cabaçal é reforçada por outras fêmeas de destaque, como a doadora Nafa TE da HP, que ao lado de Fada, está entre as 10 melhores matrizes do ranking nacional

05/06. Há outros destaques. A propriedade de Benedito Augusto Muller também conta com filhas e descendentes das excepcionais Betina, Ôpera, Flor de Lis, Ryatina, Típica, Lacota, Bilaras IV, VI e XII e Fayzabad, o que significa muito sucesso nos próximos anos.

A propriedade faz, em média, 400 prenhez por ano a partir da FIV (Fertilidade *In Vitro*), além das matrizes PO a campo, e investe em grandes culturas, como soja, milho e cana-de-açúcar.

Segundo o gerente, Luiz Cezar Vilela, há dois anos os animais da Fazenda Cabaçal utilizam suplementos nutricionais do Programa Boi Verde, da Tortuga. Os resultados apareceram rapidamente, especialmente com o uso de Fosbovi Reprodução. “Na primeira estação (2005/2006), obtivemos ótimos resultados, com alguns lotes obtendo 92% de prenhez. A média no rebanho a campo atingiu 86%, em 100 dias de trabalho. A Tortuga é nossa fornecedora de minerais por somar às expectativas da Fazenda Cabaçal. Os seus técnicos estão preocupados não somente com a venda dos produtos, mas também com os nossos resultados. Mensalmente, ou quando são requisitados, eles vêm à fazenda avaliar as pastagens, os cochos e a distribuição do mineral no campo com o pessoal da propriedade. Isso é parceria”, assinala Cezar.

ROGÉRIO AFONSO GUIMARÃES
Assistente de Produtos Tortuga
Triângulo Mineiro, MG

MULLER (DIR) E VILELA:
GENÉTICA DIFERENCIADA



FOTO: ARQUIVO TORTUGA

São Rafael atingiu o topo. E QUER MAIS.

O sufixo Purunã é marca de destaque em cavalos Crioulos no País. Sucesso nas pistas mais disputadas, segue conquistando títulos e reconhecimento.

A Cabanha São Rafael, do distrito de São Luiz do Purunã, em Balsa Nova (PR), chegou no mais alto pedestal da criação de eqüinos da raça Crioula no País. Entre outras conquistas, estão o Freio de Ouro com Dom Carrasco do Purunã e a Grande Campeã da Expointer, Naia do Purunã. E tem mais: tetracampeonato do Ranking Morfológico, tricampeonato do Ranking Funcional e tricampeonato da Copa dos Criadores da Associação Brasileira dos Criadores de Cavalos Crioulos. São resultados fantásticos, que colocam a São Rafael entre os três melhores plantéis do Brasil.

O segredo de tamanho sucesso? “Em uma criação existem três pontos básicos e fundamentais para a seleção zootécnica: genética, nutrição e sanidade. Estes três fatores são responsáveis pelo sucesso. Sem um deles não se consegue ter resultados expressivos”, enfatiza Lauro Martins, administrador da Cabanha São Rafael.

A São Rafael seleciona Crioulos desde 1987. No início do projeto, a idéia era melhorar a qualidade dos cavalos de ser-

viço da fazenda. Depois, veio a participação em exposições morfológicas e funcionais, com conseqüente necessidade do investimento em genética, mão-de-obra, manejo e nutrição adequados. “A partir daí começaram a aparecer os resultados”, ressalta Martins.

Os animais da São Rafael são criados à base de pastagens. Eles também recebem suplemento mineral e são vermifugados. Em termos de manejo, são domados aos três anos de idade. Depois da doma, é programado o futuro de cada um, de acordo com o seu perfil.

Lauro Martins destaca a importância de um parceiro de confiança em nutrição. “Quando se tem genética diferenciada e manejo adequado, é fundamental dispor de nutrição à altura para que esses dois outros fatores possam se destacar. A Tortuga ocupa espaço de destaque em termos de mineralização no Brasil. Além disso, está colocando no mercado um suplemento mineral de qualidade comprovada, Kromium, que atende às necessidades dos criadores que já fizeram

altos investimentos em genética, material humano, manejo sanitário e pastagens. A Tortuga faz a outra parte, produzindo o que faltava em termos de mineral para eqüinos”, assinala o administrador da Cabanha São Rafael.

Martins festeja não apenas os resultados da São Rafael mas também o atual momento da criação de eqüinos no Brasil. “A eqüinocultura, ao contrário da agropecuária em geral, vem recebendo investimentos de outros setores por apresentar liquidez e rendimento favorável. Com isso, o mercado cresce mais de 10% ao ano, motivando novos investidores”.

Além disso, o Brasil tem larga tradição na atividade, o que fortalece ainda mais esse setor. “Temos os melhores cavalos e os melhores cavaleiros. Visto que em várias modalidades de competição os conjuntos brasileiros são sempre muito competitivos”, diz o especialista.

LAURO (DIR) E TROPA DA SÃO RAFAEL:
OS RESULTADOS APARECEM



QUALIDADE

Pequeno sim, MAS COM RENTABILIDADE

Propriedade leiteira do Rio Grande do Sul obtém lucro com gerenciamento na ponta do lápis.

Mauri Antônio Zanatta é produtor de leite de pequeno porte em Santa Cecília, região nordeste do Rio Grande do Sul. Mas isso não significa que ele não tenha um negócio rentável nas mãos. Parceiro da Tortuga há 11 anos, desde o início das atividades, a fazenda mantém plantel de 50 vacas, sendo 44 em lactação, com a excelente média de 26 litros por vaca/dia.

Com gestão familiar, manejo simples mas eficiente, alimentação de qualidade e cuidados sanitários indispensáveis, a propriedade obteve lucro líquido de R\$ 6 mil nos últimos 12 meses. Nada mal, para um período tão longo, quando a remuneração ao produtor oscilou para cima e para baixo várias vezes.

A propriedade foi tema de tarde de campo realizada pela Empresa Laticínios Bom Gosto, de Tapejara (RS), em parceria com a Tortuga. A Bom Gosto recebe 700 mil litros de leite/dia, posicionando-se como o terceiro maior em captação do Rio Grande do Sul.

Participaram do evento 480 produtores gaúchos e os temas principais foram mercado do leite, suplementação mineral e sua importância, criação de terneiras, qualidade do leite e gerenciamento da propriedade, este coordenado pelo técnico Carmelindo Tomiello.

O tambo de Mauri e Loreci Zanatta tem 33 hectares. O leite ocupa 20 ha no inverno e 8 ha no verão. Além da excelente produção por vaca, outros indicadores são destacados: o intervalo de partos é de 13 meses, a contagem de células somáticas atinge 220.000/ml e a contagem global (bactérias) é de 100.000/ml UFC. Comprovando a qualidade do produto final, o teor médio de gordura é de 3,6% e o de proteína, 3,2%.

A alimentação merece atenção especial. No inverno, a base da dieta é com pastagem de azevém (até 24,9% de nível de proteína bruta) mais feno de azevém, com o objetivo de aumentar o teor de fibra e estimular a salivação. “As análises

das pastagens constataram nível baixo de FDN, podendo ocasionar problemas em relação ao pH ruminal. Além disso, não se pode esquecer da utilização de tanninos na ração”, ressalta Tomiello. O concentrado é composto com milho grão úmido, farelo de soja, farelo de trigo e Lactobovi Top. No verão, o manejo nutricional é composto basicamente por volumosos, com tifton e silagem de milho.

Carmelindo Tomiello enfatiza que as pastagens da propriedade de Mauri Zanatta apresentam ótimo nível, devido aos cuidados dispensados após cada pastoreio – é feita cobertura de 100 kg de uréia e 50 kg de adubo químico, gerando custo de 1,5/2,5 litros de leite/animal/dia no verão; e, no inverno, entre 1/1,5 litros de leite/vaca dia. “Para não ocorrer desperdício de pastagens, tudo é piqueteado com cercas elétricas – no total, são 30 piquetes. No inverno, os piquetes têm em média 7.300 m²; e, no verão, até 3.200 m².

Quanto ao manejo dos animais no período seco, Mauri Zanatta destaca o excelente resultado obtido com a tecnologia da dieta aniônica, com o fim de casos de hipocalcemia e redução drástica de ocorrências de retenção de placenta, a partir do uso de ração com minerais orgânicos da Tortuga. “Também utilizamos Boviprima na criação de terneiras, Lactobovi Top para vacas de alta produção e o Novo Bovigold”, ressalta o criador. Os resultados aparecem, proporcionando rentabilidade e perspectivas positivas para o projeto.

FAMÍLIA ZANATTA E TOMIELLO:
LUCRO COM O LEITE



Exemplo de eficiência na SUINOCULTURA PAULISTA

Granja João do Bino, de Pedra Bela, aposta em tecnologias, inclusive de minerais orgânicos Tortuga, e alcança elevada produtividade.

As dificuldades do passado para levar adiante a criação de suínos do pai, João Alves de Souza, trabalho iniciado no começo da década de 1970, hoje são lembranças que o suinocultor Luiz Alves de Souza, dono da granja João do Bino, guarda até com certo saudosismo. Lembranças de um tempo em que as tecnologias não eram tão presentes no dia-a-dia da propriedade e a falta de recursos para administrar o negócio dificultava sobremaneira a melhoria nos resultados da criação.

DADOS ZOOTÉCNICOS DA GRANJA JOÃO DO BINO*

Média nascidos totais	13,67
Média nascido vivos	12,73
Média desmamados	11,03
Peso nascimento	1,352 Kg
Peso leitegada	17,211 Kg
Idade desmame	21 dias
Peso desmame	6,297 Kg
Peso saída da creche	29,942 Kg
Idade saída da creche	70 dias
G.P.D. (creche)	483 g
Idade abate	138 dias
Peso abate	95,56 Kg
G.P.D. (cresc./term.)	965 g
C.A. (creche)	1,38
C. A. (cresc./term.)	2,65
C.A. (nasc./abate)	2,19

*1º Semestre de 2006

LUIZ ALVES E FAMÍLIA COM A EQUIPE
TORTUGA: PARCERIA POSITIVA



FOTO: MARCIO MINGARDO/TEXTO

A granja, cujo nome é uma homenagem ao 'seu' João do Bino, como ficou conhecido o suinocultor no bairro Arara dos Binos, em Pedra Bela, interior de São Paulo, começou com uma criação modesta, com apenas três porcas, compradas ali mesmo na região. Aos poucos, o projeto foi evoluindo e parte do lucro foi utilizada na aquisição e incorporação no plantel de animais de genética melhoradora. Esse trabalho foi feito em grandes selecionadores de suínos do interior paulista, como Fazendas Baronesa e Fazenda Paineira, entre outros.

Nas palavras do suinocultor, que hoje já passou parte da administração do projeto para os filhos, foi a partir dessa fase que o melhoramento genético começou. E esse trabalho já dura 30 anos, sempre com a filosofia de tirar da suinocultura a base para reinvestir na criação, seja em melhorias na parte de infra-estrutura ou mesmo no manejo do plantel. "Nossa criação sempre teve como critério aproveitar ao máximo os momentos de alta nos preços dos suínos para investir na melhora da produção", lembra Luiz Alves de Souza, que está à frente dos negócios desde 1987, quando adquiriu a parte dos irmãos na herança deixada pelo pai. Wellington Luiz Alves de Souza, filho mais velho do produtor, é o responsável pelo gerenciamento da produção. Para ele, o uso de tecnologias para melhorar a produtividade dos animais é um grande trunfo que o criador pode dispor.

Paulo Ricardo Lima de Oliveira, co-

ordenador da linha de nutrição de suínos da Tortuga, destaca a participação direta da família na granja, sendo este um dos pontos que mais contribuem para os bons resultados. A Tortuga é responsável pela nutrição e orientação técnica (manejo nutricional e sanidade). Os resultados dessa parceria da granja com a empresa, apesar de recente, surpreenderam o criador, que só produzia leitões e hoje trabalha com ciclo completo. "A aposta que fizemos na tecnologia dos minerais orgânicos da Tortuga aumentou nosso desempenho em todas as etapas da produção, e com melhor relação custo x benefício", diz.

Reprodução é o ponto forte – A reprodução da granja João do Bino é toda feita baseada na inseminação artificial, o que ajuda muito a manter os bons índices reprodutivos, garante Wellington. A reposição das matrizes ocorre na própria granja, garantindo animais melhor adaptados e menor risco sanitário para o plantel. Atualmente, a granja trabalha com 250 matrizes. Metade da receita da granja é proveniente da venda de leitões. A outra metade é resultado da venda de animais para o abate.

Os números de produtividade obtidos na granja João do Bino nos últimos anos são motivação para o criador apostar suas fichas na melhoria contínua da sua produção. Tudo isso graças ao rigoroso controle feito na propriedade, que vai da preparação das marrãs até as fêmeas mais velhas. A granja também trabalha com desmame de 21 dias e indução de partos. "Isso proporciona maior controle sobre o manejo dos animais recém-nascidos, mais vulneráveis às agressões externas", ressalta o criador, que chama atenção à taxa de prenhez da granja, hoje em 93%. Outro indicador interessante é a média

de leitões nascidos totais: 13,67.

“A seleção prioriza as tendências da moderna suinocultura comercial, que prima por apurados perfeitos, precocidade sexual e de acabamento, além de aparelho reprodutivo bem formado”, completa Wellington.

Dieta garante mais carne – A alimentação também é uma preocupação do criador, que conhece bem a importância do bom balanceamento nutricional, específico para cada genética disponível no mercado, podendo dessa forma aproveitar todo o seu potencial.

O balanceamento nutricional deve ser feito para manter a matriz em ótimas condições de produção e com capacidade de manutenção da mãe e sua leitegada. Nutrição mal balanceada pode gerar grandes prejuízos, bem como a utilização de matérias-primas de baixa qualidade. O bom balanceamento é fundamental para ter matrizes com vida útil maior e leitegadas mais homogêneas e saudáveis.

“Aos 240 dias de idade, as fêmeas têm de pesar perto de 150 kg, com boa estrutura corporal e reprodutiva. Para isso, é preciso dar condições para que elas se desenvolvam em ambiente saudável e com mínimo de estresse possível”, explica o criador.

Todo o programa nutricional é feito com a linha de núcleos com minerais orgânicos, o que promove melhor aproveitamento dos nutrientes da dieta, melhorando a conversão alimentar e apresentando redução do custo de produção.

13,67 NASCIMENTOS POR PARTO:
EXCELENTE RESULTADO



FOTO: ZILIO BINGARDI/TEXTO

INOVAÇÃO

Minerais Orgânicos, A REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA

Há mais de 22 anos, a Tortuga trouxe para o Brasil os quelatos, abrindo novo horizonte na suplementação mineral dos bovinos.

Nos dias 9, 10 e 11 de maio de 1984, o Centro de Convenções Rebouças, em São Paulo, foi palco do I Simpósio Sobre Nutrição Mineral, evento que reuniu pesquisadores brasileiros e estrangeiros, como Harlan Christy, da Universidade de Utah, J.H. Conrad, da Universidade da Flórida, e o professor Silvano Maletto, da Faculdade de Medicina Veterinária de Torino, além de representantes de empresas de pesquisas, universidades brasileiras, órgãos de extensão rural, entidades de classe, indústria, sindicatos ligados às atividades pecuárias e técnicos de todo o Brasil.

A Tortuga, já então a maior empresa de nutrição animal do País, teve marcante presença naquele simpósio em que pela primeira vez se falou de quelatos no Brasil. Dr. Fabiano Fabiani, fundador e presidente da Tortuga, percebeu o sinal verde dos novos tempos e decidiu investir na pesquisa e fabricação dos minerais em moléculas orgânicas, tendo por base os trabalhos e estudos do eminente cientista italiano. Abriu-se um novo horizonte na suplementação mineral e os Peptídeos Ativos Transquelatos começaram a fazer parte do cotidiano dos técnicos, químicos, centros experimentais e área comercial da Tortuga.

Como quase sempre ocorre com o que é pioneiro, os primeiros tempos foram difíceis. Desconfianças diante do novo conceito de mineralização e críticas pouco fundamentadas surgiram e, longe de trazerem desalento, serviram como estímulo à persistência e à dedicação daqueles que acreditaram e consolidaram a condição de vanguarda da Tortuga no campo da nutrição animal. Desde então, a linha de suplementos da Tortuga conta com os minerais em moléculas orgânicas, fronteira dos novos tempos em nutrição mineral.

Prova disso é o sucesso do Programa Boi Verde, que se fundamenta na principal característica da pecuária brasileira: a criação de bovinos em regime de pasto. O Programa Boi Verde, que conta com os exclusivos Carbo-Amino-Fosfo-Quelatos, atende os requerimentos minerais dos bovinos nas diferentes fases e distintos momentos fisiológicos, o que, ao lado dos demais nutrientes, permite obter a expressão máxima do potencial genético dos animais.

É a Tortuga ajudando a escrever a história da pecuária brasileira.

PAULO MACEDO
Consultor técnico



Quer vender carne para o exterior? TENHA EUREPGAP

Certificação exigida pelos grandes varejistas europeus vira febre no Brasil. Especialistas recomendam que os pecuaristas olhem com muita atenção para ela.

De olho em melhores preços no mercado internacional e, especialmente, para atender às crescentes exigências por qualidade e segurança alimentar dos clientes do exterior, a cadeia da carne bovina movimentou-se para produzir mais e melhor. Afinal, está em jogo um negócio que gerou US\$ 3,5 bilhões ao País, em 2006, dando-lhe a liderança mundial.

Há disponíveis várias certificações de qualidade, algumas envolvendo aspectos específicos do projeto pecuário e outras mais abrangentes, chegando até aos fornecedores de insumos. Essa situação, aliás, gera até certa dúvida na cabeça do criador, que muitas vezes não está seguro sobre que caminho seguir.

Seja como for, nenhuma outra certificação de qualidade é tão desejada no momento como a EurepGap. Idealizado pelos grandes varejistas europeus, o Euro Retailer Produce Working Group (Eurep), reúne um calhamaço de boas práticas agrícolas, ou Good Agricultural Practices (GAP), normatizando as regras internacionais da comercialização da carne, com a finalidade de diminuir os riscos para o consumidor europeu e melhorar a qualidade do produto final. Em apenas uma década, o EurepGap criou um padrão para a indústria alimentícia que deseja exportar para a Europa. Ou seja, ou se está adequado à certificação e, portanto, tem permissão para vender no continente, ou não, e está fora daquele que é o mais desejado mercado para a carne bovina.

O coordenador do European Retailers Produce Working Group (Eurep) no Brasil, Marcelo Holmo, explica que o surgimento do certificado EurepGap facilita a inserção da carne brasileira no mercado internacional porque padroniza um sistema que antes era muito diversificado. “No passado, cada rede de varejo trabalhava com requisitos

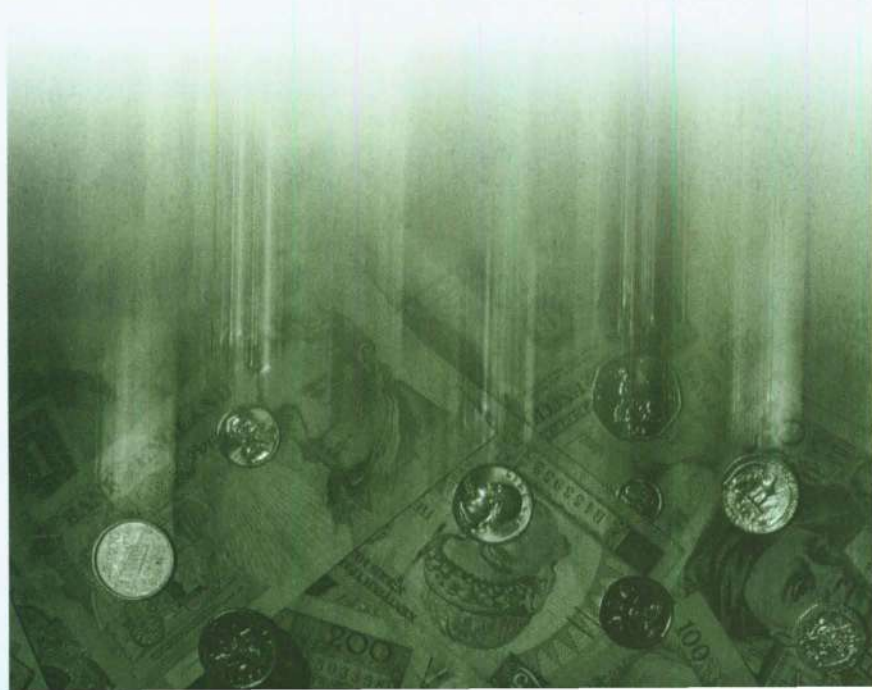
próprios e os fornecedores se ajustavam a cada empresa se quisessem atendê-las. O Eurepgap deu um padrão para os supermercados e grandes clientes de carne na Europa. Assim, o produtor se adapta a apenas um grupo de normas”.

Holmo afirma que a base das normas é a rastreabilidade que, segundo o padrão internacional (ISO 8402), é “a habilidade de o pecuarista descrever o histórico do animal com o máximo de informações (o que, de onde veio, como foi feito, para onde foi, o que aconteceu)”. Dessa forma, o varejista tem informações suficientes para avaliar se a origem da carne que está comprando passou por padrões nutricionais, sanitários e de manejo. Em outras palavras: se atende aos pré-requisitos europeus em termos de qualidade, segurança alimentar e até preservação do meio ambiental e responsabilidade social.

Não é sem motivo que, além da rastreabilidade, a certificação Eurepgap fixa-se em quatro colunas-mestras: aspectos sociais, ambientais, boas práticas agrícolas (BPA) e análise de perigo e pontos críticos de controle (APPCC):

Aspecto Social: o produtor compromete-se a investir no bem-estar social dos seus funcionários, a propiciar ambiente de trabalho saudável, além de seguir as leis trabalhistas. Por exemplo: não contratar trabalho escravo nem infantil na sua fazenda.

Aspecto ambiental: o pecuarista seguirá procedimentos que minimizam os danos causados pela agropecuária ao meio ambiente. Por exemplo: não derrubar árvores para aumentar a área de pastagem. ▶



Boas Práticas Agrícolas (BPA): relacionadas à qualidade do alimento oferecido, levando-se em consideração qualidade nutricional, inocuidade, sensorial etc, a fim de precaver perigos de natureza física, química ou biológica.

Análise de Perigos e Pontos Críticos de Controle (APPCC): é uma ferramenta de segurança alimentar para a carne bovina. É um sistema que complementa a BPA e garante a inocuidade da carne.

Holmo reforça que as questões social e ambiental certificam que a produção brasileira segue leis socioambientais e rebate os argumentos internacionais de que o Brasil desmata para ampliar o rebanho e contrata mão-de-obra escrava ou infantil. Já as duas últimas (BPA e APPCC) são requisitos que asseguram a qualidade da carne e reduzem os perigos inerentes ao produto.

Pecuarista, se você está em dúvida sobre certificar-se ou não ao EurepGap, tenha em mente seu projeto para o futuro: se desejar trabalhar com o padrão de gado que os frigoríficos desejam para exportar, pense com carinho na certificação – e considere que as fazendas com EurepGap normalmente recebem mais por bovino enviado para o abate. Porém, se deseja continuar produzindo gado para fornecimento de carne ao mercado interno, você tem algum tempo para pensar. “A certificação é um processo sem volta. Mais cedo ou mais tarde, os pecuaristas deverão tê-la”, ressalta Marcelo Holmo.

Quer números? Em 1999, o Eurep (European Retailers Produce Working Group) tinha 17 grandes redes de varejo associadas. Hoje, já são mais de 30 e no número de países envolvidos também cresceu. Além disso, mercados de outras regiões, como a Ásia, dão credibilidade para empresas que possuem o certificado EurepGap.

INOVAÇÃO

DIETAS 'CALIENTES' NOS CONFINAMENTOS DO MÉXICO

Objetivo é alcançar maiores ganhos de peso, com alimentação com grande quantidade de concentrados e pouco volumoso.

O rebanho bovino do México é composto por cerca de 22 milhões de cabeças. Desse total, perto de 1,5 milhão de cabeças são anualmente terminados em sistema de confinamento, em instalações localizadas no norte e, principalmente, no oeste do país, no estado de Vera Cruz.

Os bois confinados são, em grande parte, mestiços, com peso vivo de entrada de 360 a 400 kg. O período de confinamento é de cerca de 80 a 90 dias. As instalações são “a céu aberto”, ou seja, ao ar livre, com 10 a 14 m² por boi, assim como no Brasil. Um detalhe dos confinamentos mexicanos é o uso dos sombrites, devido ao forte calor da região.

A alimentação utilizada nos confinamentos mexicanos é chamada por eles de “dietas calientes”. A característica básica é a utilização de grande quantidade de alimentos concentrados, como milho, sorgo, farelos de soja, trigo e algodão, e pouca quantidade de alimentos volumosos.

Busca-se, dessa forma, a obtenção de alimentação rica em energia capaz de proporcionar elevados ganhos de peso. Para se ter uma idéia, o ganho de peso dos bois confinados no México gira entre 1,6 a 1,8 kg por dia.

Os volumosos mais utilizados no México são silagens de milho e sorgo, feno e palhas, sendo comum o uso de palhas de restos de culturas, como trigo e cevada, apenas como fonte de fibra. A relação entre alimentos volumosos e concentrados é de 20/80, podendo chegar, em alguns casos extremos, à relação de 5/95.

As “dietas calientes” sempre são formuladas com núcleos minerais na proporção de 2 a 3% do concentrado. Os núcleos minerais têm como função evitar as carências minerais e os distúrbios metabólicos típicos de confinamento, como acidose, diarreias e empanzimento, além de proporcionar maiores ganhos de peso.

O manejo nutricional das “dietas calientes” requer cuidados básicos como, por exemplo, período de adaptação de cerca de uma semana, leitura de cocho para não deixar faltar nem sobrar ração aos animais e parcelamento do trato no mínimo em duas vezes ao dia, fatores esses muito bem observados e administrados pelos confinadores mexicanos.

MARCOS BARUSELLI
Coordenador de Confinamentos da Tortuga, especial para o Noticiário Tortuga, do México

GANHO DE PESO PODE
CHEGAR A 1,8 KG/DIA



FOTO: ARQUIVO TORTUGA

Manejo nutricional para ovinos

Passo a passo sobre a nutrição dos ovinos, objetivando desempenho superior e produtividade elevada. Base é pastagem e mineralização.

Passamos por momento de transição na pecuária brasileira, quando todo o processo precisa ser revisto e isso inclui intensificar e qualificar nossas criações. A ovinocultura segue o mesmo caminho e os técnicos têm a responsabilidade de auxiliar os criadores na busca constante por melhorias.

O ovino é um ruminante que pode ser produzido em regime de pasto somente com suplementação mineral, mas sabemos que a utilização estratégica de rações é uma forma de melhorar o seu desempenho. Muitos criadores querem fornecer rações para seu plantel; portanto, vale à pena seguir algumas dicas deste manejo:

- 1) Identificar todo o rebanho (brincos e/ou tatuagem);
- 2) Avaliar o escore corporal do rebanho. (Sugerimos tabela de 1 a 5, sendo 1 para animais extremamente magros e 5 para animais extremamente gordos. O ideal seria manter os animais com escore corporal entre 3 e 4);
- 3) Dividir os animais em lotes, pois cada categoria possui exigências diferentes;
- 3.1. Ovelhas e borregas em reprodução devem receber ração 15 dias antes de ser expostas à monta (flushing alimen-

tar) e nela ser mantidas durante 30 dias; a quantidade de ração fornecida deve ser de 1% do peso vivo. Com este manejo, teremos maior eficiência reprodutiva;

3.2. Ovelhas, do início até o 100º dia de gestação, não precisam receber ração, somente pasto e mineral de boa qualidade;

3.3. Ovelhas, do final da gestação até o parto, devem receber ração, pois o crescimento fetal acentua-se nos últimos 50 dias. É importante, também, que se prepare esta fêmea para produzir leite, sem que haja desgaste corporal elevado. A quantidade fornecida, nessa fase, pode ser de até 1,5% do peso vivo;

3.4. Ovelhas paridas continuam recebendo ração específica para essa fase. Os cordeiros devem ter à disposição cocho no sistema creep-feeding, isto é, de uso exclusivo dos animais mamões;

3.5. Borregos desmamados, que irão para o abate, podem receber ração, dependendo do sistema de criação e da idade com que serão abatidos. O abate ideal seria entre 4 e 5 meses de vida, com carcaça pesando entre 15 e 17 kg;

3.6. Borregas para reposição do rebanho precisam ter bom acompanhamento durante o seu desenvolvimento, ficando em regime de pasto com suplementação mineral;

4) Para suplementação mineral indicamos Ovinofós, mineral específico para ovinos, produzido com minerais orgânicos de alta biodisponibilidade, garantindo, assim, suplementação adequada aos rebanhos ovinos;

5) A água deve ser de boa qualidade e estar sempre disponível em bebedouros construídos tanto nos piquetes como no aprisco;

6) O trato com ração deve ser sempre no final da tarde para os animais semi-confinados; dessa forma, minimizamos o risco de se gerar diminuição do pH ruminal.

O produtor não deve gastar dinheiro com ração, e sim gerar dinheiro com ela. Portanto, a criação de ovinos deve ter sua base na pastagem e na mineralização. Ração somente como suplemento estratégico.

ALEXANDRE BOMBARDELLI DE MELO
Supervisor técnico-comercial
Guarapuava (PR)

NUTRIÇÃO PRECISA GERAR
GANHOS PARA O CRIADOR



CONTROLE DE VERMINOSES EM EQÜINOS

Os parasitas incomodam, e muito, os eqüinos – sejam eles potros ou adultos. Os criadores precisam fazer trabalho preventivo sempre, porque o problema pode voltar com o tempo.

Os cavalos, tanto os de trabalho como os utilizados para recreação, mesmo estabulados, estão constantemente suscetíveis ao parasitismo. Por menor que seja o período que passem em uma pastagem, a infecção por vermes e a infestação por ectoparasitas podem ocorrer. Assim, o tratamento antiparasitário deve ser parte do manejo. O controle dos parasitas internos em eqüinos também passa pela prevenção, com um pouco mais de rigor do que o verificado em bovinos. Ao contrário destes, o eqüino não adquire resistência à verminose com o passar dos anos, devendo o tratamento ser sistemático e contínuo.

De maneira geral, o eqüino inicia sua vida parasitado por *Strongyloides westeri* e o declínio parasitário deste verme ocorre por volta do sétimo mês de idade. Aos três meses, inicia o parasitismo por *Parascaris equorum*, decrescendo por volta dos nove meses de idade. Aos quatro meses, inicia o parasitismo pelos pequenos estrombilídeos, chamados de *Cyathostominae*, compostos por mais de 30 espécies de pequenos nematódeos, e aos seis meses o parasitismo pelos grandes estrombilídeos, como *Strongylus vulgaris* e *S. edentatus*, não havendo declínio parasitário natural destes vermes, o que torna necessário controle a partir da administração de anti-helmínticos.

Raramente é encontrado um eqüino que não esteja parasitado por pequenos estrombilídeos. É a característica destas espécies é o grande número de parasitas encontrado nos intestinos grosso e ceco. Alguns sugam sangue e outros causam nódulos e destruição das paredes intestinais. Esses pequenos nematódeos não migram pelo organismo, fazendo seu ciclo todo na mucosa intestinal. Já o *Strongylus spp.*, devido

à fase de migração das larvas através dos vasos mesentéricos, causa fortes cólicas nos eqüinos chegando, inclusive, a causar a morte dos animais.

Princípios ativos mais usados – Há no mercado várias opções para combater os parasitas em eqüinos. Os principais são:

Ivermectina: possui amplo espectro com grande eficácia sobre vermes redondos e atua também sobre os causadores de Gasterofilose e Habronemose. Uma grande vantagem é o longo poder residual, que evita a reinfecção, principalmente por larvas de nematódeos, por 30 a 40 dias.

Organofosforados: atuam principalmente em larvas de *Habronema spp.*, além de ser capazes de atingir também larvas de moscas de *Gasterophilus spp.* (em grande quantidade, causam irritações e até obstrução do estômago). Possuem ação sistêmica, ou seja, são absorvidos e distribuídos por todo o organismo pela corrente sanguínea.

Febendazole: atua sobre vermes redondos (nematódeos), sobre vermes chatos (tênia) e, inclusive, sobre os ovos dos vermes eliminados nas fezes.

Piperazina: possui ação sobre os nematódeos, principalmente sobre *Ascaris* e *Oxyuris equi* (verme que provoca irritação no ânus do eqüino, o que o leva a se coçar em cercas e árvores).

Esquemas de tratamento – Os procedimentos variam, de acordo com a idade dos animais. Veja:

Adultos: o eqüino não desenvolve resistência com a idade, o que faz com que haja necessidade de tratamento contínuo e freqüente. Deve-se ter cuidado especial com as éguas prenhes, já que há evidências de que, na época do parto, a contagem de OPG aumenta, o que po-



CRIADOR PRECISA
PRIORIZAR SANIDADE.
PARA TER ANIMAIS EM
PERFEITAS CONDIÇÕES.

de contaminar ainda mais as pastagens. No entanto, muito cuidado com alguns princípios ativos, como os organofosforados, que não devem ser aplicados em éguas prenhes no terço final de gestação.

Potros: deve-se iniciar o tratamento a partir dos 2 meses de idade. Em seguida, continuar o mesmo esquema de tratamento junto com os animais adultos. Os animais devem ser vermifugados 6 vezes ao ano, isto é, a cada 2 meses, sendo aconselhável fazer a vermifugação de toda a tropa a cada vez.

Os vermífugos no mercado, geralmente, estão acondicionados em seringas graduadas de fácil aplicação, cuja dose pode ser facilmente regulada conforme o peso do animal. No caso da Piperazina, uma vez que vem em pó, deverá ser misturada com mel ou melado (28 g para cada 80 kg e, no máximo, 84 g ou 3 envelopes de 28 g por animal) e administrado ao animal, especialmente nos casos em que o equino manifesta a coceira no ânus.

Cuidado especial deve ser tomado quanto à alternância de princípios ativos, com o objetivo de prevenir a resistência dos vermes. Portanto, atenção ao escolher o produto para que haja real variação dos princípios ativos, já que há inúmeros produtos com a mesma formulação, principalmente, ivermectina.

Outros cuidados – Para o controle das moscas de *Gasterophilus*, o organofosforado deverá ser administrado pelo menos 2 vezes ao ano, principalmente antes e depois dos períodos chuvosos (outubro e abril). Os animais novos, ou aqueles que estão de retorno à propriedade, devem ser vermifugados antes de entrar na pastagem e ser misturados aos demais.

Em casos de rotação de pastagem, deve-se vermifugar os animais antes de eles entrarem no novo piquete. Manter as cocheiras, estábulos e currais sempre muito limpos, fazendo remoção freqüente das fezes. Sempre que for possível, realizar com freqüência exame de fezes para a contagem de ovos.

ALESSANDRA SOARES
Assistente de Pesquisa e
Desenvolvimento de Produtos

MARCIO UONO
Coordenador Nacional Linha Saúde

Minerais Orgânicos AUMENTAM PRODUTIVIDADE em matrizes de corte

Experimento comprova vantagens produtivas de utilizar minerais orgânicos na suplementação de reprodutoras pesadas. Ganhos atingem 3,83% ou 5 pintos de um dia a mais por ave alojada.

O objetivo deste trabalho é avaliar os parâmetros produtivos de reprodutoras pesadas da linhagem Cobb em condições normais de campo, comparando-se dois modelos de suplementação mineral:

T1 – grupo tratado com microminerais orgânicos (Tortuga) em substituição total aos iônicos (sulfatos) - galpões t59a / t59b.

T2 – grupo-controle com microminerais iônicos (sulfatos) suplementados com Zinco, Selênio e Manganês orgânicos - galpões t57a / t57b.

O trabalho foi realizado em granja produtora de pintos de 1 dia em Pernambuco e durou 8 semanas. Os números obtidos seguem nas tabelas abaixo:

Foi separado um lote de matriz, com a idade de 46 semanas, para ser trabalhado com a nutrição Tortuga (Poliave Matriz). O manejo foi o mesmo para todos os lotes. Os referenciais para avaliação foram os padrões estipulados pela linhagem genética.

A média da eclosão geral dos dois galpões (t59a/t59b), com a mesma idade, é 0,475% acima do padrão.

A média da eclosão geral dos dois galpões (t57a/t57b), com a mesma idade, é 0,518% de diferença abaixo do padrão.

Conclusão: Nos padrões dessa linhagem, a substituição por minerais orgânicos atingiu 0,475% acima, sendo que a nutrição suplementada com sulfatos só atingiu 95,55% do objetivo da linhagem. Isso significa que a diferença entre as duas estratégias de mineralização ficou em 5,11% a maior para a substituição com minerais orgânicos. ▶

RESULTADOS

ECLOSÃO GERAL	PADRÃO (%)	OBTIDO (%)	DIFERENÇA (%)
T59A	87,69	88,21	0,53
T59B	87,68	88,10	0,42
T57A	87,68	83,95	-3,73
T57B	87,68	83,78	-3,90

A **média da fertilidade** dos dois galpões (t59a/t59b), com a mesma idade, é 1,065% de diferença acima do padrão.

A média da fertilidade dos dois galpões (t57a/t57b), com a mesma idade, é - 0,695% de diferença abaixo do padrão.

Conclusão: Nos padrões dessa linhagem, a substituição por minerais orgânicos atingiu 1,065% acima, sendo que a nutrição suplementada com sulfatos só atingiu 99,46% do objetivo da linhagem. Isso significa que a diferença entre as duas estratégias de mineralização ficou em 1,65% a maior para a substituição com minerais orgânicos.

A **média da eclosão fértil** dos dois galpões (t59a/t59b), com a mesma idade, é 1,525% de diferença acima do padrão.

A média da eclosão fértil dos dois galpões (t57a/t57b), com a mesma idade, é - 2,405 % de diferença abaixo do padrão.

Conclusão: Nos padrões dessa linhagem, a substituição por minerais orgânicos atingiu 1,525% acima, sendo que a nutrição suplementada com sulfatos só atingiu 97,41% do objetivo da linhagem. Isso significa que a diferença entre as duas estratégias de mineralização ficou em 4,36% a maior para a suplementação com minerais orgânicos.

A **média da produção geral** dos dois galpões (t59a/t59b), com a mesma idade, é 1,685% de diferença acima do padrão.

A média da produção geral dos dois galpões (t57a/t57b), com a mesma idade, é 0,518% de diferença acima do padrão.

Conclusão: Nos padrões dessa linhagem, a substituição por minerais orgânicos atingiu 1,685% acima, sendo que a nutrição suplementada com sulfatos só atingiu 0,75% acima do objetivo da linhagem. Isso significa que a diferença entre as duas estratégias de mineralização ficou em 0,935% a maior para a substituição com minerais orgânicos.

RESULTADOS FERTILIDADE

	PADRÃO (%)	OBTIDO (%)	DIFERENÇA (%)
T59A	94,83	96,05	1,22
T59B	94,83	95,74	0,91
T57A	94,83	93,64	-1,19
T57B	94,83	95,03	0,20

RESULTADOS ECLOSÃO FÉRTIL

	PADRÃO (%)	OBTIDO (%)	DIFERENÇA (%)
T59A	92,46	93,62	1,16
T59B	92,46	94,35	1,89
T57A	92,46	90,64	-1,82
T57B	92,46	89,47	-2,99

RESULTADOS PRODUÇÃO

	PADRÃO (%)	OBTIDO (%)	DIFERENÇA (%)
T59A	63,50	65,36	1,86
T59B	63,50	65,01	1,51
T57A	63,50	63,46	-0,04
T57B	63,50	65,04	1,54

Considerações finais – Analisando-se os dados obtidos (produção e eclosão), em cada tratamento, conclui-se que a estratégia de alimentação com microminerais orgânicos em sua totalidade obteve 383 pintos a mais por dia, em cada 10.000 aves, em relação à estratégia de suplementação: diferencial de 3,83% a mais em produtividade.

Baseando-se no pressuposto da linhagem (144 pintos por ave alojada até 65 semanas de idade), obteve-se o resultado aproximado de 5 pintos a mais por ave alojada com a substituição total por minerais orgânicos em relação aos minerais inorgânicos (sulfatos) suplementado com Zn, Se e Mn orgânicos.

RODRIGO S. MIGUEL
Coordenador Nacional de Avicultura

MINERAIS ORGÂNICOS:
PRODUTIVIDADE 3,83% SUPERIOR



Os dois lados dos protéicos

Cuidado! Em vez de alimentar o gado, os pecuaristas podem estar contaminando seus pastos com ervas daninhas.

A pecuária de hoje não tolera mais o amadorismo. Para investir em gado é preciso ser profissional mesmo. Foi-se o tempo das "vacas gordas" e sequer podemos sonhar que essa época retorne. Por isso, precisamos agora buscar detalhes e ter criatividade para sobreviver. Infelizmente, o que comentaremos neste artigo não merece ser classificado como "detalhe": é um fato que está provocando, de maneira surda ou cega, prejuízos incalculáveis à nossa já sofrida pecuária extensiva.

Para a produção de rações e protéicos, muito em voga hoje em dia, não pára de crescer o número de fabricantes, gerando assim acirrada disputa pelo grande mercado. Existe a possibilidade de se trabalhar com matérias-primas dos mais diversos tipos e origens, como subprodutos ou resíduos agrícolas com grande quantidade de impurezas, e, por isso mesmo, muito baratos. Veja:

Bombas – Este artifício vem sendo usado com muita frequência por empresas interessadas apenas em reduzir seus custos e ser competitivas. É um fato que vem acarretando conseqüências muito sérias e prejudiciais à nossa pecuária, pois o menor custo desses produtos, que não têm o mínimo controle de qualidade, na maioria das vezes tem funcionado como verdadeiras bombas de efeito retardado. Produtos que pareciam os mais atraentes acabaram se transformando nos mais caros e indesejáveis do mercado.

Queremos deixar bem claro que este

artigo não envolve todas as rações e protéicos, mas tão-somente aquelas marcas fabricadas sem o menor compromisso com honestidade e seriedade.

Essas marcas possuem grande quantidade de sementes das mais diferentes pragas, que vêm cumprindo o indesejável papel de disseminar ervas daninhas nas fazendas.

Novo – A degradação tradicional das pastagens brasileiras é um velho, grave e crescente problema (porém, já bastante estudado e esclarecido), quase sempre decorrente do empobrecimento do solo em nutrientes para o pasto e (ou) manejo inadequado da pastagem.

Porém, o que estamos comentando é um assunto novo, que embora acelere e agrave ainda mais a realidade já existente, merece ser tratado à parte pela sua gravidade. O melhor é resolver o problema na raiz a ter de consertá-lo lá na frente.

Circuito – A origem de tudo está nas lavouras mal cuidadas e, posteriormente, na falta de escrúpulo de determinados fabricantes de rações ou protéicos, que criminosamente engordam seus lucros vendendo produtos de baixíssima qualidade. Ocorre, então, um circuito que envolve: lavoura + indústria + rebanho + solo + pasto.

As sementes de praticamente todas as pragas mais comuns às lavouras, por sua granulometria semelhante à granulometria de muitas rações e protéicos, podem escapar à moagem da matéria-prima, quando isso ocorre.

Ruminal – Por isso, quando consumidas pelos bovinos, sofrem, por meio da flora ruminal e dos sucos digestivos, uma perfeita escarificação, tornando essas sementes plenamente viáveis para germinação precoce (são as primeiras que nascem). Além, é claro, de ainda ser eliminadas com as fezes que acabam lhes servindo

como adubo. É muito comum observar nos pastos, onde se fez semiconfinamento ou onde se forneceu protéico, utilizando produtos contaminados por sementes de pragas, grande infestação próxima dos bebedouros, cochos, malhadas, rodeios e margens das estradas. São locais que recebem maior deposição de fezes e que, geralmente, oferecem menor concorrência do capim à instalação das pragas.

Proteína – Outro fator que contribui bastante para a utilização desses perniciosos subprodutos ou resíduos agrícolas é que as sementes das ervas daninhas possuem boa palatabilidade e são ricas em proteína e NDT, sendo, inclusive, aprovadas em testes quando esses elementos são analisados.

Mas há o reverso da medalha. A proteína e a energia acabam passando incólumes pelo tubo digestivo dos bovinos, como peixes que fogem do anzol, e são eliminadas pelas fezes, deixando pouca ou nenhuma contribuição nutricional.

Fedegoso – Em nossas observações de campo constatamos que a proporção de pragas nas lavouras (alto percentual de lavouras infestadas) é semelhante àquela que encontramos invadindo as pastagens de propriedades que usaram rações ou protéicos contaminados.

Entre as pragas encontradas com mais frequência e intensidade, destacamos duas variedades de fedegoso, quatro de malva, malícia, canela de perdiz, picão preto, vareta de rojão, mata-pasto, leiteiro e outros. Algumas pragas, após instaladas, suportam altos desafios, como seca, roçada, práticas de manejo e até veda absoluta do pasto, sem devolver o espaço ocupado.

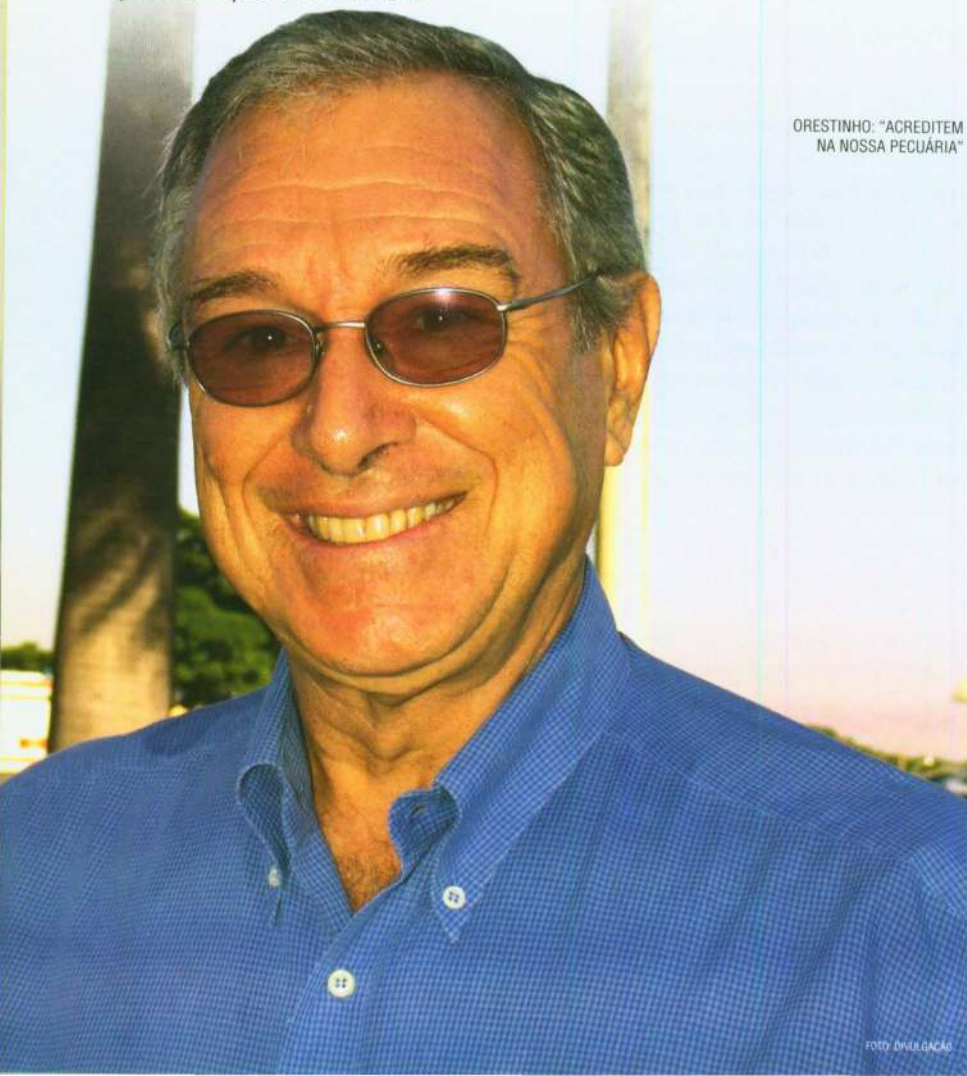
JOÃO OSMAR DE OLIVEIRA
Assistente técnico da Tortuga
no Mato Grosso

ENTREVISTA

"O NOSSO MATO GROSSO DO SUL"

Orestes Prata Tibery Jr., o presidente em exercício da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu, é um apaixonado pelo seu estado e pelas coisas sul-matogrossenses.

Orestes Prata Tibery Jr., atual presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), a maior e mais importante entidade pecuária do País, tem laços históricos com o Mato Grosso do Sul. Na verdade, é em Três Lagoas, no sul do estado, que ele tem os seus negócios e de onde comanda seu projeto pecuário de indiscutível qualidade. Apaixonado pelo que faz, Orestinho, como é carinhosamente chamado no mercado, fala, nesta entrevista exclusiva ao Noticiário Tortuga, sobre a importância do Mato Grosso do Sul na sua vida e de uma de suas maiores paixões, a pecuária brasileira.



ORESTINHO: "ACREDITEM NA NOSSA PECUÁRIA"

Para começar, gostaria que o senhor falasse de sua família e o envolvimento com Três Lagoas.

Orestes Prata Tibery Jr. - Meu pai, Orestes Prata Tibery, formou-se em medicina e foi para Três Lagoas com a roupa do corpo e muita coragem. Fez de tudo na medicina. Ele tinha de resolver todos os problemas que surgissem: fazia cirurgia geral, partos, ortopedia, radiografias etc. Com o correr dos anos, foi adquirindo pequenas glebas até formar a Fazenda São João. Foi presidente do Sindicato Rural. Casado com Ruth Lopes Prata Tibery, teve dois filhos: eu – Orestes Prata Tibery Júnior – e Wânia Ruth Prata Tibery. Wânia casou-se com o dr. Ascêncio Garcia Lopes, com quem teve quatro filhos. Ela mora em Londrina. Eu dei continuidade ao trabalho do meu pai na pecuária. Tenho cinco filhos: os três homens e os dois genros também trabalham com a pecuária. Tentando retribuir um pouco do muito que Três Lagoas fez pelo meu pai, construímos o Hotel OT e o Centro de Eventos LeiloAdo e procuramos sempre promover nossa cidade pelos campeonatos conquistados em exposições por todo o Brasil.

A região de Três Lagoas tornou-se referência na seleção genética das principais raças zebuínas. Quais fatores foram determinantes para desencadear esse processo?

Orestes Prata Tibery Jr. - O zebu é uma fábrica de amigos. Começamos nós; em

seguida, vieram Cláudio Totó, Jairo Jorge, Tati, Sênio Nunes, Pascoal Secco, Silas, César Ciampolini e muitos outros companheiros, que formam a família de zebuzeiros de Três Lagoas. Além do entusiasmo dos criadores, as terras e o clima da região ajudaram muito, sem contar a abundância de água e a privilegiada posição geográfica.

Como líder da ABCZ, a principal entidade de representação das raças zebuínas no Brasil, que avaliação o senhor faz da evolução do rebanho zebu sul-matogrossense e sua representatividade em nível nacional e internacional?

Orestes Prata Tibery Jr. - O rebanho do MS é motivo de muito orgulho para todos nós sul-matogrossenses, tanto em termos de quantidade como de qualidade. Vários núcleos foram formados, tendo em todos grandes criadores. Há grandes selecionadores em Três Lagoas, Campo Grande, Dourados, Maracaju, Naviraí, Paranaíba. São criadores que se destacam nacionalmente pela qualidade dos seus rebanhos.

Considerando as dificuldades atuais do mercado da carne bovina, com preços achatados e pouca perspectiva a curto prazo, é possível enxergar uma luz no fim do túnel para o criador que atua na ponta da pirâmide, produzindo genética?

Orestes Prata Tibery Jr. - Esta é a solução: produzir genética avançada. Nosso rebanho diminuirá em função da entrada irreversível da cana-de-açúcar, eucalipto, soja – e outras novidades aparecerão. Teremos rebanho reduzido em número, porém com altíssima qualidade genética.

Com o novo Sisbov, o Brasil parece que finalmente encontrou o rumo certo para formatar um modelo de rastreabilidade que atende às exigências do comércio exterior. Como o senhor vê essa questão?

Orestes Prata Tibery Jr. - A implantação do Sisbov é um extraordinário desafio para a nossa pecuária, num país continental e tão heterogêneo como o Brasil. Com as restrições orçamentárias dos órgãos públicos, não é possível imaginar um processo com o mesmo tempo e eficiência da implantação europeia, que, se diga, ainda está em fase de estabilidade. O novo modelo envolve a certificação de propriedade, com 100% dos animais identificados interligados ao serviço estadual de Defesa Agropecuária. Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), o sistema corresponde às expectativas dos nossos importadores, principalmente a União Europeia, o que dá um certo alívio ao setor, pois dependemos deste mercado para a estabilidade dos preços na pecuária. No entanto, o novo Sisbov poderá criar duas pecuárias no Brasil: os produtores que estão no sistema e os que estão fora, já que a partir de 2008 as propriedades cadastradas só poderão importar animais de outras propriedades também cadastradas. É preciso, portanto, trabalhar na busca de soluções viáveis para inserir o máximo de produtores no sistema.

Um dos reflexos da melhora no rebanho do Mato Grosso do Sul é o aumento na participação do estado no circuito nacional das grandes exposições agropecuárias. Como o

senhor vê essa descentralização e o potencial desse novo eixo no Brasil Central?

Orestes Prata Tibery Jr. - Como disse anteriormente, prevendo que São Paulo, Paraná e Minas Gerais devem continuar no ritmo em que estão, de mudança de pecuária para cana, poderão ser nossos parceiros de pecuária no ainda muito barato cerrado do Mato Grosso do Sul, que não perde para nenhuma região do Brasil na criação de gado: sadio, sem bernes e sem carrapatos, engordando boiadas em curtos períodos, comendo capim braquiária. Isto só acontece em nosso Brasil, graças ao zebu e à braquiária.

Que mensagem o senhor deixa para o pecuarista brasileiro que possa servir de motivação para ele buscar o sucesso na atividade, em 2007?

Orestes Prata Tibery Jr. - Acreditem na nossa pecuária. Já tivemos outras crises e soubemos superá-las. Nenhum país tem o nosso clima, terras, água e gado zebu que engorda comendo capim braquiária no Cerrado. Não existe carne mais sadia e mais barata. Podem ter certeza de que desta entressafra para frente as coisas mudarão. No nosso Mato Grosso do Sul, temos um governador que cuidará da pecuária da maneira que sempre almejamos. Para mostrar sua determinação e grande visão das nossas necessidades, André Puccinelli convocou para assessorá-lo o ex-ministro Marcus Vinicius Pratini de Moraes, que sabe tudo de pecuária, agricultura, exportação e, além disso, é um grande e hábil negociador. Parabéns ao governador pela extraordinária visão administrativa.

FOCO

APOIO

A PORTADORES DE HIV

Associação Aliança pela Vida atende 160 pessoas em cinco instituições espalhadas por São Paulo e Mairiporã. Tortuga apóia esta iniciativa.

Em 1988, o então cardeal Dom Paulo Evaristo Arns convidou uma enfermeira social residente na Alemanha para colaborar no atendimento a portadores do vírus HIV em favelas brasileiras, semelhante ao que ela já promovia em Baderborn, onde morava. O convite foi aceito e a suíça Maria Elizabeth Eicher, que sempre se interessou pelas cultura, literatura e cinema do Brasil, chegou ao País. Pouco tempo depois, ela iniciava o trabalho solicitado pelo cardeal, com a Associação Aliança pela Vida (Alivi), cujo objetivo era promover assistência nas favelas paulistas, com atendimento aos doentes de Aids.

Com o passar dos anos, doentes sem teto começaram a procurar ajuda no projeto. No entanto, não havia local para que estes doentes fossem atendidos. “Estava claro que precisávamos crescer”, diz o atual presidente da instituição, o advogado Paulo César Crepaldi. Assim, diante da necessidade, o projeto teve de ampliar sua atuação. “Naquele momento, precisamos emprestar casas para atender os carentes. Foi um período muito difícil”, conta.

Foi quando, a partir da doação de recursos da Missionszentrale der Franziskaner (Alemanha), Maria Elizabeth e os demais colaboradores do projeto construíram, em Mairiporã, região metropolitana de São Paulo, o lar ‘Terra da Promessa’, vila de nove casas.

Posteriormente, em 1993, Creuza Rezende Fabiani, presidente da Tortuga, doou a Casa da Paz, imóvel na Zona Norte de São Paulo. “Lá, pudemos acolher órfãos de pais doentes. O apoio da Tortuga foi fundamental para o nosso trabalho”, explica Paulo César. Mais adiante, a Tortuga colaborou também na aquisição de outras duas residências, a Pequeno Príncipe Tim e a Casa Raízes e Asas, ambas localizadas no Tremembé, também Zona Norte da capital paulista.

Hoje, a Alivi apóia o resgate da dignidade de doentes de HIV, por meio de ações socioeconômicas para pessoas sem residência, referências familiares, instabilidade econômica ou em delicada condição de saúde, oferecendo-lhes meios para reestruturar suas vidas. Médicos do Hospital Emílio Ribas e funcionários compõem as equipes que zelam pelo atendimento e funcionamento das unidades. Paulo César informa que a entidade conta, também, com apoio voluntário em várias áreas, como psicologia. “Com esse suporte, podemos oferecer o melhor atendimento possível”, relata. Além disso, a Alivi promove ações informativas e educativas sobre métodos de prevenção à doença.

Atualmente, são cerca de 160 pessoas atendidas nos cinco lares da entidade: quatro em São Paulo (Estrela da Esperança, Casa Pequeno Príncipe Tim, Casa da Paz e Casa Raízes e Asas) e um em Mairiporã (Terra da Promessa). “Em nossas casas, não temos distinção na hora de realizar o atendimento. Seja rico, pobre, criança ou idoso, atendemos doentes de Aids sem limitações”, enfatiza o presidente da entidade.

SEDE DA TERRA DA PROMESSA,
EM MAIRIPORÃ (SP)

QUER AJUDAR?
ENTRE EM CONTATO COM
A ALIVI PELO SITE
WWW.ALIVI.ORG.BR E O
TELEFONE (11) 6231-0467

TORTUGA RECEBE 5 MIL PRODUTORES NO SHOW RURAL

Estande da empresa promoveu palestras e debates, realizou dinâmicas e foi um dos mais visitados da exposição, realizada no início de fevereiro em Cascavel (PR).

Mais de 140 mil pessoas em apenas cinco dias de evento. Este foi o resultado do Show Rural Coopavel 2007, realizado no início de fevereiro em Cascavel (PR), marcando o início da temporada dos grandes eventos agropecuários no Brasil. Em sua 18ª edição, contou com 290 expositores, espalhados pelos 72 hectares usados como vitrine tecnológica para apresentação de produtos, equipamentos e serviços voltados ao produtor rural.

A Tortuga levou ao Show Rural da Coopavel uma série de atrações para os produtores. Foram realizadas 27 palestras e debates, além de dinâmicas com informações sobre gado de leite, gado de corte, ovinocultura, caprino-ovinocultura, suinocultura e avicultura.

Em média, 1.000 produtores rurais visitaram o espaço da Tortuga, diariamente. “Os produtores e profissionais sabem que o estande da empresa sempre apresenta novidades sobre minerais orgânicos, manejo, inseminação artificial e vários outros assuntos importantes para o seu negócio”, explica Juliano Beze, assistente técnico-comercial em bovino-cultura de corte da Tortuga, no Paraná.

Fábio Jamus Rodrigues, gerente da Tortuga no estado, ressalta a qualidade dos visitantes. “São produtores, técnicos e demais profissionais interessados

em aprimorar seus conhecimentos”, diz. Fábio destaca as dinâmicas, como o Rotacional Racional Tortuga (RRT), que possibilita a visualização prática sobre o funcionamento desse sistema, com aumentos de produtividade ao produtor. “Com essa técnica, é possível aumentar a taxa de lotação das pastagens, melhorando, assim, os resultados da fazenda”, complementa o médico veterinário José Luiz Porto.

Outra atração da Tortuga no Show Rural foram as mesas-redondas. Uma delas reuniu importantes confinadores de Cascavel e região para falar do manejo nutricional. Destaque ainda à visita de 30 representantes do Plano de Revitalização da Agropecuária do Vale do Ipanema, (Planipanema), de Pernambuco, tema do Noticiário Tortuga 447. “Em nossa região, não temos a cultura de fornecer minerais, apesar de saber que eles são muito importantes para os animais”, conta o engenheiro agrônomo Otoniel Almeida, que acompanhou o grupo. Na oportunidade, o zootecnista Gustavo Larsen, supervisor da Tortuga, apresentou aos pecuaristas pernambucanos todos os benefícios dos minerais orgânicos na pecuária leiteira.



FOTO: DIVULGAÇÃO

ExpoLondrina terá mostra de máquinas

Em sua 47ª edição, a Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina (05 a 15 de abril), no Parque de Exposições Governador Ney Braga, em Londrina (PR), carrega o prestígio de ser considerada uma das maiores feiras agroindustriais da América Latina e toda a tradição de 60 anos da Sociedade Rural do Paraná.

As novidades para 2007 incluem a exposição de mais de 30 raças bovinas (zebuínas e taurinas) de alta qualidade e leilões diferenciados, além de caprinos, suínos e eqüinos, sem contar a completa mostra de máquinas e equipamentos – que volta com força após ausência no ano passado.

A ExpoLondrina também é uma festa regional e promove shows com artistas renomados. A expectativa dos organizadores é crescer 25% em relação a 2006, recebendo 1 milhão de visitantes. Para isso, também contam os rodeios, atração bastante festejada pelo público.

Durante a exposição, a Tortuga irá receber os convidados em seu stand.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS:
TELEFONE (43) 3378-2000

ESTANDE DA TORTUGA RECEBEU MAIS
DE 1.000 PRODUTORES POR DIA

TORTUGA

PANORAMA



FOTO: DIVULGAÇÃO

ExpoGrande: menos leilões, mais qualidade

De 22 de março a 01 de abril, acontecerá, no Parque de Exposições Laucídio Coelho, em Campo Grande (MS), a ExpoGrande 2007, maior evento agropecuário do Mato Grosso do Sul, que reúne pecuaristas e visitantes de todas as partes do País. A expectativa dos organizadores é que a movimentação de negócios na feira supere R\$ 75,6 milhões.

Para alavancar as vendas de genética da ExpoGrande, a agenda 2007 foi redimensionada. A programação dos remates foi enxugada. Alguns criadores se juntaram, principalmente de Nelore, para trazer matrizes e reprodutores de qualidade ainda mais diferenciada. No total, serão 40 leilões.

Além dos julgamentos e leilões, a ExpoGrande programa o 8º Encontro de Tecnologia do Sindicato Rural de Campo Grande, Simpósio de Ovinocultura, 2ª Rodada de Negócios "Perspectivas da Ovinocultura no MS", Palestra "Valor Econômico da Pecuária de Corte no Brasil", Dinâmica em Pecuária de Corte, na Embrapa Gado de Corte, e Dia do Leite.

A Tortuga estará presente na Exposição com equipe de técnicos e representantes a disposição dos visitantes para esclarecer dúvidas e dar orientação sobre as tecnologias na linha de nutrição e saúde animal.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS:
WWW.EXPOGRANDE.COM.BR E TELEFONE (67) 3345-4200

EXPOZEBU MAIS FORTE DO QUE NUNCA

Todos os anos, desde 1934, sempre no mês de maio, o Parque Fernando Costa, em Uberaba (MG), é palco da maior exposição de zebuínos do mundo: a Exposição Internacional das Raças Zebuínas (ExpoZebu). Este ano, o evento, programado para 28 de abril a 10 de maio, chega à 73ª edição e promete uma série de novidades para os expositores e os visitantes.

A demanda por inscrições para os campeonatos disputados nas pistas da ExpoZebu é grande e aumenta a cada ano. Na edição de 2007, a Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ) espera repetir o sucesso de 2006, quando foram registradas mais de 3 mil argolas. A utilização do computador em pista é mais uma ferramenta tecnológica que promete dinamizar os trabalhos de julgamento e contagem dos pontos de forma segura.

Outra novidade deste ano é que, além do limite de 10 animais de cada raça, por fazenda, cada expositor poderá inscrever uma matriz de sua propriedade para disputar o título de matriz modelo. De acordo com o regulamento da ExpoZebu 2007, o campeonato tem como objetivo premiar fêmeas que aliem, simultaneamente, perfeito enquadramento racial nos padrões oficiais da ABCZ, longevidade produtiva e funcionalidade, refletida em suas proporções, equilíbrio de formas, harmonia de conjunto e regularidade de aprumos.

Como vitrine, a ExpoZebu 2007 reunirá nomes e empresas pecuárias de destaque, além de ser uma oportunidade para a realização de negócios. Estão previstos mais de 50 remates durante a exposição. A Tortuga não apenas marca presença na ExpoZebu como é parceira da ABCZ e patrocina o evento, além de transmiti-lo ao vivo pelo www.canaltortuga.com.br

INFORMAÇÕES ADICIONAIS:
WWW.EXPOZEBU.COM.BR E
TELEFONE (34) 3319-3900



FOTO: ABRONIG. EXATO

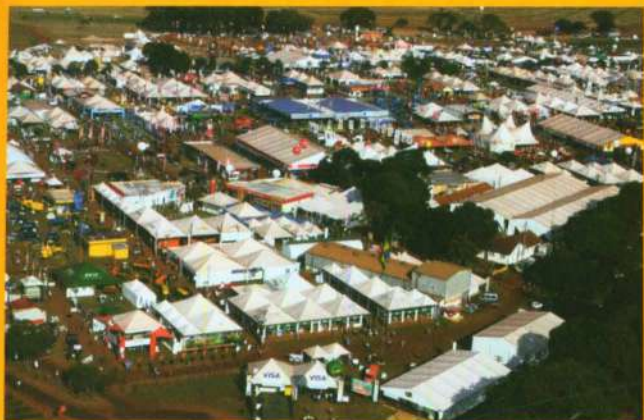


FOTO: DIVULGAÇÃO

Agrishow Ribeirão Preto, em nova data

Considerada o termômetro do agronegócio brasileiro, a Agrishow Ribeirão (30 de abril a 5 de maio), realizada no Pólo Regional de Desenvolvimento Tecnológico dos Agronegócios do Centro-Leste, Anel Viário Km 321, Ribeirão Preto (SP), está entre as três maiores feiras agropecuárias do mundo, recebendo mais de 120 mil produtores rurais. Este ano, o evento ocorre em nova data, mais cedo. O objetivo de adiantar a feira em duas semanas visa fortalecer a presença de público em conjunto com a ExpoZebu, já que Ribeirão Preto e Uberaba estão a menos de 200 km de distância.

A vitrine tecnológica da Agrishow traz sempre as últimas novidades em equipamentos, tecnologias e novos cultivares agrícolas, além de demonstrações dinâmicas de equipamentos e uma área específica para a pecuária. No total, cerca de 600 empresas dos mais diferentes segmentos do setor rural marcam presença na feira.

A Tortuga é sempre um dos estandes mais visitados, levando animais, equipe técnica para atendimento dos produtores e área específica para palestras sobre temas relevantes, além de transmitir o evento ao vivo pelo www.canaltortuga.com.br.

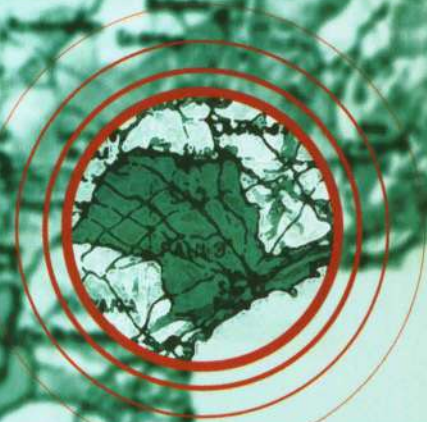
INFORMAÇÕES ADICIONAIS:
WWW.AGRISHOW.COM.BR E
TELEFONE: (11) 5591-6300.

PRODUTOR RURAL DE SP DEVE SE RECADASTRAR

A Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo está convocando todos os produtores rurais paulistas para o recadastramento de sua Inscrição Estadual de Produtor Rural. Todo aquele que exerce atividade de produtor rural no estado está obrigado a efetuar esse recadastramento, sob pena de perder seu registro para exercer essa atividade dentro do estado. O recadastramento é obrigatório e o prazo termina em 30/06/2007.

Após essa data, o produtor que não estiver recadastrado terá sua inscrição desabilitada, ficando impedido de realizar qualquer operação mercantil, além de perder o direito de usufruir do benefício fiscal de isenção do ICMS nas compras internas de insumos agropecuários.

O procedimento de recadastramento é simples e pode ser realizado pelo próprio produtor, seu contador ou pessoa autorizada, via internet. Para obter mais detalhes, consulte o Posto de Atendimento do seu domicílio fiscal ou acesse: <http://www.fazenda.sp.gov.br/> e procure pela Portaria CAT 14/2006.



ESTADO COM OS OLHOS VOLTADOS PARA



Ancorado na força do agronegócio, o Mato Grosso do Sul trabalha para ser a principal força produtiva da região Centro-Oeste.

Com área geográfica total de 357.124,96 Km², dimensão cinco vezes maior que a da França, o maior país do continente europeu, o Mato Grosso do Sul junta a juventude de um estado que mal completou três décadas de emancipação com a pujança de quem já há algum tempo lidera setores importantes da produção nacional. A população do MS é de pouco mais de 2,2 milhões de habitantes, dividida em 78 municípios.

O estado representa 22,23% do território da região Centro-Oeste e tem na agropecuária sua principal força geradora de riqueza e renda. Um número em particular ilustra bem esse vigor do agronegócio sul-matogrossense: o PIB (Produto Interno Bruto) bateu na casa dos R\$ 5,8 bilhões em 2006.

O governo estadual, por meio da Secretaria de Estado da Produção e do Turismo (Seprotur), mantém uma série de projetos de desenvolvimento, com foco na produção agropecuária, indústria, comércio e prestação de serviços. "Esse trabalho tem como objetivo colocar o Mato Grosso do Sul entre os principais representantes da federação, em volume de produção, com ênfase na exportação de produtos de origem animal", explica Jerônimo Alves Chaves, coordenador de apoio técnico da Seprotur.

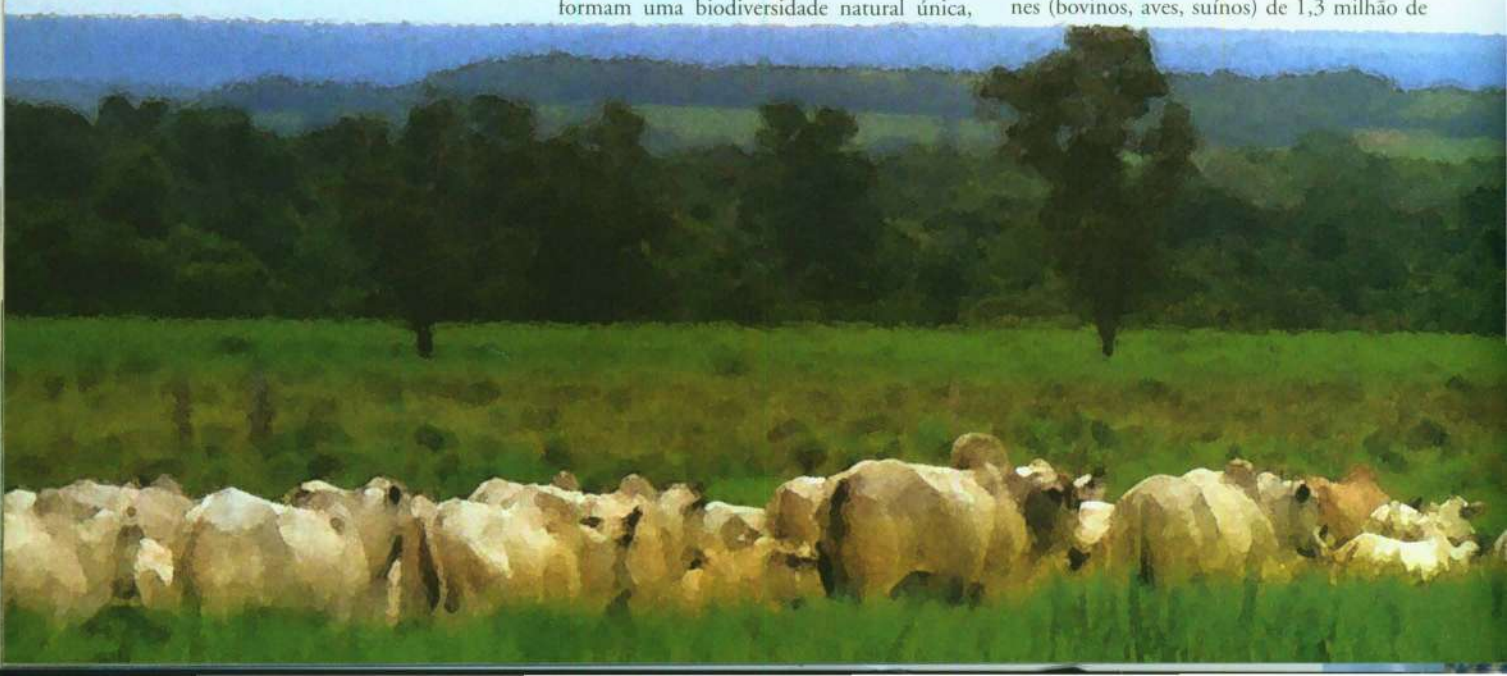
"Vontade para isso não falta", afirma Chaves, que chama a atenção para os principais projetos em andamento: Proape (Programa de Avanço da Pecuária de Mato Grosso do Sul), que tem como diretriz principal apoiar a produção de carne bovina de qualidade na região; Repasto (Programa de Recuperação, Renovação e Manejo de Pastagens Cultivadas em MS); Programas Novilho Precoce, Nelore Natural e Vitelo Orgânico do Pantanal, entre outros.

Essas ações encontram explicação na enorme variabilidade de ecossistemas que formam uma biodiversidade natural única,

em que a aridez do Cerrado de terras mais arenosas, muito bem aproveitadas pela pecuária de cria, recria e engorda, funde-se pelos chapadões com extensas áreas de planícies de terras férteis, usadas em grande parte pela agricultura. Isso sem falar da exuberante planície alagada do Pantanal, que, mesmo com ecossistema mais frágil, mantém a pecuária tradicionalista ancorada na cria de bovinos e venda de bezerros para o corte.

O resultado desse processo já é notado nos principais indicadores produtivos do estado, que apresentaram desempenho positivo no biênio 2005/06. O representante da Seprotur destaca avanços em setores importantes da produção animal, com destaque para os segmentos da produção de carne bovina, aves, suínos e, mais recentemente, de ovinos e peixes. "O Mato Grosso do Sul também desenvolve a passos largos a pecuária leiteira e a produção de ovos", informa Jerônimo Alves Chaves.

Só para se ter uma idéia desses números, o volume de bovinos abatidos nos frigoríficos do estado foi de 3,8 milhões de cabeças, em 2006, número que sobe para 4,6 milhões de cabeças se forem considerados os animais pela Guia de Transito Animal (GTA), que incluem, também, os abates de bovinos em outros estados. Os números da avicultura e da suinocultura igualmente registram evolução, fechando em 122, 5 milhões e 716,8 mil cabeças, respectivamente. Dados do Iagro dão conta de produção inspecionada de carnes (bovinos, aves, suínos) de 1,3 milhão de



O CAMPO

TEXTOS E FOTOS DE MARCIO MINGARDO,
ENVIADO ESPECIAL AO MATO GROSSO DO SUL

toneladas no ano passado.

Esses resultados crescentes estão associados ao uso de tecnologias que promovem a integração das cadeias produtivas, que somam 14 no total, em um formato de gestão compartilhada. Dos 36 milhões de hectares de áreas usados pela produção agropecuária, 18 milhões estão ocupados com pastagens, sendo que, desse total, três milhões já são usados no sistema de integração lavoura-pastagem ou vice-versa, sinal de que os tempos de pecuária extrativista estão ficando para trás.

A melhora na qualidade do rebanho é outro exemplo das melhorias genéticas e dos índices produtivos e, também dos avanços na defesa sanitária. Essas conquistas, bastante prejudicadas pelos casos de febre aftosa nos cinco municípios da região sul do MS, em 2005, começa a ter sua realidade transformada por iniciativas de empresários do setor e do próprio governo, que já firmou vários convênios para o fortalecimento da bovinocultura na região.

Na área de infra-estrutura voltada à logística e à armazenagem da produção, o estado também avança a passos largos. Apesar dos gargalos na malha rodoviária estadual e federal que corta o MS, os investimentos da iniciativa privada têm sido vultosos. Na visão do coordenador técnico da Seprotur, tudo isso demanda esforços compartilhados entre governos e sociedade, "no sentido de superar os entraves que afetam de forma mais direta as localidades próximas das fronteiras, que precisam de uma ação mais sistemática".

CAMPO GRANDE FAZ A SUA PARTE

Com gestão moderna e socialmente correta, a capital do Mato Grosso do Sul enfrenta os desafios do crescimento com seriedade.

Com área geográfica superior a 800 mil km² e população de 659.196 habitantes, Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, detém o segundo melhor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do estado. O seu Produto Interno Bruto (PIB) é de R\$ 4,1 bilhões.

Rodolfo Vaz de Carvalho, secretário municipal de Agronegócios, Indústria, Comércio, Turismo e Ciência e Tecnologia, apesar de recém-empossado no cargo, participou do processo de transição entre o antigo e o atual governo e aprova a unificação das secretarias. Para ele, essa medida aumenta o poder de manobra para acelerar projetos de setores específicos como, por exemplo, os ligados ao agronegócio.

Com política de perfil igualitário, a secretaria trabalha em várias frentes, como na agricultura familiar, incentivando 21 entidades de pequenos produtores. Até o segundo ano da atual gestão, foram direcionados R\$ 3,3 milhões para os setores de fruticultura e hortaliças. "A idéia é que os produtores, por menores que sejam, tenham dignidade", destaca Vaz, referindo-se aos dois principais assentamentos da região, que abrigam mais de 200 famílias. Estas juntam-se ao contingente de produtores familiares, fomando mais de 300 propriedades rurais.

A partir de parcerias com Sindicatos Rurais e o Senar (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural), que oferece cursos de qualificação pro-

fissional para a população do campo, milhares de pessoas estão aprendendo a transformar suas matérias-primas em produtos acabados. A prefeitura também ajuda com até R\$ 2.500,00 para as famílias, valor posteriormente repassado para entidades assistenciais na forma de alimentos e produtos mais baratos e de boa qualidade.

Quanto ao agronegócio, a prefeitura apóia todas as exposições agropecuárias, com destaque para Expogrande e Expoinel. Em 2007, o município obteve mais uma conquista inédita, obtendo recursos do orçamento do Ministério do Turismo e do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento para alavancar ainda mais os eventos rurais.

Outra obra que promete revolucionar a gestão do município é a construção do Terminal Intermodal, que já acumula investimentos da ordem de R\$ 25 milhões, volume que deve chegar aos R\$ 100 milhões até sua conclusão. O projeto ocupará área total de 65 hectares, terá setores específicos para armazenagem de grãos e farelos e capacidade para 43.600 toneladas. Além disso, contará com setor de combustíveis para 20.415 m³, podendo atingir 50 mil m³/mês; setor de fertilizantes, para 400 mil toneladas; e de contêineres em geral, com espaço para 39,8 mil m². "O esforço conjunto entre governo e iniciativa privada é para que as obras que já andam em ritmo acelerado sejam concluídas até meados de 2007", declara Vaz.



ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO RURAL

Mato Grosso do Sul aposta em Ciência & Tecnologia para crescer na produção agrícola.

Calcadas na linha desenvolvimentista, as políticas de desenvolvimento para Ciência e Tecnologia (C&T) do Mato Grosso do Sul seguem plano de diretrizes básicas para promover o crescimento socioeconômico e cultural do estado. Além disso, a preocupação está na preservação dos recursos naturais e na elevação dos níveis de educação e conhecimentos científico e tecnológico.

A fim de colocar em prática tais deliberações, foi criado, em 1999, o primeiro fórum de C&T do MS, subordinado à Secretaria de Estado de Planejamento e de Ciência e Tecnologia (Seplanct), composto por institutos de ensino, pesquisa e extensão rural. Por meio dessas entidades, as lideranças criam mecanismos e programas de fomento para levar o conhecimento gerado pela pesquisa até os setores produtivos.

Atuando na base dessa cadeia, as universidades de ensino público e privado têm papel fundamental na formação dos futuros profissionais e, também, para estimular a pesquisa e a extensão entre os alunos. A Faculdade de Medicina Veterinária e Zootécnica (FAMEZ), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), que mantém cursos regulares desde 1971, busca atender essa demanda, estimulando a aproximação dos alunos com as propriedades rurais.

Segundo Cícero Lacerda Faria, diretor da faculdade, durante muito tempo os cursos de ciências agrárias deram ênfase à parte teórica, em detrimento da prática profissional. “Em decorrência disso, o que se via eram formandos de excelente gabarito, mais sem muito jogo de cintura para enfrentar situações reais

do dia-a-dia”, destaca Faria, ressaltando as profundas mudanças no planejamento pedagógico dos cursos para reverter esse quadro.

Atualmente, a formação considera bastante o profissional que tem conhecimentos múltiplos sobre sua área. Por isso, na formulação da grade curricular dos cursos de medicina veterinária, zootecnia e agronomia, a ênfase é dada à produção animal, que engloba nutrição, manejo reprodutivo, saúde animal e gestão de recursos. Na prática, as aulas são cada vez mais expositivas, realizadas em propriedades rurais da região de Campo Grande.

Além disso, a universidade mantém rebanhos próprios de ovinos, caprinos, bovinos e eqüinos para realização de cirurgias e demais procedimentos ligados à clínica médica. Todos os anos, são formados cerca de 70 estudantes cursos de medicina veterinária e zootecnia.

Em quantidade bem maior, as universidades privadas do Mato Grosso do Sul aplicam modelo de formação pedagógica semelhante aos praticados nas universidades públicas. A Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP), importante instituição de ensino particular de ciências agrárias, com unidades em Campo Grande e Dourados, também já se conectou à necessidade da formação de profissionais seguindo as exigências do mercado.

Ivo Arcângelo Busato, pró-reitor de extensão da UNIDERP, é partidário do ensino prático em complementação à teoria, defendendo equilíbrio maior das disciplinas durante o período de formação do aluno.

A UNIDERP emprega entre 900 e 950 professores de diferentes áreas, atendendo aproximadamente 25 mil alunos. Isso porque, além dos campi, a instituição já está presente em outros 11 Estados por meio de seus cursos de ensino à distância (Uniderp Interativa). O corpo docente é formado por mestres e doutores e professores com cursos de especialização em disciplinas práticas.

Um grande gargalo do Mato Grosso do Sul está no atendimento técnico aos produtores rurais por meio da extensão rural. O problema é mais grave nas comunidades de assentamentos rurais e de formação indígena, que não dispõem de recursos para arcar com a assistência técnica, explica Renê Miranda Alves, consultor pecuário há mais de 20 anos, que estima haver um rebanho periférico entre 800 mil e 1 milhão de cabeças nessas áreas.

Para Alves, deveria existir maior interação entre os órgãos de difusão de tecnologias para democratizar o acesso às populações mais necessitadas. “É inadmissível que um estado com um dos maiores rebanhos bovinos do País, responsável até recentemente pela maior fatia de carne bovina exportada e que conta com três faculdades ligadas às ciências agrárias, venha a faltar com seus produtores por falta de planejamento”.

O trabalho de extensão rural do Mato Grosso do Sul é feito em parceria pelas empresas de insumos e o governo do estado. A ex-Empresa de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Empaer) foi substituída pelo Idaterra, órgão ligado à Seprotur.

Osmar Pereira Bastos, presidente do Conselho Regional de Medicina Veterinária do MS, defende a formação acadêmica focada no tripé ensino, pesquisa e extensão rural. Professor da UFMS, há 30 anos, ele admite, entretanto, certo distanciamento entre a pesquisa e sua aplicabilidade técnica.

Na atual gestão, o CRMV fomenta a reciclagem profissional, com cursos e palestras técnicas sobre temas atuais. Osmar Bastos adianta que a parceria da instituição com a Sociedade de Medicina Veterinária e o sindicato da categoria está viabilizando cursos de participação compulsória.

OSMAR BASTOS (CRMV), CÍCERO FARIA (UFMS),
IVO BUSATO (UNIDERP) E RENÊ MIRANDA (CONSULTOR):
OBJETIVOS COMUNS



30 anos a serviço da pecuária nacional

Embrapa Gado de Corte comemora três décadas de trabalhos.

As conquistas são várias em nutrição, genética, sanidade...

O Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte (Embrapa Pecuária de Corte), com sede em Campo Grande, está completando 30 anos de atuação, com muita contribuição na geração e adaptação de tecnologias para a pecuária de corte. Por isso, é referência para a comunidade científica brasileira e também do exterior.

A administração segue o modelo unificado, utilizado por todas as unidades da Embrapa, que escolhe seu chefe geral por meio de concurso público e mediante plano quadrienal de trabalhos. Segundo César Eraclides Berlin Miranda, assessor da chefia geral da Embrapa Gado de Corte, a partir daí, cada unidade desenvolve seu plano diretor próprio, que se enquadra ao plano de diretrizes da chefia geral. A atual gestão do CNPGC é do engenheiro agrônomo Rafael Geraldo de Oliveira Alves, profissional de carreira na Embrapa há 30 anos.

O terreno de 4 mil hectares, doação do Exército brasileiro, abriga hoje a sede administrativa e parte dos laboratórios de pesquisa da unidade. Outra área de 1 mil hectares aproximadamente, localizada a cerca de 30 km, abriga uma fazenda experimental. É nesse local que é mantido o rebanho de gado PO usado como base em pesquisas de melhoramento genético (Geneplus) e avaliação de performance produtiva.

A história do CNPGC, no entanto, abrange gama bastante variada de linhas de pesquisas e trabalhos científicos já concluídos. A instituição começou suas atividades com trabalhos na área de novas espécies forrageiras para regiões tropicais. A mais conhecida do público em geral é a espécie *Brachiaria brizantha* CV. *Marandu* – que, somada a outras cultivares do gênero *Brachiaria*, responde pela maior quantidade de espécies que povoam o Cerrado brasileiro.

Na espécie *Panicum maximum* CV. *Massai*, as cultivares *Mombaça* e *Tanzânia* também foram desenvolvidas pelos pesquisadores do CNPGC e hoje são encontradas em praticamente todas as regiões do País. São da Embrapa também as espécies *Brachiaria brizantha* CV. *Charatés* e

Panicum maximum CV. *Massai*. As demais cultivares do gênero *Brachiaria* (*B. humidicola*, *B. Decumbens* e outras CVs.) correspondem a 85% das pastagens formadas na região do Cerrado e 10% das sementes exportadas.

“Hoje, graças ao trabalho conjunto da Embrapa e empresas, como a Tortuga, as pesquisas estão em estágios bastante avançados e o resultado pode ser visto no crescimento dos índices de produtividade por área”, destaca Miranda.

Em relação ao melhoramento genético e manejo reprodutivo dos bovinos de corte, o CNPGC mantém a base de dados dos rebanhos zebuínos do País, por intermédio da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), fundamental para os principais programas de melhoramento mantidos atualmente pela unidade: Sumário de Touros das Raças Zebuínas, Avaliação de Touros Jovens ATJ, Geneplus, Programa do Novilho Precoce e Programa Brangus Caracu e Canchim e Cruzamentos.

No campo da sanidade animal, uma das maiores contribuições da Embrapa Gado de Corte é o Programa Estratégico de Controle de Verminoses, denominado 5-7-9 (referência aos meses de maio, julho e setembro), desenvolvido pela equipe do dr. Ivo Bianchim para a vermifugação dos rebanhos do Centro-Oeste.

O CNPGC possui 208 funcionários. Desses, 50 são pesquisadores distribuídos em vários segmentos da pesquisa, sendo que 70% têm doutorado com treinamento em universidades do exterior. O corpo técnico é formado por agrônomos, médicos veterinários, zootecnistas, biólogos, engenheiros florestais e profissionais das áreas de economia e administração rural.

Nos planos futuros da Embrapa Gado de Corte está a construção de um frigorífico com capacidade para abater 200 cabeças/dia e um curtume. O abate contará com mão-de-obra treinada nos conceitos de Boas Práticas de Produção e Cortes Especiais, visando domínio maior sobre a cadeia produtiva da carne: da fazenda ao prato. O couro, há três anos, é processado em um Centro Tecnológico, já praticamente finalizado. ▶

SEDE DA EMBRAPA GADO DE CORTE:
AQUI NASCEM VÁRIAS INOVAÇÕES
PARA A PECUÁRIA BRASILEIRA



PROGRAMA GENEPLUS

Programa é um passo adiante na pesquisa sobre melhoramento genético a caminho da personalização dos plantéis.

Criado em 1996, pelo Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte, o Programa Embrapa de Melhoramento de Gado de Corte (Geneplus) resulta de três décadas de coleta e administração de dados sobre melhoramento genético de bovinos das espécies *Bos Taurus* e *Bos Indicus* – raças bovinas da Europa continental e britânica e zebu indiano, respectivamente.

O programa consiste em um plano de trabalho orientado de forma individual para cada rebanho, com vistas a direcioná-lo para determinada característica desejada na seleção do criatório. A coleta de dados envolve as fases de acasalamento, nascimento, maternidade, desmama e sobreano, armazenados em um software desenvolvido pela equipe da Embrapa (Geneplus) ou qualquer outro banco de dados disponível em planilha eletrônica.

Duas vezes por ano, os pecuaristas enviam seu banco de dados à Embrapa. Após rigorosa avaliação dos técnicos do Geneplus, que submetem os resultados coletados no campo ao debate crítico para avaliar sua consistência, as informações são enviadas de volta às fazendas, com os resultados referentes à Diferença Esperada na Progenie (DEP). Esse material é, então, reunido em um CD-ROM com opções de busca, filtro de dados, ordenamento de animais por características ou por índice de seleção e ferramentas de suporte para direcionar os acasalamentos (coeficiente de consangüinidade e DEPs dos embriões).

Segundo Antônio do Nascimento Rosa, doutor em melhoramento animal e membro do Geneplus, o banco de dados da Embrapa Gado de Corte está entre os mais completos e confiáveis do País. Isso pela variabilidade ge-

nética que reúne as principais linhagens em diferentes combinações. Para o especialista, “não se faz seleção sem que de fato se promovam cruzamentos entre várias populações”.

A avaliação nacional de touros permanece sendo feita e é gratuita para toda a cadeia de produção da carne bovina. Já a avaliação do rebanho (Geneplus) é um trabalho de prestação de serviços direcionado ao criador, que pode contratar a Embrapa para consulta mais direta sobre seu rebanho. A vantagem é que as informações mantêm caráter sigiloso, sendo disponíveis somente para a fazenda.

No Geneplus, o pecuarista também recebe relatório no formato de CD-ROM, contendo informações sobre os touros, matrizes e produtos da fazenda. Além disso, também conta com um serviço que auxilia a seleção – para escolher os animais de qualidade superior e identificar os descartes – e a decisão sobre a comercialização.

Atualmente, o Geneplus encontra-se bastante difundido, sendo utilizado por criadores de 14 diferentes estados, além de Paraguai e Bolívia. O programa inclui bovinos de diferentes raças, com destaque para Nelore, Braford, Brangus, Canchim, Caracu, Limousin, Blonde D’Aquitaine, Senepol e Wagiu, pertencentes a 391 plantéis. Desse universo, o maior número de rebanhos é de animais Nelore: cerca de 180.

A Embrapa mantém rebanho com 120 animais no Geneplus, que serve de base para cruzamentos experimentais. Antonio Rosa adverte que, apesar de numericamente pequeno, as combinações sangüíneas desse rebanho na raça Nelore, por exemplo, equivalem a um rebanho de 1 milhão de cabeças.

EDUARDO MONREAL (TORTUGA), ANTONIO ROSA (GENEPLUS), CÉSAR MIRANDA (CHEFE DO CNPGC) E EZEQUIEL DO VALLE (NOVILHO PRECOCE): EMBRAPA GADO DE CORTE EM VÁRIAS FRENTES

PROGRAMA DO NOVILHO PRECOCE

Programa incorpora conceitos de Boas Práticas de Produção para diferenciar a carne brasileira.

O Programa do Novilho Precoce da Embrapa Gado de Corte conta com a parceria do governo estadual e de representantes de entidades de classe e segue as últimas tendências mundiais em tecnologias para produção animal.

O conceito de “Boas Práticas Agropecuárias”, bastante difundido em todo o planeta, prega a produção agrícola sustentável do ponto de vista socioeconômico e também ambiental e, é nessa linha, que o programa, criado em 1992, lança cartilha que promete revolucionar a forma de fazer pecuária no Brasil.

Ezequiel Rodrigues do Valle, pesquisador do CNPGC e atual diretor da Associação do Novilho Precoce de Mato Grosso do Sul, ressalta a importância desse programa para o crescimento na participação do estado nas exportações de carne do País.

O programa trabalha, atualmente, com cerca de 200 associados, que abatem 360 mil cabeças/ano para abastecer, principalmente, redes de supermercados de São Paulo. Um dado que chama à atenção refere-se ao potencial de produção sul-matogrossense, que chega a 3,5 milhões de cabeças/ano.

A entrada dos pecuaristas no Programa do Novilho Precoce funciona como prévia para o processo de certificação da propriedade rural, defendida para o novo Sisbov (Sistema de Identificação, Certificação e Rastreabilidade Bovina e Bubalina) do MAPA. Sendo assim, para o pecuarista se adequar às normas, primeiramente ele tem de sair da chamada zona de conforto, abatendo seus animais mais cedo.

O ideal é abater os machos entre 20 e 24 meses, com peso médio de 15 arrobas. Na Associação do Novilho Precoce do Mato Grosso do Sul, cerca de 80% dos registros de abates atingem 17,5 arrobas. As fêmeas têm cerca de 14 arrobas. Ezequiel Valle mostra que essa é uma exigência do mercado, que remunera melhor o criador com carcaças a partir de 17 arrobas (machos) e 14 arrobas (fêmeas), com acabamento de gordura entre 3 e 6 mm de animais com dois a quatro dentes.

Em relação às contrapartidas, participantes do programa do Novilho Precoce do Mato Grosso do Sul contam com incentivos fiscais. No caso de animais dente-de-leite, os pecuaristas ganham 67% de redução do ICMS. Para animais de até dois dentes a redução é de 50%; e no caso animais de quatro dentes, de 37%.



FAMÍLIA COELHO FAZ HISTÓRIA NA PECUÁRIA DO MS

Laucídio saiu de Minas Gerais para mudar a história da pecuária do Mato Grosso do Sul. Seus descendentes continuam sua saga.

Há 150 anos, o bisavô de Laucídio Coelho Neto, vindo das Minas Gerais, passou pela região de Paranaíba, antes de se instalar em Campos de Vacaria, perto de Rio Brillante, atual sede da Fazenda Bela Vista. Lá, nasceu o pecuarista Laucídio Coelho, líder da família e da pecuária no Mato Grosso do Sul. Ali começava, também, a história da família Coelho na pecuária de corte sul-matogrossense, considerada por muitos um divisor de águas na melhoria genética do rebanho e na forma de se criar gado no estado.

Na Bela Vista, o velho Laucídio montou um sistema de criação com base em pastagens cultivadas e uso de maquinários, duas tecnologias que os pecuaristas diziam encarecer demais a produção, sem trazer retorno. Segundo Laucídio Coelho Neto, o avô dizia que era mais barato comprar outras fazendas do que reformar a própria. Anos depois, com a redução de custos das novas tecnologias, ele admitiu não ser mais válida aquela máxima. “A estratégia usada por ele foi fundamental para a constituição do patrimônio da família Coelho”, destaca Coelho Neto.

Nos extensos campos de sua propriedade, a família Coelho sempre investiu na criação de gado de corte em ciclo completo, com uso das raças Gir, Indubrasil e Nelore, trabalho que mantém até hoje. Em quatro gerações, a família traz, além do pioneirismo no melhoramento genético da raça, uma galeria de troféus e premiações digna dos grandes patriarcas do Nelore no Brasil.

Homem público com vasta cultura, Laucídio Coelho é o responsável pela formação da primeira cadeira produtiva da carne bovina no Mato Grosso do Sul, uma das inúmeras contribuições que deu ao estado que escolheu para morar. De visão aguçada, ajudou a fomentar a produção agrícola em diferentes regiões, unindo esforços ao cunhado Itálvio Pereira Martins para criar a Associação dos Criadores de Mato Grosso do Sul (Acrissul).

Esse foi um dos primeiros passos para mudar a realidade da atividade primária, até então bastante atrasada. No caso da pecuária, a região exportava apenas boi magro para outros estados. Laucídio Neto lembra que nessa época o gado ainda era transportado em comitivas, não se permitindo distâncias superiores a 150 quilômetros entre a fazenda e o abatedouro. Em 1950, a partir de esforço da entidade e de produtores, era instalado o

primeiro local de abate de Campo Grande.

“Foi o passo que faltava para a criação de uma agroindústria no estado e o início de uma nova era na pecuária do Mato Grosso do Sul, que passou a produzir boi gordo”, lembra o pecuarista, atual presidente da entidade criada pelo avô. Na presidência da Acrissul, pelo oitavo ano, Laucídio Coelho Neto tem consciência do papel da pecuária de corte na economia estadual, por ser a carne bovina o principal produto na pauta de exportação e também pela liderança na produção nacional conquistada há vários anos.

Hoje, a indústria da carne do Mato Grosso do Sul congrega 35 plantas frigoríficas e é considerada uma das mais bem aparelhadas do País. Todos os anos são abatidos 3,4 milhões de cabeças no estado, além de um milhão de cabeças, que seguem para abate em São Paulo. Isso significa um milhão de toneladas de carne *in natura* produzidas nas fazendas do Mato Grosso do Sul – lembrando que a produção nacional de carne bovina é de 9 milhões de toneladas, aproximadamente.

De acordo com Laucídio Coelho Neto, o papel das famílias mais tradicionais é mostrar para o pecuarista do Mato Grosso do Sul a importância de se olhar para o mercado, uma vez que há excesso de oferta de gado. “Até pouco tempo atrás, o produtor com taxa de natalidade de 65% era de ponta. Hoje, algumas fazendas já mantêm taxas de natalidade entre 75% a 80% no Pantanal. É um ganho fantástico”.

A ExpoGrande é outro marco da família Coelho. Trata-se do principal evento agropecuário do estado, realizado em Campo Grande. Desde a primeira edição do evento – datado de 1933 –, a Fazenda Bela Vista marca presença, sendo a única a participar de forma ininterrupta.

A Fazenda Bela Vista investe na produção de touros e de boi gordo. A estrutura do projeto segue as regras dos principais programas de avaliação de potencial, como o Geneplus, da Embrapa Gado de Corte, com grande número de touros da propriedade registrados na ABCZ.

LAUCÍDIO COELHO NETO, PRESIDENTE DA ACRISUL: QUARTA GERAÇÃO A SERVIÇO DO MATO GROSSO DO SUL



TRADIÇÃO E TECNOLOGIA DA FAMÍLIA ALMEIDINHA

O pai, Alfredo, tem muitas histórias para contar. Os filhos criaram o Condomínio Peixe e também investem em produtividade.

Pecuarista tradicional de Campo Grande, Alfredo Peres Almeidinha, em companhia dos seus filhos, mantém projeto pecuário alicerçado no uso de tecnologias aplicadas principalmente ao melhoramento genético e à nutrição do rebanho. Seja na cria feita no Pantanal ou na recria e engorda realizada no planalto, a família Almeidinha consegue produtividade acima da média do estado, a partir de um trabalho eficiente.

Nos últimos anos, os filhos de Alfredo uniram-se em torno da ampliação dos negócios da família. Assim, criaram o Condomínio Peixe, projeto de recria e engorda de novilhas, em pastagens arrendadas, utilizando suplementação mineral nas águas e semiconfinamento no inverno. Pedro Almeidinha, um dos integrantes do condomínio, comenta que a idéia de trabalhar a pecuária fora da fazenda do pai nasceu da vontade dos irmãos de buscarem ganhos adicionais a partir do giro maior de animais.

O semiconfinamento é destinado somente às novilhas que atingem peso vivo superior a 330 kg no final do período das águas. Após 90 dias consumindo 2,5 kg de concentrado formulado pelo Departamento Técnico da Tortuga, as fêmeas seguem para o abate com peso acima de 390 kg. Essa estratégia tem por objetivo manter a boa qualidade de carcaça dos animais abatidos, mesmo no período da seca. Dessa forma, o Condomínio Peixe garante remuneração extra o ano todo, quando esses animais são abatidos em parceria com a Associação do Novilho Precoce do Mato Grosso do Sul. A entidade exige animais com 190 kg de carcaça e pelo menos 3 mm de gordura subcutânea, além de não aceitar fêmeas prenhas.

Os lotes abaixo do peso para terminação em semiconfinamento são suplementados com

“Infra-estrutura foi planejada para gerar bons resultados econômicos”

Fosbovi Seca, suplemento protéico mineral de baixo consumo, que garante a manutenção e ganhos de até 300 gramas/cab/dia. Lessandro Dossi, assistente técnico da Tortuga, destaca que esses animais, recebendo suplemento protéico mineral durante a seca, apresentam excelente desempenho logo no início do período de chuvas, permitindo o abate antes do final do ano, o que favorece muito a reposição por gado magro.

Além dos arrendamentos, os irmãos Almeidinha contam com ótima estrutura de recria e engorda da Fazenda Pontinha, em Bandeirantes, planalto sul-matogrossense. A propriedade recebe parte da bezerrada criada na fazenda do Pantanal, além de animais comprados em propriedades da região. A estrutura acomoda dois projetos específicos: um de recria e engorda em pastagens adubadas e outro de terminação em sistema de confinamento, trabalho que vai para o quarto ano e acontece sempre nos meses de inverno.

O confinamento foi estruturado com a finalidade de otimizar ainda mais o processo de terminação dos bovinos na entressafra, explica Almeidinha, que aponta as vantagens que o fazem manter o sistema funcionando. Para ele, o maior ganho está no aumento do giro de animais e na desocupação das áreas de pasto. Além disso, há remuneração diferenciada para os animais abatidos na entressafra, de 15% a 20% do valor da arroba. Outra vantagem é redução no ciclo de produção em pelo menos seis meses.

PEDRO E CARLOS ALMEIDINHA E LESSANDRO DOSSI (TORTUGA): GIRO MAIOR DE ANIMAIS



PLANEJAMENTO PARA O MÁXIMO GANHO

Propriedade do Grupo Paquetá mostra como planejamento, gestão e tecnologia resultam em ganhos de produtividade.

Propriedade do grupo Paquetá, de forte tradição no comércio calçadista da região Sul do Brasil, a fazenda Don Arlindo integra um complexo que reúne outras três propriedades na região sul do Mato Grosso do Sul. Arlindo Muller, diretor-presidente do grupo, visionário e empreendedor, já falava há mais de três décadas que investir em terras no estado seria um bom negócio no futuro.

A aposta deu certo. A Fazenda Don Arlindo, de 18,9 mil hectares, sendo 15,2 mil ha de área útil, funciona como verdadeiro campo de provas, buscando soluções para a integração lavoura-pecuária, tecnologia que vem na vanguarda do plantio direto, e foi desenvolvida para aumentar a produtividade a partir da consorciação de espécies forrageiras e as principais culturas agrícolas.

O diretor operacional do grupo, Edison Rech, e o diretor financeiro, Elemer Stoffel, comandam a Don Arlindo, desde 1971. Eles relembram um velho dilema da pecuária naquela região: equilibrar os ganhos da pecuária, de solos degradados por anos de extrativismo, com os da agricultura. "A integração lavoura-pastagens veio suprir esta lacuna, já que se trata de uma tecnologia de baixo custo, fácil de ser implantada e de retorno rápido", destaca Rech, que mantém inúmeros experimentos nas três propriedades que administra.

O sistema de produção da Fazenda Don Arlindo é baseado em novilhas precoces e superprecoces, resultado do cruzamento de Nelore com raças européias. As fêmeas Nelore são cruzadas com machos Hereford, origem britânica. As crias fêmeas 1/2 sangue são colocadas

com raças de origem continental para cruzamento terminal. O índice médio anual de ganho de peso da fazenda em 2006 foi de 790 gramas/dia; 60,80% dos machos são abatidos até os 18 meses de idade, 31,24% abatidos entre 18 e 24 meses e 7,96% acima de 24 meses, com peso médio de 17,3 arrobas. Os machos são acabados 100% em confinamento. O peso à desmama é um dos destaques da fazenda: em 2006, os 6.276 bezerros foram desmamados, em média, com 245,8 kg (machos) e 236,7 kg (fêmeas), sendo que os animais tri-cross alcançaram a média de 290 kg. Segundo Daniel Rech, gerente da fazenda, a implantação do sistema à base de "creep-feeding" foi fundamental para aumentar o peso à desmama.

O projeto está em crescimento. O rebanho de matrizes vem evoluindo e o objetivo é alcançar 13.200 ventres. Estes animais alimentam-se ao longo do ano somente com pastagens de braquiária e suplementação mineral específica para reprodução (Fosbovi Reprodução), dieta que na seca muda para o suplemento proteico-mineral (Fosbovi Seca). A estação de monta é fixa e dura 60 dias com inseminação artificial e repasse com touros Hereford, técnica que proporciona taxas de prenhez acima de 85,4%. Cerca de 50% dos produtos são terminados no confinamento, volume que deve crescer expressivamente em futuro próximo.

Como base nesse trabalho, a Fazenda Don Arlindo mantém aproximadamente 2.100 hectares com integração lavoura-pastagem, como forma de ação estratégica para recuperação dos pontos degradados e produção de volumoso para o gado. Todos os anos, uma gleba de 800 hectares passa por análise de solo, calagem e adubação antes de entrar agricultura. São plantados sorgo, milho e soja para fabricação de ração própria, usada para baratear os custos do confinamento.

Em outubro, é feito o cultivo da soja, que tem rendimento médio de 50 sacas/ha. No inverno, metade da área é destinada à aveia, utilizada como pastagem para os animais de recria.

A outra metade é cultivada com milho, sorgo e trigo, utilizados nas rações para o plantel. Para fechar o ciclo, em agosto é feito o cultivo do milho, que servirá de pasto para matrizes primíparas antes da estação de monta.

Visando aumentar ainda mais a eficiência desse trabalho, Edison Rech plantou sorgo com capim mombaça em sistema de consórcio, para fabricar silagem. Com isso, ele espera reduzir os custos de forma significativa. Com essas e outras medidas, a Don Arlindo consegue produzir silagem em grande quantidade, com excelente qualidade ao custo médio de R\$ 25,00 a tonelada.

O programa de melhoramento genético do Grupo Paquetá, iniciado em 1992, mantém 26.800 fêmeas controladas nas três fazendas. O trabalho tem por finalidade produzir touros da raça Nelore, Brangus e Braford, criados em regime de pasto, para uso próprio e também para o mercado. São animais capazes de transmitir precocidade sexual e de acabamento de carcaça, o que proporciona pecuária de corte com ciclo mais curto e, com certeza, mais lucrativa. O programa segue critérios rígidos, baseado em características de importância econômica com boas correlações genéticas, fácil mensuração e boas herdabilidades. É a partir de suas avaliações que são geradas as DEPs (Diferenças Esperadas na Progênie) dos touros. As avaliações são feitas em termos de velocidade de ganho de peso, perímetro escrotal, precocidade de acabamento, musculosidade e conformação de carcaça.

No critério precocidade sexual, 100% das novilhas Braford e Brangus são expostas para reprodução entre 12 e 16 meses de idade, com índices de prenhez que evoluem ano após ano, chegando a 79%, em 2006. O trabalho rigoroso de seleção garante aos touros da Paquetá o Certificado Especial de Identificação e Produção (CEIP), que atende aos padrões técnicos exigidos pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

A Tortuga orgulha-se da parceria com a Fazenda Don Arlindo, do Grupo Paquetá, que em um trabalho sério e intensivo avança em produtividade, com base no pensamento arrojado de seu diretor, Edson Rech, apaixonado pelo agrogócio, que sentença: "Uma empresa não pode deixar de trabalhar sem metas ousadas de produtividade e ganhos econômicos audaciosos".



Piscicultura FORTE

Douramix, empresa de rações da região de Dourados, aposta na piscicultura sul-matogrossense para ganhar mercado e impulsionar vendas.

Fabricante de rações comerciais para diferentes segmentos da produção animal, a Douramix nasceu há três anos para abastecer o mercado de Dourados e região. A sazonalidade da atividade pecuária, no entanto, impediu que a estratégia original fosse mantida. A saída foi buscar alternativa em outras atividades.

O primeiro passo foi buscar novas parcerias para capacitar a fábrica a produzir rações que atendessem demandas específicas. Dando vazão a essa idéia, o empresário Eduardo Corrêa da Silva e seus dois sócios estreitaram relacionamento comercial com a Mar & Terra, de Itaporá, especializada na criação de peixes em cativeiro. Esse projeto já promoveu guinada na linha de produção e também a construção de um frigorífico para abater peixes, único na região.

Aproveitando a parceria com a equipe técnica da Tortuga, que há três anos lhe fornece pre-mix mineral, a Douramix passou a formular ração para peixes. Aliado a isso, a empresa investiu em máquina extrusora para viabilizar a fabricação de ração peletizada própria, para alimentação de peixes em cativeiro, explica Ademir Sufzbacher, responsável pelo controle das fórmulas e da linha de produção.

A fábrica atual tem capacidade instalada para produzir 3 toneladas/hora de ração extrusada para peixes e já atinge volume mensal de 310 toneladas. Além disso, a Douramix continua forte no segmento de pecuária corte e tem planos de entrar também no mercado de rações pet (cães e gatos). Luiz Teodoro de Souza, médico veterinário e também sócio da empresa, informa que a meta para 2007 é atingir 50 toneladas/mês, devendo subir gradativamente até 200 toneladas mensais.

O Mato Grosso do Sul participa com, no máximo, 10% da piscicultura comercial do País. No entanto, o diferencial da produção dos alevinos da bacia do Rio Prata (Pantanal), por intermédio do Projeto Pacu, mais as condições de clima e geografia do estado são diferenciais que podem mudar essa realidade, observa Eduardo Corrêa, que destaca, ainda, o grande volume de lâminas d'água, a proximidade com importantes centros consumidores e a disponibilidade de alimentos baratos como pontos positivos do estado.

O empresário destaca, também, a tradição toda peculiar da piscicultura da bacia do Pantanal, com o cultivo em tanque de peixes, como pacu, pintado, dourado, piançu e curimba, com carne apreciada.

Aliás, com a inauguração de sua planta frigorífica para abate e beneficiamento de peixes, a Embrapa instalou unidade de pesquisa em piscicultura. A iniciativa privada também se movimenta para tornar a atividade ainda mais forte no Mato Grosso do Sul. A Douramix e a Fazenda Mar & Terra, por exemplo, têm parceria há três anos, por meio da qual, em troca do fornecimento de ração específica para pintado, a fazenda investe no fortalecimento da cadeia de produção.

Perseguindo a LIDERANÇA

Fazenda Mar & Terra investe em tecnologias para alavancar a piscicultura no MS.

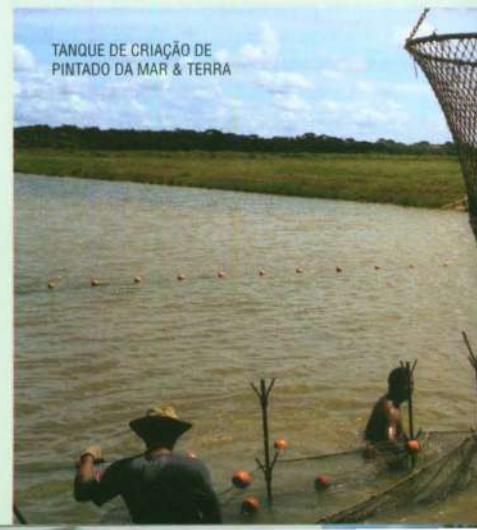
Confiando no potencial do Mato Grosso do Sul para a piscicultura, o grupo Mar & Terra adquiriu a Fazenda Só Peixe para projeto de criação de peixes em cativeiro, tendo o pintado como o seu ponto forte. Para manter a exploração sustentável do ponto de vista socioeconômico e ambiental, parte da estrutura original da fazenda foi mantida.

A fazenda é especializada na recria e engorda de peixes e compra seus alevinos do Projeto Pacu. Segundo Thiago Tetsuo Ushizima, gerente de produção da Mar & Terra, a capacidade de hospedagem da fazenda, hoje, é bem superior à oferta, devido à dificuldade de se encontrar fornecedores de alevinos, mesmo no Pantanal. "Em 2006, a fazenda trabalhou para estocar 650 mil alevinos; o volume foi de apenas 450 mil", informa Ushizima.

A Fazenda Só Peixe usa tecnologia de ponta em nutrição, sanidade e controle de resíduos sobre a água. Os 48 tanques de produção, com 130 hectares de lâminas, têm capacidade instalada para 45 toneladas de pintado/mês. A criação dessa espécie em cativeiro ainda é muito incipiente, o que exige trabalhos científicos mais consistentes.

Na primeira fase (recria), quando os alevinos chegam do laboratório de reprodução já treinados a comer ração comercial, têm em média 15 gramas (3 cm x 5 cm). Sua criação é feita em tanques de 1 hectare, onde permanecem até atingir perto de 250/300 gramas.

ALCIR PICOLIN (TORTUGA), LUIZ TEODORO, EDUARDO CORRÊA, ADEMIR SUFZBACHER E NEWTON TEODORO (DOURAMIX): DIVERSIFICAÇÃO PARA ATENDER NICHOS DE MERCADO



TANQUE DE CRIAÇÃO DE PINTADO DA MAR & TERRA

O técnico explica que essa é uma fase delicada, porque o canibalismo acontece com maior frequência dentro dos tanques.

Após essa fase, os alevinos são transferidos para tanques maiores, onde ficam oito ou nove meses, até atingir 1.200 kg, tamanho considerado padrão exportação. De acordo com gerente da Mar & Terra, um pintado desse porte oferece, em média, dois filés de 200 gramas cada, produto desejado por restaurantes e supermercados em todo o mundo.

Como o foco é o mercado europeu, a ração precisa seguir padrões de fabricação que atendam às normas da União Européia. Para aprimorar a nutrição, a Mar & Terra firmou parceria com a empresa de rações Douramix, de Dourados. As rações Douramix são as únicas do mercado sul-matogrossense com a tecnologia dos Carbo-Amino-Fosfo-Quelatos (Minerais Orgânicos), da Tortuga.

A ração segue todas as recomendações técnicas exigidas pela comunidade européia, como ausência de resíduos de animais de sangue quente, farinha de carne e organismos geneticamente modificados (OGMs). Testes feitos na fazenda com a ração da primeira fase (3 meses), após a retirada dos peixes do tanque e pesagem, mostraram diferença de 90 gramas a maior no tanque que usou a ração específica. Na mesma relação, houve diminuição da taxa de conversão alimentar.

Em seu frigorífico, o grupo Mar & Terra processa de 15 a 20 toneladas mensais de filé fresco de tilápia, volume exportado para os Estados Unidos. O pintado abastece principalmente a Europa. Além disso, atende aos mercados de São Paulo e Minas Gerais, principalmente a rede Pão-de-Açúcar.

Uso racional da terra

Com pesquisas direcionadas à integração pecuária-lavoura, Fundação MS fomenta a produtividade da agropecuária estadual.

A Fundação MS nasceu por iniciativa de um grupo de associados da Cooperativa Coagri, em 1992. Os objetivos são nobres: aprimorar o conhecimento científico e torná-lo mais acessível aos produtores rurais. Sediada em Maracaju, a instituição faz jus aos seus princípios. Mantida com recursos dos próprios agricultores, desenvolve linhas de pesquisa voltadas, principalmente, à melhoria do sistema de produção agrícola, a partir de tecnologias que respeitam o meio ambiente e preservam os recursos naturais disponíveis.

Uma das primeiras iniciativas da Fundação MS foi intensificar a integração lavoura-pecuária, tecnologia que ganha adeptos a cada dia e mostra resultados em diferentes situações de clima e solo. Um dos precursores da técnica, Dirceu Luiz Broch, atual diretor geral da Fundação, lembra que essas pesquisas ocorreram quando pesquisadores e produtores rurais se deram conta de que as pastagens poderiam, sim, ser usadas para o plantio direto, que prega a não-remoção do solo e sua cobertura permanente por matéria orgânica (palhada).

Segundo Broch, a partir daquele momento começaram a ser realizados trabalhos de manejo das áreas de pastagens bem parecidos aos usados pela agricultura. Com práticas agrônômicas modernas que determinam, por exemplo, a dosagem correta de herbicida para secagem da braquiária e/ou a melhor forma de corrigir e adubar o solo, os resultados não tardaram a aparecer, lembra o diretor-geral da Fundação MS, para quem a integração lavoura-pecuária funciona muito bem na realidade do Mato Grosso do Sul.

O estado tem dois milhões de hectares usados pela agricultura e outros 18 a 20 milhões de hectares com pastagens nativas e/ou cultivadas. Cerca de 12 milhões de hectares apresentam algum estágio de degradação, o que abre uma fronteira para recuperação e formação de áreas de pastagem.

Com orçamento anual de R\$ 2,5 milhões para pesquisas, a Fundação MS mantém convênios com a iniciativa privada, que banca parte dos experimentos feitos nas fazendas da instituição. Além disso, as empresas apoiam ações em feiras, eventos técnicos e dias de campo. A Tortuga é parceira da Fundação MS, apoiando a entidade em seus eventos, como o Show Tecnológico, que na sua última edição reuniu centenas de produtores rurais em Maracaju.

Atualmente, a Fundação intensifica seus trabalhos em quatro linhas principais: integração lavoura-pecuária, com ênfase em novas espécies forrageiras adaptadas de soja e tecnologias de manejo; fertilidade do solo, com o uso de calcário, adubo, micronutrientes, gesso e inoculantes; fitossanidade de plantas, herbicidas, fungicidas, inseticidas para controle de lagartas, percevejo e tratamento de sementes; e fitotécnica: a partir de parcerias, a instituição testa as linhagens de soja antes de sua comercialização.

ALCIR PICOLIN (TORTUGA) E DIRCEU LUIZ BROCH, DIRETOR GERAL DA FUNDAÇÃO MS: RESPALDO AO PRODUTOR



UNIÃO FAZ A FORÇA

Associativismo transforma realidade de produtores na bacia leiteira da região de Jateí.

Iniciada na primeira reforma agrária realizada no Brasil, feita entre 1950 e 1954 pelo então presidente Getúlio Vargas, a comunidade de assentados rurais do Vale do Jateí – região que pertence à Grande Dourados – guarda até hoje remanescentes da época em que se acreditava que o Cerrado brasileiro era a última fronteira agrícola do País e um eldorado para os desabrigados e refugiados do campo.

No projeto inicial de assentamento, cada família recebeu 12,5 alqueires (30 hectares) de terras, em troca da fixação na região com alguma atividade produtiva. O solo de excelente qualidade para a agricultura promoveu, nos primeiros anos, grande “boom” da agricultura, situação que não se sustentou pelo alto custo de manutenção dessas áreas. O caminho natural para muitos assentados foi migrar para a pecuária de baixo aporte tecnológico e/ou vender suas terras.

Outro destino de vários assentados foi a pecuária leiteira. Uma tentativa de fortalecer a atividade na região ocorreu em 1985, pelas mãos de João Dias, então prefeito de Jateí, que criou uma Associação de Amigos para produtores de leite, reunindo cerca de 380 pequenas propriedades de assentados.

Mais recentemente, a atividade teve impulso com a chegada dos primeiros produtores particulares que, vindos principalmente de São Paulo e Paraná, adquiriram as terras dos assentados para montarem projetos de produção leiteira.

Hoje, a bacia leiteira de Jateí reúne 180 projetos, que entregam leite regularmente nos laticínios, totalizando produção diária de 25 mil litros de leite *in natura*. José Antonio Gonzáles, produtor e presidente da associação, trabalha para resolver um problema determinante para a baixa produtividade das fazendas: a degradação das pastagens. Segundo ele, há três anos também há sólido investimento na melhoria da sanidade do rebanho, a partir da comercialização de produtos veterinários a preços mais baixos para estimular o uso pelos produtores.

PRODUÇÃO DE LEITE EFICIENTE

Uma história que ilustra bem essa nova fase da bacia leiteira da região de Jateí é protagonizada pela família Gonzáles, que lá chegou no final da década de 80 em busca de oportunidades melhores na produção leiteira.

No primeiro mês de trabalho e com oito vacas em lactação, Ramiro Martins Gonzáles coletou 900 litros de leite. Depois, ele buscou forças para estruturar um projeto com vacas de alta produção. Resultado: em pouco mais de cinco anos, a produção mensal saltou para 9 mil litros. Os resultados motivaram novos investimentos. Ramiro e família partiram, então, para a intensificação do sistema de pastagem, que passou para o modelo rotacionado, e suplementação mineral. Um diferencial da família Gonzáles é bater sua própria ração. Numa pequena fábrica montada na propriedade, eles misturam os ingredientes ao suplemento mineral Novo Bovigold, da Tortuga.

Aliado a isso, o Sítio Gonzáles continuou a investir na genética do rebanho, passando a utilizar gado somente da raça holandesa. Esse melhoramento faz hoje com que a propriedade produza suas futuras matrizes, que recebem alimentação diferenciada e cuidados especiais com a sanidade.

A reprodução é feita por inseminação artificial, buscando sempre acasalamentos que agreguem qualidade ao leite. Os ganhos são palpáveis: as fêmeas têm, em média, produção de 20 litros/dia, volume que chega a 23,5 litros no pico da lactação. A única reclamação do produtor refere-se ao pagamento do leite, ainda feito por volume, fato que deprecia o trabalho feito nas fazendas. “O litro do leite coletado *in natura* resfriado é vendido a R\$ 0,38/litro, bem abaixo do recebido pelos produtores no Sudeste e no Sul”, desabafa.

Em termos de infra-estrutura, o Sítio Gonzáles também se moderniza. A compra de dois tanques de resfriamento aumentou a capacidade de armazenamento de leite *in natura* para 10 mil litros/dia. Como a coleta é feita diariamente, a propriedade tem excelente classificação na contagem de células somáticas (300 mil/ml de leite) e sólidos feita pelo laticínio.

O EXEMPLO DA COPAVIL

O cooperativismo é visto, cada vez mais, como importante alternativa para produtores de leite que vivem em pequenas propriedades e assentamentos rurais do Mato Grosso do Sul. A região do Vale do Ivinhema, por exemplo, formada basicamente por assentados rurais e minifúndios de base familiar, congrega cerca de 1.000 propriedades rurais, que vivem da exploração extrativista da pecuária leiteira.

E nessa realidade que, há 24 anos, a Cooperativa Agroindustrial do Vale do Ivinhema (Copavil), com sede em Nova Andradina, trabalha na captação e transformação do leite em derivados lácteos, além da compra e armazenagem de grãos em períodos de safra. Sérgio Leal, presidente da Copavil, argumenta que a pouca experiência do estado no cooperativismo aumenta a responsabilidade dos dirigentes, que muitas vezes têm de tomar a iniciativa de falar com o produtor, mostrando as vantagens do associativismo.

Como a agricultura não é o forte da região, a cooperativa aproveita da melhor maneira os grãos coletados em cerca de 80 propriedades, explica Leal. Foi assim que foi criada a fábrica de rações mantida pela cooperativa e que produz alimentos concentrados para grandes animais (bovinos) e abastece os cooperados durante o período de inverno. No total, são captados na região em torno de 30 mil litros de leite *in natura*/dia, volume que segue para transformação em mussarela na fábrica mantida pela Copavil, em Bataiporã. Toda a produção (100 toneladas de queijo/mês) segue para redes de supermercados de São Paulo e venda na própria região. A receita é suficiente para gerar 26 empregos diretos e mais de 500 indiretos.

Segundo o presidente da Copavil, entre os associados há quem entregue sua produção à cooperativa há mais de 20 anos. A cooperativa mantém, ainda, uma loja de produtos agropecuários e um supermercado.

Sérgio Leal destaca, também, a participação da Tortuga no processo. “A Tortuga atende tanto o pequeno quanto o médio ou o grande produtor, sempre com a mesma atenção. Trata-se de uma importante parceira da Copavil para tornar o cooperativismo realidade em nossa região”, ressalta.

BETO (REPRS. TORTUGA), FAMÍLIA GONZÁLES E GIOVANNI MUGLIA (SUP. VENDAS DA TORTUGA); PRODUÇÃO EM ALTA



BONITO, PÓLO TURÍSTICO DO MATO GROSSO DO SUL

O equilíbrio perfeito entre progresso econômico e sustentabilidade socioambiental faz de Bonito, na Serra da Bodoquena, o local preferido para o turismo no Mato Grosso do Sul.

Cercado por belos rios e muitas belezas naturais, Bonito possui aptidão natural para a visitação turística. Toda essa generosidade da natureza já rendeu ao município o título de nova capital do turismo ecológico do Mato Grosso do Sul e tem atraído investimentos públicos e privados nos últimos anos, além de muita gente para testemunhar suas belezas.

O projeto de transformar Bonito em pólo turístico é antigo e amadurece desde 1993, quando começou a divulgação de reportagens na imprensa, tornando o lugar conhecido do público em geral. Desde então, Bonito tornou-se destino obrigatório para turistas de todas as idades. A cidade recebe anualmente milhares visitantes de todas as partes do Brasil e também do exterior, atraídos pela enorme quantidade de passeios e aventuras.

Hoje, o turismo é a principal atividade econômica do município, respondendo por mais de 60% dos empregos diretos e indiretos. A capacidade hoteleira passou de 267 leitos para 4 mil, em dez anos.

Por conta desse crescimento, a cidade já ganhou até aeroporto de porte internacional, com conclusão prevista nos próximos meses. Outra obra de grande impacto na melhoria da qualidade de vida do município é o novo sistema de tratamento de água e saneamento básico, que não deixa a desejar ao de grandes capitais do País. O projeto tem custo total de R\$ 10 milhões e conta com recursos da Petrobras. “Com a conclusão desta obra, Bonito passará dos atuais 65% de lares com esgoto e água tratados para 100%”, exclama o prefeito José Arthur Soares de Figueiredo, que desenvolve modelo de gestão integrada, envolvendo as secretarias municipais, entidades de classe e sociedade civil em um projeto de crescimento sustentável ambiental, econômico e social para o município.

No que diz respeito ao complexo de lazer e turismo montado para receber seus visitantes, Bonito possui roteiro de causar inveja. Entre os atrativos da região, destacam-se o balneário municipal, mantido com recursos da prefeitura e que mantém programação com muito esporte e diversão aos visitantes.

Além disso, a região reserva vários passeios em propriedades rurais particulares, que integram o roteiro turístico oficial. Ao todo, são mais de 40 opções para o turista, incluindo corredeiras para a prática de esportes, como rafting e canoagem, inúmeras lagoas de águas cristalinas, muito apreciadas para mergulhos de superfície, onde o turista pode contemplar a abundância de peixes que povoam o leito dos rios Formoso, Miranda, Rio da Prata, Rio Inhumas, os principais da região. “Nenhum lugar do mundo tem tantos atrativos turísticos no raio de apenas 20 km”, enfatiza o prefeito Figueiredo.

Quando o assunto é conservação e preservação dos recursos naturais disponíveis no município, todo o cuidado é dobrado. Para isso, a prefeitura conta com a parceria do Ministério Público Estadual, que auxilia a fisca-

lização das áreas de preservação permanente. “Bonito é o exemplo claro do convívio ideal entre homem e natureza. Aqui, a exploração é feita de forma racional, equilibrada e inteligente, minimizando impactos ambientais que causam degradação e ainda com geração de renda”, ressalta Augusto Barbosa Mariano, secretário municipal de turismo, indústria e comércio do município.

Bonito Ventura

Um dos muitos destinos para o turista em Bonito é a Fazenda Belo Horizonte, da família Rondon, localizada no pólo turístico da cidade. O retiro “Bonito Ventura” é um complexo de lazer com trilhas ecológicas e flutuação em área de 15 hectares banhada pelo rio Formoso. Antônio Rondon Neto, responsável pela administração da fazenda e também pecuarista e agricultor, confia no contínuo crescimento do turismo agroecológico da região.

Neto, que recebe cerca de 4 mil turistas em sua propriedade todos os anos, acredita na integração entre os setores produtivos em prol de um projeto de crescimento único para Bonito. Ele, que pertence a família tradicional na pecuária da região, tem toda a preocupação com conservação das áreas de nascentes e margens de rios. O mesmo cuidado é dispensado à agricultura, que utiliza o sistema de plantio direto e integração lavoura-pastagem.

A Fazenda Belo Horizonte mantém outra área de 5 mil hectares, com agricultura e pecuária intensiva, com semiconfinamento e confinamento estratégico. O sistema de pasto rotacionado e adubação mantém taxa de ocupação de 3 UA/ha, em piquetes de 18 ha de braquiária e capim mombaça. A propriedade trabalha com Nelore e cruzamento industrial no regime de ciclo completo.

A produção é de 3 mil animais/ano, terminados com 18 arrobas de peso vivo e 53% de rendimento de carcaça (machos aos 32 meses) e 12 arrobas e rendimento de 53% (fêmeas aos 28 meses). Em 2006, o criador fechou no confinamento 1.600 cabeças, em dois giros, com resultados que o deixaram bastante animado.

No total, Bonito tem rebanho total de 400 mil cabeças, espalhadas por 600 pequenas e médias propriedades rurais.

ANTÔNIO RONDON (PRODUTOR), MARCÍLIO RODRIGUES (MR REPRES.), JOSÉ ARTHUR (PREFEITO DE BONITO), LESSANDRO DOSSI (TORTUGA) E AUGUSTO MARIANO (SECRETÁRIO MUNICIPAL): VOCAÇÃO DE BONITO PARA TURISMO E PRODUÇÃO COM SUSTENTABILIDADE



Apoio indispensável no Pantanal

Embrapa Pantanal mostra sua força, desenvolvendo pesquisas para proporcionar melhores condições para o sistema de produção das regiões pantaneiras.

Há 30 anos trabalhando para gerar e adaptar tecnologias à região do Pantanal de Mato Grosso do Sul, o Centro de Pesquisa Agropecuária do Pantanal (Embrapa Pantanal), com sede em Corumbá, é a principal entidade dedicada à pesquisa, com foco exclusivo no bioma da região pantaneira.

A infra-estrutura montada para desenvolver estudos e experimentação científica está no mesmo nível dos 40 centros de pesquisa da Embrapa espalhados pelo País. A equipe reúne 32 pesquisadores dos mais diferentes segmentos da pesquisa e conta com fazenda experimental e outras nove, que funcionam como campos de prova para as tecnologias geradas.

Tanto trabalho é justificado pela complexidade do ecossistema pantaneiro, localizado em 140 mil km², sendo 80% no território brasileiro, 5% no Paraguai e 15% na Bolívia. A pecuária de corte ocupa 70% das terras, em sistema predominantemente de criação extensiva. Os outros 30% compõem áreas de alagado, planícies de alagação temporária, cordilheiras e matas ciliares de grandes rios. “O caráter de preservação permanente visa manter íntegra a biodiversidade extremamente rica em espécies animais e plantas”, exclama José Aníbal Comastri Filho, chefe geral da Embrapa Pantanal.

Baseadas nessas premissas, as diretrizes administrativa e técnico-científica da Embrapa Pantanal buscam adequar o sistema de exploração agrícola ao ecossistema da região que contempla diversidade de 11 microambientes que se diferem por volume de água, vegetação e localização. “Esses parâmetros servem de referência à pesquisa, direcionada para atender às reais necessidades de cada uma dessas regiões”, enfatiza Comastri.

O Pantanal reúne grande quantidade de recursos naturais disponíveis, alguns de grande potencial para a geração de divisas e empregos. No agronegócio, por exemplo, a pecuária de corte e a pesca são os segmentos de maior importância comercial. Mas a região também é rica em mineração e, há algum tempo, desenvolve a passos largos o turismo agroecológico.

Na pecuária, verifica-se atualmente disputa sobre a exploração extensiva das áreas de pastagens nativas e a conservação ambiental.

O rebanho, que em outras épocas, atingiu 6 milhões de cabeças, sofre com o abate constante de suas matrizes e problemas ambientais e atualmente é de pouco mais de 3,5 milhões de cabeças, com predominância de raças de origem zebuína, sendo mais de 80% Nelore ou anelados.

Segundo Comastri, quando a Embrapa chegou à região, a base do rebanho era o gado mestiço ou “tucura”, sem caracterização racial. “Graça ao trabalho da pesquisa e do pecuarista pantaneiro, que há 200 anos desenvolve pecuária nas regiões alagadas, a realidade da atividade está bem diferente”, ressalta o chefe-geral da Embrapa Pantanal, citando indicadores produtivos, como a melhoria da taxa de natalidade, a idade da primeira cria, a redução do índice de mortalidade dos bezerrinhos e a relação touro/vaca.

O chefe-geral da Embrapa Pantanal é enfático quando fala que o pecuarista pantaneiro tem grande interesse nas tecnologias de manejo que o ajudam a ganhar dinheiro. Entretanto, ele observa que, em um ecossistema frágil como o do Pantanal, as coisas demandam mais tempo para acontecer.

Desafios em Corumbá

Há 40 anos atuando ao lado dos pecuaristas das planícies alagadiças do Pantanal sul-matogrossense, o Sindicato Rural de Corumbá é a história viva da bovinocultura na região. Criado e dirigido por importantes nomes da pecuária pantaneira, homens que dedicaram suas vidas para transformar em realidade a atividade na região, o SRC mantém forte participação política, seja pelo trabalho junto aos seus associados e/ou por militar também próximo às milhares de famílias que vivem da exploração pecuária nas áreas de Pantanal.

Hoje, com 220 produtores associados, a entidade administra rebanho que representa dois terços de todo o gado do Pantanal, estimado em 3,5 milhões de cabeças. Segundo Emílio César Miranda de Barros, filho de família tradicional na região de Corumbá e líder dos pecuaristas, os desafios para transpor são muitos. “A falta de recursos para investir em tecnologias, infra-estrutura e comunicação ainda dificultam o trabalho das fazendas”, explica Barros.

Entretanto, ele afirma: a tradição de mais de 200 anos das famílias na região torna esses desafios menos evidentes, já que os índices de produtividade surpreendem. Corumbá, além de ter um dos maiores rebanhos bovinos do País, com quase 2 milhões de cabeças, é também uma das áreas de melhor status de sorologia para o vírus da Febre Aftosa no Mato Grosso do Sul.

A nova diretoria do Sindicato Rural de Corumbá, que assumiu o comando da entidade em fevereiro de 2007, tem na presidência o também pecuarista Pedro Luiz de Souza Lacerda. Entre os seus desafios está o assoreamento na calha do rio Taquari, problema que nasce no Planalto e é considerado de proporções catastróficas por dirigentes e técnicos que atuam na região pantaneira. “Inúmeras fazendas, algumas centenárias, já estão completamente submersas ou com grande parte de seus pastos comprometidos. Esse é um problema que transcende a esfera ambiental, já que estamos falando de famílias que não conhecem outra realidade a não ser criar gado no Pantanal”, desabafa o dirigente.



JOSE ANIBAL COMASTRI (CHEFE GERAL DA EMBRAPA PANTANAL) E EMILIO BARROS (EX-PRES. DO SINDICATO RURAL DE CORUMBA) PRODUÇÃO ADEQUADA A REGIÃO



O segredo da Fazenda Bodoquena

Tradição com tecnologia para produzir tourinhos comerciais que atendam às necessidades do criador.

Localizada aos pés Serra da Bodoquena, em Miranda, a Fazenda Bodoquena tem a história contada desde os idos do século XIX. Durante anos, a propriedade ficou sob o comando dos franceses que, no início do século XX, diagnosticaram o real potencial da propriedade de 450 mil hectares, à época utilizada para extração de madeira para confecção de dormentes.

A história da fazenda inclui uma passagem curiosa, que envolve um agrônomo francês, líder da expedição para mapear a fazenda: ele se apaixonou pela região, virou sócio na administração das terras e mudou-se para lá, onde viveu até o final da vida.

Adquirida dos franceses pelos investidores Walter Moreira Salles e David Rock, a Fazenda Bodoquena iniciou nova era, entrando de vez na pecuária.

No início da década de 1980, o grupo liderado por Antonio Carlos de Almeida Braga e outros grandes investidores, como os grupos Votorantim e Ometto, iniciaram projeto para implantar lavouras de cana-de-açúcar para abastecer uma usina de produção de álcool, no âmbito do Proálcool, primeiro programa do Governo Federal voltado à criação de fontes renováveis de energia.

João Carlos Marson é o diretor da Fazenda Bodoquena, atualmente com 110 mil hectares, agora sob o comando da família Ermírio de Moraes. A pecuária é a atividade mais importante.

Em busca de resultados econômicos e produtivos, não se economizaram investimentos para formar um plantel de qualidade. Nesse trabalho, foram identificados parceiros para melhoramento genético, nutrição animal e

sanidade. “Tudo foi feito para acabar definitivamente com o estigma de o Pantanal só criar o chamado boi tucura”, destaca Marson.

Uma das iniciativas foi a criação de um conselho técnico com profissionais de renome, como o pioneiro Fausto Pereira de Lima, que formou o primeiro núcleo de animais registrados da fazenda, adquiridos no plantel Lemgruber (Fazenda Bela Índia), ligado ao Grupo Camargo Corrêa.

O rebanho, iniciado em 1984, tinha cerca de 400 matrizes. Logo que a Embrapa Gado de Corte iniciou o programa Geneplus, o rebanho da Bodoquena tornou-se parceiro. Antes da implantação do programa, as avaliações eram feitas intuitivamente, apenas usando a experiência dos capatazes e peões. Atualmente, a criação da Bodoquena conta com 1.800 matrizes (Nelore e Senepol).

Segundo João Carlos Marson, com a orientação de técnicos da Embrapa, a fazenda passou a utilizar genética Angus, Hereford e Senepol. Os produtos gerados servem de base para confinamento de 3.500 cabeças, levadas ao abate com 18 arrobas e ganho de peso de 1.300 kg/animal/dia. Além disso, a Bodoquena comercializa touros Nelore para cobertura a campo. Ao todo, saem cerca de 200 touros/ano.

JÓÃO CARLOS MARSON E VACADA DA BODOQUENA: RESULTADOS PRODUTIVOS E ECONÔMICOS



EQUILÍBRIO PERFEITO

Estância Caiman alia pecuária e preservação ecológica para gerar receita e se manter produtiva no ecossistema do Pantanal.

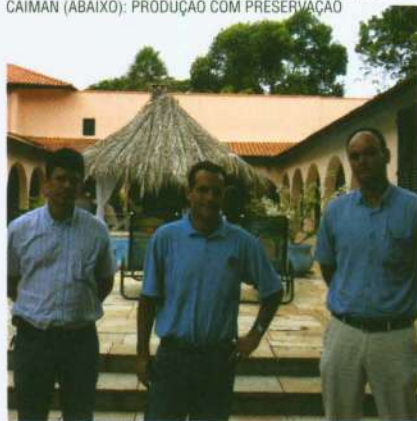
Antes de ser adquirida pela família Klabin, a antiga Estância Miranda, propriedade de 200 mil hectares, na região do Pantanal do Mato Grosso do Sul, pertencia a investidores ingleses. A partir de 1910, as terras foram divididas e 53 mil ha foram adquiridos pelos Klabin, passando a se chamar Estância Caimam e adotando a filosofia de exploração sustentável.

A construção de uma estância agroecológica nas terras da Caimam é sonho antigo do empresário Roberto Klabin, que chegou a viajar à África do Sul para conhecer o modelo de turismo dos parques nas regiões de Savana, explica Fabio Henrique Daniel, gerente da Caiman, que hoje atrai turistas de várias partes do mundo em busca da natureza exuberante de Miranda, cartão postal do Pantanal, considerado o terceiro ecossistema brasileiro em biodiversidade, superado apenas pela Mata Atlântica e o Cerrado.

A Estância Caiman tem duas pousadas: a Baiazinha, localizada 8 quilômetros dentro da mata, e a Cordilheira, a 13 quilômetros da sede. “Nos períodos de alta temporada nos Estados Unidos e Europa, a ocupação é de 100%”, destaca Henrique.

O lugar tem a estrutura e o aconchego de um agradável hotel-fazenda, além de proporcionar passeios e aventuras nas matas e rios, como safáris, cavalgada, trilha e canoagem, sem falar dos programas noturnos. O trabalho da Caiman com o ecoturismo pantaneiro conta com guias ambientais, na maioria biólogos, que conduzem os hóspedes para passeios. A propriedade também é um rico campo para trabalhos científicos de mapeamento e controle das espécies. Três exemplos: o Projeto Arara Azul, idealizado e conduzido pela pesquisadora Neiva Guedes, que já dobrou a população de dessa ave no Pantanal, o Onça Pintada e o Papagaio Verdadeiro, também para repovoação da região.

EDENILSON DITTMAR (PRÓ-CRIADOR), FÁBIO HENRIQUE (CAIMAN) E LESSANDRO DOSSI (TORTUGA) COM ANIMAIS DA CAIMAN (ABAIXO): PRODUÇÃO COM PRESERVAÇÃO



Pecuária e preservação ambiental - A partir da década de 1980, a Estância Caiman investe em pecuária de corte. O projeto inicial envolveu o mapeamento da área e divisão das internadas, já que a topografia da fazenda reúne diferentes biomas, como campos altos, cordilheiras, capões e campos sujos, áreas degradadas por plantas invasoras ao longo de anos de exploração.

César Queiroz, gerente da Estância Caiman, explica que a propriedade desenvolve pecuária de custo baixo e, mesmo não mantendo os índices de produtividade praticados no planalto, consegue fechar suas contas. “Caso a fazenda tivesse desmatado as áreas de cordilheira e capões, o resultado na produção

seria maior, mas os custos de manutenção no futuro também”, afirma Queiroz.

A estratégia foi limpar essas áreas e, na sequência, cultivar espécies forrageiras adaptadas à região e de boa produtividade. Esse trabalho vem garantindo sobrevida de mais de uma década para muitas internadas, que se mantêm sem novos investimentos. “A economia do passado é o gasto do futuro”, brinca o gerente, que faz a recuperação dos pastos usando técnicas que respeitam a vegetação nativa.

O projeto pecuário contempla cria e criação de animais, feitas nas fazendas Nova Grécia e Nova Espanha. O rebanho de matrizes é de 13 mil cabeças, sendo que, desse total, 9 mil novilhas serão incorporadas ao plantel. Os machos e animais de descarte seguem para outras propriedades para engorda e terminação. Todo o rebanho é mineralizado pelo Programa Boi Verde da Tortuga.

O projeto Onça Pintada, mantido pelo pesquisador Leandro Silveiro, biólogo parceiro da Caiman, faz o monitoramento das internadas e constata que entre 450 a 500 bezerras são mortas por onças todos os anos. A fazenda usa 45 mil hectares com a pecuária, sendo 13 mil ha com áreas formadas. No total, há quase uma centena de internadas, variando de 200 a 1.000 hectares.

Todas as matrizes são identificadas. Todos os nascimentos são monitorados e o balanço é controlado por capatazes. A fazenda compra de 100 a 150 touros por ano para colocar na vacada e consegue taxa de nascimentos de 58%, o que proporciona, em média, 7 mil bezerras por safra.

César Queiroz lembra do tempo em que a pecuária da região era nativa. A vacada não era eliminada para fazer renovação de plantel. A integração entre a criação, o meio ambiente e a população local acontece de forma bastante harmoniosa.

Os hóspedes das pousadas são encorajados a acompanhar os peões para um passeio chamado ‘Comitiva’, percorrendo as internadas da fazenda. Para os mais ousados, há o ‘Dia de Peão’. Nesse, o turista interage bem mais com o meio ambiente, realizando as tarefas dos peões, como curar umbigo dos bezerras e apartar o gado.



Produtividade a toda prova

Santa Neide desmama bezerras com média de 240 kg. Esse é só um indicador do excelente trabalho da propriedade, em Coxim.

BEZERROS DA SANTA NEIDE (ABAIXO) E CARLOS AUGUSTO (SUP. TORTUGA), OSVALDO SILVA (GERENTE DA FAZENDA), ROGÉRIA (REP. TORTUGA REIS RIBEIRO), CATARINA (VETERINÁRIA DA FAZENDA) E RUDHARDO VOIGT (TÉCNICO DA FAZENDA) (ACIMA): PRÁTICAS QUE DÃO RESULTADO



Porta de entrada do Pantanal sul-matogrossense, Coxim apresenta na diversidade de suas fauna e flora o ecossistema típico das regiões pantaneiras, formado por grandes extensões de áreas de vegetação nativa e vários pontos que permanecem alagados durante boa parte do ano, devido à cheia dos rios.

É nesse universo frágil e carente por preservação, que a Fazenda Santa Neide, do grupo moveleiro Madecal, desenvolve pecuária de cria, tida como referência para invernistas.

O projeto utiliza conceitos de produção semelhantes aos praticados no planalto, como genética superior e tecnologias que otimizam a reprodução, como inseminação artificial, estação de monta e exame andrológico nos touros crioulos. Além disso, a Santa Neide se vale de genética de importantes centrais para melhoramento do seu rebanho, explica o gerente Osvaldo Candido da Silva, que supre as dificuldades e o isolamento com viagens para eventos técnicos sobre pecuária.

Silva entende que a maior dificuldade da pecuária na região pantaneira são as cheias dos pastos, o que dificulta o manejo. “O pecuarista tenta evitar que a parição da vacada aconteça já com os pastos alagados”, enfatiza. A saída encontrada é a utilização da Inseminação Artificial em Tempo Fixo (IATF), padronizando os nascimentos e reduzindo o risco de mortalidade de bezerras por infecções e problemas parasitários.

A Santa Neide tem na venda de bezerras sua principal fonte de receita e mantém aten-

ção especial ao manejo reprodutivo, feito com estação de monta fixa e repasse com touros da própria fazenda. O período reprodutivo atual é de 110 dias, que deve ser encurtado para 90 dias, justamente para colocar a reprodução do rebanho no período seco, informa o gerente. O resultado desse trabalho garante taxa de prenhez superior a 80%.

Na contramão do modelo arraigado por muito tempo na pecuária extensiva do Pantanal, a Santa Neide trabalha com invernadas menores e em maior número. Dos 12 mil hectares, salvo a área para reserva legal, de preservação permanente, todo o restante está dividido em invernadas de 25 a 30 hectares. “Essa é uma realidade fantástica, em se tratando de pecuária no pantanal, que costuma ter pastos de até 500 hectares”, ressalta Leo Carlos Michel Filho, supervisor técnico-comercial da Tortuga.

De acordo com Osvaldo Silva, a divisão das pastagens facilita o manejo, principalmente dos animais recém-nascidos. Essa categoria recebe cuidados especiais na Santa Neide, que usa oito invernadas como pastos-maternidade. Nessas áreas, as fêmeas no pré-parto recebem atenção especial entre 25 e 30 dias. O uso da IATF padroniza os nascimentos entre 30 e 40 dias, otimizando também o trabalho das equipes de peões.

A fazenda tem rebanho de 6 mil matrizes Nelore, que produzem, em média, 4.500 bezerras/ano. Para otimizar o sistema produtivo, a Santa Neide aposta no cruzamento do Nelore com o Angus. Numa experiência inovadora, a Santa Neide procura aproveitar melhor as novilhas F1, inseminando cerca de 300 delas para aumentar a média de desfrute. Os bezerras são desmamados com a excelente média de 240 kg. A grande procura por animais da Santa Neide faz com que toda a safra seja comercializada. Outro dado importante: os animais são vendidos por pelo menos 10% a mais que a média de preços da região.



Pecuária de corte com RACIONALIDADE

Anos enfrentando dificuldades na região pantaneira fizeram Lucas Soares de Gouvêa gerir um projeto pecuário eficiente sem demandar gastos excessivos. A estratégia envolveu ações coordenadas e demandou, inicialmente, a mudança para o município de Pedro Gomes, região Norte do MS, localidade de terras mais férteis e condições mais propícias ao cultivo de pastagens.

Após a aquisição da Fazenda Boa Vista, sede do projeto, o pecuarista investiu esforços na formação de uma equipe qualificada, ponto considerado fundamental por ele para o sucesso do negócio. Em termos de infra-estrutura voltada para produção, a revolução foi ainda maior e precisou de ajuda especializada da Marca S, consultoria pecuária. Os técnicos Miguel Subtil (agrônomo) e Alexandre Magno Araújo (zootecnista) repensaram todo o projeto de Gouvêa, inclusive o gerenciamento de dados, que ganhou software exclusivo.

Com esse sistema, a fazenda armazena, com alto grau de detalhamento, dados do rebanho relativos a controle sanitário, balanço nutricional, produtividade por área, desfrute do rebanho e muitas outras informações estratégicas para a tomada de decisões. Assim, Gouvêa diz ser possível conhecer de antemão a relação receita/despesas da propriedade, “bicho de sete cabeças” para muitos pecuaristas.

No que se refere à parte estrutural, o projeto original da fazenda precisou ser bastante alterado para comportar o atual sistema de produção intensiva, que envolveu basicamente planejamento para redividir as invernadas e implantar o sistema de pastejo Rotacionado Racional Tortuga (RRT), modelo desenvolvido pelos técnicos da Tortuga e que vem dando ótimos resultados, agradando pecuaristas de todos os cantos do Brasil e também de países da América do Sul, como Paraguai e Bolívia.

MIGUEL SUBTIL E ALEXANDRE MAGNO (CONSULTORES DA MARCA S), ORLIBLEI (REP. TORTUGA MAIA), LUCAS GOUVÊA (PROPRIETÁRIO), CARLOS AUGUSTO (SUP. TORTUGA): RRT DÁ RESULTADO

No projeto da Fazenda Boa Vista, o uso do módulo Raio de Sol convencional foi o que melhor se adaptou, envolvendo área de 100 hectares, divididos em oito piquetes e uma praça de alimentação. Esse é o modelo básico, mas extremamente funcional, destaca Carlos Augusto, médico veterinário e supervisor técnico da Tortuga. A fazenda está dividida em cinco módulos de oito piquetes cobertos por *Brachiaria brizantha* e braquiária MG-5, que, segundo o pecuarista, são espécies de ótimos resultados durante boa parte do ano. No manejo das águas, os animais ficam 100% em regime de pasto, recebendo os minerais orgânicos do Programa Boi Verde, da Tortuga.

Já o manejo feito na seca mantém 65% do rebanho no seqüestro e 35% em regime de pasto. No seqüestro, os animais recebem cana-de-açúcar duas vezes por dia mais Fosbovi Seca – manejo estratégico para a manutenção do gado. A fazenda já tem 25 hectares plantados com cana-de-açúcar, área que deve crescer para 100 ha a partir deste ano.

Os resultados do planejamento estratégico podem ser vistos em uma simples visita pelos pastos da fazenda, que se mostram em excelente condição. Isso considerando taxa de ocupação que, na média do ano, é de 3 UA/ha. Essa ocupação é considerada muito boa pelo consultor, que compara com outras áreas da fazenda ainda sem o RRT – a produtividade gira em torno de 1,8 UA/ha/ano. Atualmente, a propriedade possui 60% de sua área em sistema intensivo, adequando-se à legislação ambiental vigente no Estado do Mato Grosso do Sul.

Lucas Gouvêa destaca que o ganho médio de peso é 800 gramas/animal/dia, variando entre 600 gramas a 1,2 quilos nos períodos de pico da produção. O tempo de permanência na fazenda é de dois anos, no máximo, girando em torno de 1.000 animais abatidos/ano. Isso dá produção estimada em 16 mil arrobas no período. Outro indicador importante é a classificação das carcaças enquadradas na categoria novilho precoce e atingem padrão tipo exportação. Os animais da Boa Vista vão para o abate pesando entre 16,5 e 17 arrobas, de média, com 52% de rendimento de carcaça e, no mínimo, 3 mm de espessura de gordura.



Pecuária ecologicamente CORRETA

Localizada na divisa de Alcinoópolis e Costa Rica, região considerada estratégica por ambientalistas e técnicos devido à proximidade com as nascentes dos rios Jauru e Taquari, que se unem para formar o rio Coxim, porta de entrada da bacia do Pantanal sul-matogrossense, a Fazenda Jauru desenvolve pecuária de corte que alia produtividade ao mínimo impacto socioambiental, com preservação da flora nativa e controle sobre as principais nascentes de rios.

O problema é tão grave que a região é tida como a principal responsável pelo desastre ambiental causado pelo assoreamento das margens do rio Taquari, que já inunda área superior a 1 milhão de ha do Pantanal, fazendo com que propriedades inteiras simplesmente desaparecessem debaixo d'água.

Consciente do seu papel, o pecuarista Massao Yamashita, que também é agrônomo e agricultor na região de Araçatuba, interior de São Paulo, desenvolveu projeto que congrega medidas simples, mais de grande valia na conservação de áreas degradadas pelas erosões, repovoamento da fauna e proteção das principais nascentes da sua propriedade.

Massao não vê esse seu trabalho de recuperação das áreas degradadas como custo, mas como investimento no futuro. O gerente José Vieira Rocha, administrador do projeto, concorda. Ele reconhece que esse trabalho consome várias horas de trabalho e envolve capital. Mas os ganhos compensam.

Uma das primeiras medidas implantadas na Fazenda Jauru foi cercar as invernadas e dividir as áreas em piquetes de quatro hectares, tudo em curva de nível, o que reduziu drasticamente o impacto do pisoteio do rebanho nas áreas de espigão. Para José Rocha, o grande desafio está justamente na contenção do efeito das patas do gado, que elimina a cobertura vegetal e desagrega o solo, dando início ao processo erosivo.

Ele lembra que o pisoteio diário dos animais nas áreas mais altas da fazenda cria os chamados "trieiros", que servem de canal para o escoamento da água durante as chuvas. "Em épocas de forte precipitação, toda a terra é empurrada morro abaixo, formando as temidas "voçorocas" e entupindo a calha

dos rios, que têm seu curso invariavelmente alterado, inundando o que tiver pela frente", explica Vieira.

A fazenda tem, atualmente, 80% da sua área total em curva de nível, trabalho que deve ser finalizado em breve, envolvendo inclusive outros agentes, por meio do Consórcio de Integração de Micro Bacias do Taquari (Cointa), que reúne órgãos públicos, iniciativa privada, representantes da sociedade civil e governos estadual e federal.

A grande quantidade de nascentes e minas d'água ao longo dos 2,8 mil hectares da fazenda Jauru fez com que a recuperação fosse por etapas, atendendo, primeiramente, as de maior volume de água. "Com o fim do pisoteio, o retorno da vegetação nativa é questão de tempo", afirma o gerente José Vieira.

A recuperação inclui cercar as nascentes. Além de isolar a área, o processo envolve o reflorestamento de áreas inteiras da fazenda com espécies nativas do Cerrado. Jatobá, Baru, Capitão, Boca Boa, Pequi e dezenas de outras espécies que compõem o bioma do Cerrado aos poucos estão voltando.

Outra iniciativa importante é a construção de diques de contenção em pontos estratégicos da fazenda, para evitar as enxurradas e armazenar água. Ao todo, são oito piscinões em volta da serra, que evitam que a água das chuvas chegue às nascentes dos rios Jauru e Taquari, a 10 quilômetros da propriedade.

A Fazenda Jauru faz pecuária de ciclo completo, mantendo a criação no sistema semi-intensivo de pastos durante o verão e oferecendo silagem de cana-de-açúcar com núcleo mineral (linha Boi Verde, da Tortuga) nos meses de seca, manejo que envolve somente os animais jovens. Quando chegam à fase de engorda e terminação, eles são fechados no confinamento e recebem trato diferenciado à base de ração balanceada e núcleo mineral.

A propriedade gira 2.800 cabeças por ano, a grande maioria produtos de cruzamento industrial Nelore e Brangus. Os animais da Jauru seguem para o abate pesando, em média, 17,5 arrobas aos 28 meses de idade. O rendimento de carcaça é sempre superior a 50%.

JOSÉ VIEIRA: TRABALHO É ÁRDUO, MAS COMPENSA



Tradição gaúcha no Centro-Oeste

À velha moda dos Pampas, criador busca espaço para a ovinocultura do Mato Grosso do Sul.

Gaúcho de nascimento, graduado em medicina veterinária pela Universidade Federal de Santa Maria, na serra gaúcha, Zilmar Lovatto, dono do Rancho Ideal, de Chapadão do Sul, é um dos milhares de pequenos produtores rurais gaúchos que deixaram a terra natal no início dos anos 80, em busca de oportunidades no Brasil Central. Hoje, graças a muito empenho e trabalho dedicados à criação, o produtor administra um projeto de criação de ovinos da raça Suffolk, com a esposa Maria Otilia Zardo.

Lovatto relembra que tudo começou a partir de iniciativa do governo estadual que, na década de 1990, queria melhorar os rebanhos da região, introduzindo genética superior. A raça escolhida foi o Suffolk, devido à característica de dupla aptidão. Um grupo de proprietários de pequenas áreas, entre eles Lovatto, recebeu recursos para compra de reprodutores.

A criação do Rancho Ideal segue a tradição dos ovinocultores gaúchos, que pode ser percebida facilmente no modo de vida de Zilmar Lovatto, um apreciador da boa carne de cordeiro. A busca pelo animal ideal envolve trabalho de melhoramento genético que já dura quase duas décadas e que proporciona resultados efetivos, com a formação dos primeiros raçadores da propriedade.

O Rancho Ideal totaliza 5.100 hectares. Além da ovinocultura, investe em pecuária e agricultura, para produzir grãos e silagem para alimentação animal. A ovinocultura é atividade-caçula, ocupando apenas 100 ha. O que chama atenção, no entanto, são os resultados da atividade em tão pouco espaço.

O plantel atual de Lovatto é de 470 animais, sendo 50% de fêmeas responsáveis pela formação de reprodutores, vendidos para propriedades da região. Esse é considerado o carro-chefe da propriedade, que comercializa 30 machos por ano. Segundo o criador, o macho Suffolk serve muito bem no sistema de monta natural. Isso possibilita que cada macho seja colocado com 80 fêmeas, em média, por ciclo reprodutivo de 150 dias.

Esse resultado é obtido graças ao manejo reprodutivo diferenciado, que envolve o acasalamento de animais somente durante a noite, em recinto fechado, com cuidados especiais na alimentação, feita à base de ração

balanceada e suplemento mineral para ovinos da Tortuga (Ovinofós). A taxa de prenhez é considerada muito boa graças à média de partos: três por ano com 20% de partos duplos.

Experiente, Lovatto diz que a ovinocultura enfrenta problemas semelhantes aos de outras atividades, especialmente de animais de pequeno porte. Por exemplo, a necessidade de controle diário de verminoses e outros parasitas, além de cuidados com o ataque dos predadores naturais – cães, principalmente.

Exigências à parte, o criador sente-se bastante seguro quanto à raça sutfolk e sua adaptação ao Mato Grosso do Sul. A pigmentação mais escura ao redor dos olhos, anulando a fotossensibilidade, por exemplo, é citada como um diferencial importante. Outra vantagem é uma certa imunidade da raça às doenças no casco, o que lhe confere vantagem, já que a criação é em regime de pasto. “Sendo raça de dupla aptidão, com atributos genéticos de maciez da carne e precocidade de acabamento de carcaça, depositando carne nos cortes considerados nobres, também são características muito positivas para o sutfolk”, ressalta Zilmar Lovatto.

A adaptabilidade do animal ao regime de pasto não impede que o ciclo de produção seja alterado com a chegada do inverno: com a queda das temperaturas e o ressecamento das pastagens, o criador é obrigado a transferir o plantel para o confinamento. Nesse período, a alimentação é feita no cocho, usando a silagem como volumoso – o mesmo usado para alimentar os bovinos da propriedade –, com suplementação de Ovinofós, da Tortuga. “O mineral, aliás, é suporte em todas as fases da criação dos ovinos”, enfatiza Lovatto.

A reposição dos animais é feita a cada dois anos – em média, quatro reprodutores de genética própria. A desmama é realizada após 50 dias, quando os borregos ficam em definitivo no pasto e as matrizes passam a receber suplemento mineral orgânico da Tortuga.

A maior preocupação do criador é com o sistema produtivo e o mercado sul-matogrossense. “O potencial está vinculado à tecnologia”, diz Zilmar Lovatto. “Os preços precisam melhorar. E isso passa necessariamente pela existência de um parque industrial que proporcione fechar a cadeia produtiva da ovinocultura”, completa.

ZILMAR LOVATTO COM JOSÉ CARRIJO (CARIJÓ) E ANIMAIS SUFFOLK: A OVINOCULTURA CRESCE



Ovinocultura avança no Centro-Oeste

Atividade ganha espaço no Mato Grosso do Sul e tem tudo para ser a próxima grande força na produção animal do estado.

A ovinocultura sul-matogrossense é representada por rebanho aproximado de 500 mil cabeças, o que significa cerca de 50% do total do Centro-Oeste. Apesar da participação ainda modesta do Mato Grosso do Sul no cenário nacional, cuja população é superior a 15,2 milhões de ovinos, há grande potencial para crescimento. Nos últimos cinco anos, somente no Brasil Central, o aumento do rebanho foi de 33%.

De acordo com o prof. Fernando Miranda, da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (Uniderp), até recentemente não estava claro se o estado contava com cadeia de ovinocultura ou se era apenas um segmento de produção. Estudos mais recentes mostram que há, sim, cadeia produtiva já formada que, no entanto, apresenta algumas deficiências.

O sistema de produção do Mato Grosso do Sul tem perfil de subsistência ou de comércio regional, realidade que começa a mudar com a incorporação de novas raças oriundas do Sul e do Nordeste. Há poucos anos, a criação de ovinos não era mais que um hobby para produtores rurais. Hoje, essa mentalidade começa a mudar, a partir da entrada de novos criadores no negócio.

Um outro paradigma que precisa ser quebrado, segundo o prof. Miranda, diz respeito às raças de ovinos crioulos do estado. A maioria dos produtores ainda cria raça nativa em sistemas de baixo aporte de tecnologia, mesmo considerando a opção por raças especializadas em carne, como Suffolk, Texel, Santa Inês e Dorper.

Os projetos de fomento à ovinocultura mantidos pela Uniderp envolvem as pequenas propriedades rurais, devido ao forte apelo para raças locais. Segundo Miranda, a melhor forma de intensificar qualquer atividade de criação é

buscar indivíduos adaptados às condições de clima e temperatura da região. À medida que melhora o desempenho, aí sim, entram os cruzamentos. Há pesquisas em andamento feitas por alunos de pós-graduação da Uniderp que mostram bom desempenho das raças nativas, tanto na criação quanto no confinamento.

Apesar de não haver dados oficiais que comprovem essa realidade, as estatísticas indicam maior concentração de ovinos na região Sudeste (Ponta Porá, Dourados, Maracaju), em propriedades pequenas e de baixa renda, e também no Pantanal (Corumbá).

Na média, os índices zootécnicos das fazendas apresentam bom potencial. A taxa de desfrute é de 25% para 100 mil animais abatidos/ano, com carcaça de 15 kg a 16 kg, em média. A dura realidade: cerca de 90% da carne de ovinos consumida no estado tem origem em abates clandestinos.

A Câmara Setorial da Ovinocultura do MS existe há quatro anos e vem obtendo conquistas importantes. Já foram construídos dois arranjos produtivos locais, além de parcerias com o Ministério da Integração Nacional, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Seprotur e Embrapa Pecuária de Corte, que dispõe de receita de quase R\$ 1 milhão para criar um centro permanente de pesquisa em ovinocultura, em Ponta Porá. A Uniderp já investiu R\$ 300 mil na construção de uma unidade semelhante, a única do estado, instalada na Fazenda de Três Barras, em Campo Grande, a 20 km da propriedade de 310 hectares, usada como fazenda-escola.

Pesquisas em controle de parasitas, manejo reprodutivo e avaliação de carcaça estão em andamento na Embrapa, sob responsabilidade da equipe do dr. Ivo Bianchim. Na UFMS, o trabalho é conduzido pelo prof. Monreal e, no Centro Tecnológico, pelo prof. Marcos Vinícius. Além disso, existem linhas de pesquisas em qualidade da carne e do couro.

Outra iniciativa interessante, realizada em parceria por governo estadual, Fundação Manuel de Barros, Uniderp e Centro Tecnológico de Ovinocultura, é o projeto "troca-troca de ovinos", que deve ser efetivado juntamente com a vitrine tecnológica da Uniderp, para repasse de animais.

A FORÇA DA INTEGRAÇÃO

Fazenda São Marcos investe em gado de corte, leite e suinocultura, transformando-se em modelo de diversificação e preocupação socioambiental no Mato Grosso do Sul.

A localização privilegiada e a facilidade para obtenção de água para o correto manejo das lavouras de grãos foram dois importantes atrativos para trazer a família Brazzale, do ramo de laticínios na região de Vicenza (Norte da Itália), ao ainda inóspito Mato Grosso do Sul e adquirir, em 1976, a Fazenda São Marcos, em Costa Rica, no bolsão sul-matogrossense, próxima às fronteiras com São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

Três décadas depois, os avanços são fantásticos. Tanto que a administração da fazenda, sempre a cargo de gerentes e capatazes de confiança da família, a partir de 2005 passou a ser tocada por Michela Brazzale, filha dos pioneiros e seu esposo André Pietribiasi, que vieram da Itália exatamente para assumir o controle da São Marcos.

Uma grande preocupação da família Brazzale sempre foi o ambiente socio-ecológico do sistema produtivo. Para isso, eles não economizam. Na sua visão, os principais ativos da São Marcos são a riqueza das terras e o material humano envolvido na lida da fazenda. Para cuidar desses recursos, a propriedade adotou sistema de integração, que envolve todo o processo produtivo e a equipe profissional: desde o médico veterinário até os peões, sem distinção. ▶

FÁBIO TRONCOSO (REP. TORTUGA TRONCOSO), CARLOS AUGUSTO (SUP. TORTUGA), ANDÉ PIETRIBIASI E MICHELA BRAZZALE (ADMINISTRADORES DA FAZENDA) E BELTRAN (GERENTE DA FAZENDA): DIVERSIFICAÇÃO COM COMPETÊNCIA



FERNANDO MIRANDA (UNIDERP) CONFIA NO POTENCIAL DA ATIVIDADE NO MATO GROSSO DO SUL.



Verticalizar é o caminho da Frango Ouro

Avicultores do Mato Grosso do Sul investem na integração do sistema produtivo para aumentar a produção e garantir maior rentabilidade.

De olho na auto-sustentação, o projeto pecuário da São Marcos trabalha com cruzamento industrial, usando genética de raças taurinas e zebuínas. Beltran Euzébio Martins Lima, há seis anos na gerência desse negócio, destaca o direcionamento para ciclo completo – cria, cria e engorda de animais – das raças Nelore, Tabapuã, Angus e Hereford com a dupla finalidade de abater novilhos precoces e melhorar o banco genético.

A criação é feita em sistema de pastagem, dividido em semi-extensivo e rotacionado intensivo, ocupando 10 mil hectares – algo em torno de 70% da área total da fazenda. O rebanho atual é de 10.300 cabeças, sendo 4,8 mil matrizes, 1,5 mil novilhos de reposição, 1.000 garrotes e 3.000 bezerros cruzados. “A venda de bezerros para invernistas do Mato Grosso do Sul é uma importante ação comercial da fazenda. E proporciona excelentes resultados”, ressalta Beltran, que adianta que neste ano a fazenda ampliará a taxa de ocupação do confinamento para cerca de três mil animais.

Os índices de produtividade da São Marcos são prova da eficiência conquistada na produção. No último ano, foram inseminadas 79% das fêmeas, com 75% delas emprenhando já na primeira aplicação. As vacas que não pegam cria continuam na estação de monta, sendo testadas com touros de repasse. Com isso, o índice reprodutivo sobe para 89,34%.

A partir de 1999, a São Marcos deu início ao projeto de pecuária leiteira, hoje entre as principais fontes de renda da fazenda, explica o gerente Leandro Luiz Zago, há seis anos responsável pelo projeto. Ele lembra que a grande virada foi o início da inseminação artificial, com a evolução muito rápida do rebanho. “A introdução de fêmeas holandesas de alta produção potencializou a produção, que era de apenas 6 ou 7 quilos de leite/vaca/dia”, afirma.

Com o passar dos anos, o empenho e os investimentos em maquinário e pessoal especializado, a realidade da fazenda mudou. Atualmente, o volume de captação do leite está em 5.700 litros/dia, com 350 vacas em produção – média individual de 16,5 quilos

de leite/dia. O rebanho leiteiro da São Marcos é de 950 cabeças, divididas em animais Holandeses PO, Gir e Girolandos.

A meta é chegar a 400 vacas em lactação ainda em 2007, mantendo a produtividade na casa dos 16,5 litros/fêmea/dia, o que ampliará o volume de produção para 6,5 mil litros diários de leite *in natura*. Toda a assistência técnica nutricional do rebanho da Fazenda São Marcos é feita pela equipe da Tortuga, supervisionada pelo dr. Carlos Augusto. “O modelo de produção de leite da São Marcos é de desempenho com baixo custo, exatamente o que o Brasil precisa”, informa o técnico.

A criação de suínos da São Marcos tem história até certo ponto curiosa, pelo fato de a região não apresentar dois itens normalmente presentes onde a atividade já é tradicional: clima e temperatura favoráveis. Assim, o investimento no Mato Grosso do Sul nasceu, segundo o administrador da fazenda, de algo muito pessoal: a paixão do patriarca dos Brazzale.

A propriedade trabalha com ciclo completo e, para isso, mantém galpões específicos para cada fase do desenvolvimento do plantel. Ao todo, são quatro galpões usados como maternidade, dois galpões para reprodução, quatro envolvendo creche e pré-creche, mais cinco galpões para terminação. “Nosso grande diferencial é seguir o modelo de gestão de toda a fazenda, que aproveita de forma responsável os subprodutos gerados”, explica Ademir Batelo, auxiliar administrativo responsável pelo controle dos dados de produção.

O projeto, que buscou inspiração na granja que a família mantém na Itália, conta com 680 matrizes. A reprodução é feita com inseminação artificial. São realizados, em média, 150 cruzamentos por mês. Os machos são castrados logo após o nascimento para engorda. No caso das fêmeas, a seleção privilegia as de primeira cruza (F1) e descarta as demais, que seguem para o abate com os machos. No total, o rebanho suinícola da São Marcos conta com 8.300 cabeças, base para o projeto verticalizado da produção com integrados da região.

Médico veterinário de formação e ex-pecuarista na região de Aparecida do Taboado, Albenah Garcia Filho, sócio-diretor da Frango Ouro, buscou a diversificação e enxergou na avicultura de corte a alternativa para transformar o grão produzido nas regiões do planalto sul-matogrossense em proteína animal, com isso aproveitando melhor a agricultura, grande riqueza do estado.

A Frango Ouro, fundada em 1994, começou as atividades com o abate de apenas 600 frangos/dia. Hoje, graças à reestruturação que envolveu muitos esforços e investimentos, a empresa ganhou projeção nacional. “Projeção essa que se deve à constante preocupação com a qualidade de nossos produtos e com o atendimento personalizado e ético aos nossos clientes e colaboradores”, ressalta Albenah.

Apesar de não se mostrar exatamente satisfeito com a atual situação da avicultura no Mato Grosso do Sul, o produtor, que também é presidente do Sindicato das Indústrias de Aves, Suínos e Derivados do Estado de Mato Grosso do Sul (SindiAves), iniciou projeto de integração que envolve 22 granjeiros da região do bolsão.

O modelo é verticalizado e a Frango Ouro (integradora) abastece as granjas com os



Camva em busca da liderança

Sistema cooperativista é o motor para a avicultura de postura acelerar a produção de ovos no Centro-Oeste.

pintos de um dia e os insumos necessários para o frango atingir cerca de 2 kg aos 45 dias de vida. De sua parte, as famílias recebem participação na comercialização do produto final para diferentes regiões do MS, além de Goiás, São Paulo e Minas Gerais. Em sua granja, Albenah produz 1 milhão de frangos/ano.

O empresário confia no potencial de produção avícola do Mato Grosso do Sul. A proximidade com a agricultura, insumo importantíssimo para o negócio, é um ponto extremamente positivo, além do clima favorável e das condições de absorção de tecnologias.

A cadeia de produção avícola sul-matogrossense é formada por cerca de 1.500 granjas aproximadamente, sendo que 40% delas trabalham integradas a algum grupo. O estado ocupa a 8ª colocação no ranking nacional da produção de frangos de corte, com 6% do mercado. Nada mal, considerando que a atividade chegou há apenas 15 anos. Entre os principais entraves para o crescimento da avicultura no Mato Grosso do Sul, Albenah destaca a dificuldade para obtenção de crédito, as questões fiscais e o custo de insumos, como a energia elétrica, considerada por ele um importante fator limitante.

A construção de um abatedouro para 4 mil frangos/hora é mais uma etapa vencida pelo produtor, com o objetivo de "fechar a cadeia avícola no estado", ganhando melhores condições de barganha junto aos órgãos oficiais. A planta tem 8 mil m² de área total e congrega também granja e fábrica de ração.

Distante 20 quilômetros de Terenos, região metropolitana de Campo Grande (MS), a comunidade de imigrantes japoneses (Iju-Chi) Várzea Alegre pode ser considerada arquivo vivo da história da imigração nipônica no Mato Grosso do Sul. Criada em 1957 e administrada pela estatal japonesa Jamic, atual Agência Internacional de Cooperação do Japão, o projeto ganhou este nome porque seus primeiros moradores, recém-chegados do Oriente, não conseguiam pronunciar Várzea Alegre em português.

A propriedade, que inicialmente contava com 36,3 mil hectares, servia de abrigo para acolher imigrantes de origem japonesa, na primeira grande imigração planejada no pós-guerra, época-auge da imigração no País. Por muitos anos, levas de imigrantes chegaram e saíram da colônia, que se manteve e hoje conta com 27 famílias. Eiji Kanekazi, diretor-presidente da Camva, relembra que, em setembro de 1962, a Cooperativa Agrícola Mista de Várzea Alegre ganhou vida própria. Segundo ele, pelo estatuto da época, a cooperativa realizaria vários tipos de atividades voltadas à produção agropecuária, mas o que acabou se destacando foi a avicultura de postura.

Em termos de manejo, desde o início dos trabalhos com avicultura a Camva usa tecnologias eficientes para aumentar e melhorar a produção de ovos. Quanto à nutrição, a fabricação de rações balanceadas é própria e os produtos finais são repassados aos parceiros a preços inferiores aos praticados no mercado.

Com o passar dos anos e o aumento do

consumo, motivado pelo próprio crescimento da produção, a diretoria da Camva viu-se obrigada a otimizar o sistema produtivo, com a construção de novas estruturas, melhoria da mão-de-obra e a utilização de matérias-primas de qualidade na formulação de suas rações, informa Jerônimo Vicenzi, responsável técnico da cooperativa e da Pinhal Repres. Ltda. A Tortuga fornece os suplementos minerais orgânicos usados nas rações. A produção mensal é de 1.500 toneladas de rações a granel.

Em relação ao mercado de ovos, o presidente da Camva diz que o momento está positivo. Mas Kanekazi informa que 2006 foi um ano de excesso de oferta. "Isso deveu-se a problemas na avicultura de corte, que reduziram as exportações de carne e inundaram o mercado de ovos". Tal situação, aliada ao aumento do número de granjeiros, provocou perda de mercado da cooperativa, que detém algo em torno de 60% do total no Mato Grosso do Sul.

A produção nas granjas cooperadas atinge 1.300 caixas de ovos/dia. O plantel é de 95.980 aves em produção. No total, os granjeiros ligados à Camva têm 610.320 aves, mais de 50% do total das aves de postura do Mato Grosso do Sul.

Como o consumo per capita de ovos no País permanece inalterado há vários anos, em torno de 124 unidades/habitante/ano, a Camva deve manter o volume atual de produção, em 2007. Na unidade de recebimento e classificação de ovos, instalada em Campo Grande, a cooperativa beneficia entre 1,5 mil e 2 mil caixas de ovos/dia.



Pecuária leiteira no bolsão sul-matogrossense

Sim, o Mato Grosso do Sul tem produção de leite. E em crescimento, como o projeto da Fazenda Santo Anastácio, de Aparecida do Taboado.

A fim de atender à demanda antiga da agroindústria do bolsão sul-matogrossense, um grupo de criadores formou a Associação dos Produtores de Leite de Aparecida do Taboado. Essa região, bastante conhecida pela pecuária de corte forte, sempre sofreu com a falta de regularidade no abastecimento de leite *in natura*, devido à ausência de uma cadeia de produção

Natural de Araraquara (SP) e filho de produtor rural no Mato Grosso do Sul, José Olavo Fucci, proprietário da Fazenda Santo Anastácio, é o pioneiro no leite de Aparecida do Taboado e demais cidades do bolsão, idéia amadurecida após viagem do criador, que hoje preside a associação dos produtores, aos Estados Unidos. Na ocasião, ele conheceu projetos bem-sucedidos, em uma região com o mesmo perfil socioeconômico e ambiental.

O projeto original, mantido até hoje, visa produzir bom volume de leite, a partir de pequenas propriedades rurais, sem que sejam necessários pesados investimentos. Em

companhia de outros produtores, Fucci também visitou fazendas no Paraná e em Santa Catarina, onde teve contato com rebanhos de alta produtividade e sistemas de produção intensiva, calcados em gramíneas de alta produtividade, em sistema de pastejo rotacionado e suplementação nos 305 dias do período médio da lactação.

Após a viagem, Fucci se encarregou de montar um projeto na Santo Anastácio para produzir leite usando genética especializada. Segundo ele, grande número de famílias nas cidades do bolsão tem rebanho leiteiro. “A questão é que a finalidade desses animais sempre foi produzir para a subsistência e pequenas vendas no comércio local”, comenta.

Hoje, ele investe em gado Holandês PO em um projeto que contou com assistência técnica profissional para ser elaborado, incluindo o dimensionamento das instalações às reais necessidades da produção. Outros 17 produtores integram a associação, contando com os serviços de um técnico custeado com recursos próprios, que acompanha passo a passo os investimentos. O grupo coleta diariamente cerca de 20 mil litros de leite *in natura*, volume entregue nos laticínios do estado. “Esse montante representa apenas 20% da demanda da agroindústria local, que precisa buscar leite em regiões distantes para continuar em funcionamento”, ressalta o criador.

O projeto da Santo Anastácio ocupa 14 hectares. A alimentação do gado é feita no sistema de piquetes de *Brachiaria brizantha*, adubados regularmente. O rebanho conta com 230 vacas, sendo 50% em lactação, condição que o produtor atribui ao rebanho com alto grau de genética holandesa e à escolha dos acasalamentos.

A produtividade média da fazenda é muito boa: 27 litros/animal/dia; o que proporcionalmente volume diário de 1.900 litros de leite *in natura*. O manejo nutricional é feito todas as manhãs, logo após a ordenha. Essa prática é repetida na ordenha da tarde. Há, ainda, a mineralização, feita segundo cada categoria animal, mais Bovipasto à vontade, no cocho. A reposição do plantel é feita anualmente, com vacas ao redor dos 27 meses de idade.

Boa gestão em espaço reduzido

Pecuarista mostra como atingir alta produtividade na pecuária em apenas 44 mil m²

Carregando a tradição familiar de quem cresceu vivenciando o trabalho do pai na pecuária de corte e aprendeu, desde cedo, a se defender dos altos e baixos da atividade, o engenheiro agrônomo Adalto Roberto Rodrigues, proprietário da Fazenda Lagoa Limpa, em Aparecida do Taboado, administra com a esposa Creunice Aniceto de Lima projeto de bovinos de corte que, apesar de modesto no tamanho, atinge índices de produtividade elevados.

Adalto explica que a produção de carne pelo sistema intensivo ganhou força depois que ele conheceu um projeto de produção leiteira, em Votuporanga (SP), de 850 litros de leite *in natura*, em apenas três hectares.

Com a orientação do médico veterinário Carlos Augusto, técnico da Tortuga, o pecuarista montou estrutura de recria e engorda com genética à base de cruzamento industrial, em 44 mil m² – equivalente a apenas 4,4 hectares – com taxa de lotação de 13,6 UA/ha/ano.

Dividida em dois corredores de 1.800 m², plantados com capim mombaça, base da alimentação do rebanho. Nenhuma novidade,

JOSÉ OLAVO, DA SANTO ANASTÁCIO: PIONEIRO E BEM-SUCEDIDO



ADALTO E A ESPOSA CREUNICE: PRODUÇÃO INTENSIVA



não fosse a opção pelo uso intensivo das pastagens, turbinando o sistema com adubações frequentes e irrigação por microaspersão em 141 pontos, com densidade de 4 mililitros/hora de água.

“Essa estrutura permite que Adalto trabalhe com manejo superintensivo, de alto desempenho em conversão alimentar, sem perdas do estande forrageiro”, explica o supervisor técnico da Tortuga, que compara o modelo de produção da Lagoa Limpa ao usado nos países desenvolvidos.

Os 61 animais de cruzamento industrial são manejados no sistema de pastejo rotacionado. Os bovinos ficam 24 horas em cada piquete, período considerado ideal pelo criador.

Assim que é liberada, a área recebe adubação nitrogenada à base de uréia e irrigação na densidade de 160 mm, em média. Carlos Augusto, da Tortuga, entende que esse manejo é o grande responsável pelos índices de produtividade elevados da propriedade. O sistema bastante simples é feito a partir de canos de PVC, com mangueiras e bicos aspersores, de custo baixo e durabilidade considerada satisfatória.

O sistema é mantido no esquema de rodízio, irrigando de três a quatro piquetes por vez, totalizando cerca de 10 horas/dia, trabalho regulado pelo volume de chuvas na região. Para o futuro, os planos envolvem o aumento da taxa de ocupação do terreno, com reposição de animais mais pesados, em torno dos 18 meses de idade e abate aos 24 meses. Com isso, pretende-se diminuir os custos com pastagem, por pisoteio e consumo animal, melhorando os índices atuais. No novo modelo, o produtor espera realizar 2 ou 3 abates por ano, engordando e terminando em, no máximo, 80 dias. “A única dificuldade será a reposição do plantel, uma vez que a região do bolsão não tem muita tradição na venda de bezerros”, ressalta Adalto.

Para acabar com a sazonalidade, a fazenda mantém 240 hectares arrendados para uma usina de álcool. Parte dessa área, será reservada para uso na alimentação do gado durante a seca. A estratégia prevê, ainda, uso de ração à base de caroço de algodão e Fosbovi Seca, da Tortuga. “O caminho para o pecuarista que trabalha em pequenas áreas passa, invariavelmente, pela otimização da produção”, destaca o criador, que relembra o pai que sempre praticou pecuária extensiva.

Geração de riqueza e qualidade de vida

Três Lagoas prepara-se para assumir o posto de capital da indústria no Mato Grosso do Sul. O pontapé já foi dado.

Vista do alto, Três Lagoas exibe geografia com belíssimas paisagens. Entre elas, destacam-se as três grandes lagoas que serviram de inspiração para dar nome à cidade e que, juntas, formam um cenário digno de cartão postal. Agora, engana-se quem imagina Três Lagoas como um município que sobrevive apenas de suas belezas naturais. Distante 324 km da capital Campo Grande, com pouco mais de 90 anos de fundação e população fixa de 78.389 habitantes, a cidade já é apontada como a próxima grande força industrial do Mato Grosso do Sul.

O motivo: a política progressista que a prefeitura adota há várias gestões e que tem se mostrado forte atrativo para empresários de diferentes setores, interessados em explorar o potencial da região, rica em diversidade socioeconômica e ambiental.

Além disso, seu parque industrial, considerado o segundo do estado em importância e potencial de geração de riquezas, possui localização estratégica.

Próxima à bacia do Rio Paraná, Três Lagoas está se tornando referência para organizações que atuam nos segmentos da geração de energias renováveis, principalmente, hidrelétricas e usinas de açúcar e álcool, que chegam em grande número à região. Outros atrativos na parte de fornecimento de energia são o gasoduto Brasil/Bolívia, que cruza grande extensão territorial do MS e a Termoeletrica de Três Lagoas, uma das sete existentes hoje no Brasil, e que ajudam a ampliar o leque de opções para as empresas que se instalam na região.

A proximidade com a fronteira de dois importantes centros consumidores da região Sudeste (São Paulo e Minas Gerais) e a qualidade de suas estradas, também fazem da região um pólo logístico de grande importância para a entrada e saída de matérias-primas, produtos e serviços do estado. Sua malha viária conta, ainda, com importantes ferrovias (Ferro Norte) e hidrovias, que ligam a região aos principais portos do Sudeste e do Sul do País.

E se não bastasse todos esses atrativos, a Prefeitura Municipal de Três Lagoas desenvolve política de incentivos fiscais, para tornar a região ainda mais atraente ao em-

presariado de outros estados. Simone Tebet, filha do ex-prefeito, ex-governador do Mato Grosso do Sul e, nas últimas décadas, Senador da República, Ramez Tebet, está na sua primeira gestão à frente da prefeitura de Três Lagoas. Ela informa que o crescimento do município pode ser atribuído a uma conjunção de fatores positivos, que têm ligação com a geração de divisas, preocupação socioambiental e, principalmente, melhor distribuição de renda entre a população.

De acordo com a prefeita, por conta do consistente trabalho que envolve ações concretas de infra-estrutura e criação de políticas públicas de incentivos fiscais, só na última década a cidade integrou 20 novas empresas ao seu parque industrial. Entre elas, Mabel, Metalfrio e, mais recentemente, International Paper e Grupo Votorantim, que inauguraram uma fábrica com investimentos de US\$ 1 bilhão. No total, o município já acumula R\$ 5,5 bilhões investidos pela iniciativa privada.

Essa situação permite ao município gozar de certo prestígio, pelo considerável repasse do ICMS – mais importante imposto estadual cobrado pela circulação de produtos e serviços – ao governo do estado. Além disso, algumas empresas ainda ganham isenção no âmbito municipal, anistiadas do IPTU (Imposto de Propriedade) e do ISS por cinco anos, além de doação de terrenos no parque industrial da cidade.

A contrapartida vem na gestão dos recursos socioambientais. A prefeitura tem posição bastante austera na emissão e no tratamento de resíduos e efluentes gerados pelas indústrias e pela agropecuária.

SIMONE TEBET (PREFEITA DE TRÊS LAGOAS): O MUNICÍPIO ATRAI MAIS EMPRESAS



Árabe, o cavalo bom de serviço

Jairo Queiroz Jorge busca na força de pedigree fechado há milênios o diferencial para ganhar mercado e consolidar o Árabe como o cavalo de lida do peão brasileiro

A criação de cavalos Árabe do Haras dos Faveiros, em Três Lagoas, é modelo de eficiência produtiva, aliada à preocupação com o bem-estar animal, em condições bastante simples de criação. É assim que, há mais de 20 anos, Jairo Queiroz Jorge conduz sua tropa, que reúne algumas das mais importantes linhagens da raça no mundo e já produziu exemplares de inigualável valor genético.

Todo seu conhecimento, que vem de muitos anos de estudos sobre a história das primeiras linhagens, permite ao criador falar com autoridade sobre a genealogia do cavalo Árabe, raça com pedigree fechado três mil anos antes de Cristo. “Não se permite cruzamentos entre cavalos Árabes com o objetivo de torná-los puros”, enfatiza Jorge, que demonstra verdadeira paixão pela raça que cria e aprendeu a amar pela influência de amigos, como Orestes Prata Tibery Jr., amigo e selecionador até há pouco tempo.

Numa visita ao haras da Fazenda São João, propriedade da família Tibery, Jairo Queiroz Jorge relembra a primeira impressão do Árabe, de muito beleza racial e movimentação elegante. “Agora, o que realmente me impressionou foi o comportamento dócil”, diz.

No começo, a falta de conhecimento fez o criador buscar a orientação de selecionadores mais experientes, caso do Haras AF, de Aloísio Farias, grande importador de cavalos

Árabe dos Estados Unidos. Seus animais serviram de base na formação genética da tropa do Haras dos Faveiros. Um complicador na época, início da década de 1980, era o mercado, que vivia seu apogeu, o que levava um exemplar a custar verdadeira fortuna, lembra Jairo, que recorda como foi difícil formar sua primeira tropa.

Em 1987, nasceu Don El Chall, considerado um marco da raça não só pelo criador, mas por toda uma geração de selecionadores que o elegeram divisor de águas da seleção nacional. Garanhão excepcional, ele ajudou a alavancar a genética do haras, tornando-o mundialmente conhecido. Anos depois, sua progênie mostrava o porquê de tanto barulho, formando campeões na Europa, Ásia, EUA e também no Brasil. Além de Don El Chall, o Haras dos Faveiros conta com vários destaques, como Dream World, Power JQ e Prime Obsession JQ. E tem em sua galeria de troféus os títulos de melhor criador na Nacional da Raça em 2005 e também de melhor expositor naquele ano.

O segredo, na opinião do criador, está no manejo usado na Fazenda das Acácias, que não tira dos animais aquilo que, na sua visão, é da maior importância para eles: o contato com a natureza. Durante a maior parte do tempo, a tropa é mantida em regime de pasto de capim Áries e Tifton 85, e suplementação

mineral. Por anos, a propriedade usou Coe-qui Plus e, mais recentemente, passou a oferecer Kromium, o novo suplemento mineral da Tortuga. “Cada animal recebe no cocho 2,5 quilos de ração/dia, sempre na primeira hora da manhã. E isso faz toda a diferença”, ressalta o criador.

“Faço isso para atender uma exigência da raça, que apresenta indivíduos de personalidade forte. Assim, cada animal é levado ao cocho individualmente para o arraaçoamento. Esse trabalho é feito diariamente com todo o plantel, que totaliza 80 cabeças, sendo 70 matrizes aproximadamente”, explica Jairo.

Segundo ele, o mercado busca o animal racialmente perfeito e com porte atlético. Isso significa que, além da beleza racial, a funcionalidade é um atributo imprescindível, pois a raça nasceu com a finalidade de serviço e precisa atender bem essa exigência. “Mais vale o fazendeiro ter um cavalo bom na tropa do que cinco cavalos com desempenho fraco, que vão comer cinco vezes mais pelo mesmo serviço”, destaca Jairo, que coloca toda a sua experiência para produzir animais equilibrados na conformação racial, o que, na prática, significa indivíduos de ossatura forte, articulação correta, agilidade e precisão nos movimentos.

Tudo começa na escolha dos melhores reprodutores e matrizes para o melhor direcionamento dos produtos, de acordo com as exigências do mercado. A partir da cartilha da Associação Brasileira dos Criadores de Cavalo Árabe, são feitas as avaliações e testes de performance produtiva, dando continuidade ao trabalho de melhoramento. No Haras dos Faveiros, essa seleção começa com a equipe de peões, com larga experiência na criação de eqüinos, já no nascimento, quando os potrilhos são avaliados em termos de conformação racial.

Na visão do criador, a pista de julgamentos é outro balizador importante para avaliar e comparar seu trabalho. Sempre que possível, jurados de outros países vêm ao Brasil avaliar o trabalho aqui. Por outro lado, os criadores, sempre que podem, vão ao exterior conhecer fazendas e buscar genética diferenciada. “Eu gosto de fazer esse tipo de viagem”, informa Jairo.

JAIRO QUEIROZ E EQUIPE DA TORTUGA:
MELHORAMENTO CONTÍNUO PROPORCIONA RESULTADOS



De olho em novas conquistas

Grupo Brookfield investe para conquistar seu espaço no circuito das grandes exposições agropecuárias do País.

Braço agropecuário do grupo Brookfield, do empresário Carlos Manuel Antunes, a Fazenda Beatriz, propriedade de cinco mil hectares, localizada em Brasilândia, é parte de um complexo que engloba outras sete fazendas na região de Três Lagoas, integradas em um projeto de pecuária de corte de recria e engorda, desenvolvido nas condições de criação extensiva do Centro-Oeste brasileiro.

“O trabalho segue a mesma filosofia do patriarca, que é aplicar nos negócios a mesma seriedade e transparência do trabalho de mais de 30 anos do grupo Via Veneto, detentor da marca Brookfield, encarado como a chave para conquistar a confiança dos clientes”, destaca Fernando Lopes, gerente da Brooks Agropecuária, há dez anos no grupo.

Após 12 anos de investimentos na pecuária de corte do Mato Grosso do Sul, atuando como invernista na engorda e terminação de bovinos, o empresário decidiu apostar no futuro da atividade no estado, reestruturando o projeto, inclusive, para atuar no segmento de gado de elite.

Esse trabalho tem como finalidade ampliar a base genética do plantel Nelore PO da Brooks, introduzindo sangue de linhagens consagradas na raça ao que já existe no trabalho de seleção da Fazenda Beatriz. “O banco genético da Brooks já conta com descendentes das matrizes Bilara, Ópera, Riatina e Lila, além das doadoras da casa, como Ellen da Brooks, totalizando o time de pista de 20 fêmeas, escolhidas com o máximo rigor entre 60 animais de excelente padrão genético”, destaca Lopes.

Para dar suporte técnico a esse projeto, a Brooks contratou o consultor técnico em agropecuária, Marcos Lacerda, responsável por cuidar do rebanho elite da Brooks e promover o melhoramento genético do plantel. Aproveitando as pratas da casa e direcionando muito bem os cruzamentos, em pouco tempo a fazenda espera entrar definitivamente para o time dos grandes criatórios de seleção da raça Nelore.

Lacerda ressalta que o foco da fazenda é vender reprodutores Nelore de qualidade diferenciada para o mercado de reposição. “Animais que possam agregar nos rebanhos características de interesse comercial desejadas pela pecuária”, explica o técnico. Para isso, a fazenda já participa do Programa de

Melhoramento Genético da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), que envolve avaliações do rebanho sobre pontos importantes na reprodução. Há planos, ainda, de colocar o rebanho PO da Brooks nos Programas de Melhoramento Genético da Embrapa Pecuária de Corte (Campo Grande, MS) e da USP, campus de Ribeirão Preto (SP).

O processo é rigoroso. As avaliações comecem no nascimento, com pesagem e teste de caracterização racial. À desmama, o bezerro é novamente pesado e classificado segundo os critérios de seleção do programa de avaliação de performance produtiva. Na fase reprodutiva, os machos passam por exame andrológico e as fêmeas são testadas na monta precoce, para medir sua precocidade sexual. Marcos Lacerda se diz bastante satisfeito com os avanços conquistados pelo rebanho da Brooks, que mantém taxa de aproveitamento de 30% nos cruzamentos, quando a média nacional não passa de 5% dos nascimentos por geração.

Os primeiros resultados em pista já comprovam a evolução genética do rebanho, ressalta Lacerda. “O objetivo do constante aprimoramento genético também é servir de base para o carro-chefe dos negócios da Brookfield Agropecuária, que é a produção de carne bovina de qualidade para o mercado”, completa o consultor.

Só para dar um aperitivo do que a Brooks pensa para o futuro, Marcos Lacerda projeta para 2008 a participação mais intensa da Fazenda Beatriz no Ranking Nacional de Exposição da ACNB.

EQUIPES DA BROOKS AGROPECUÁRIA E DA TORTUGA: INVESTIMENTO PARA CHEGAR AO TOPO



**ESTES PRODUTOS GERAM RESULTADOS.
PODE USAR!**



**AUMENTA O
PESO DO ANIMAL.**



**MANTÉM A PRODUTIVIDADE
NOS PERÍODOS DE SECA.**



**Veja a diferença.
Use Tortuga.**

- . Minerais orgânicos;
- . Tecnologia de ponta reconhecida em mais de 15 países;
- . Acompanhamento técnico e programas de nutrição personalizados.



NUTRIÇÃO E SAÚDE ANIMAL